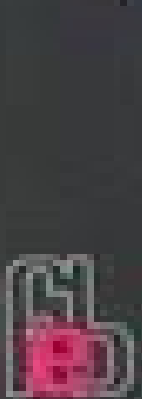
O SER SUBCONSCIENTE

GUSTAVE GELEY



1

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

www.autoresespiritasclassicos.com

Gustave Geley

(1868 – 1924)

O Ser Subconsciente

Ensaio de síntese explicativa dos fenômenos

obscuros de Psicologia normal e anormal

Conteúdo resumido

Gustave Geley, cientista francês, foi um dos estudiosos que compreenderam a magnitude e o alcance da Revelação Espírita, dedicando-se a recolher informações, fatos e fenômenos que, à luz do conhecimento científico, tornavam inequívoca a intervenção espiritual, contes-tada por alguns cientistas.

Nesta obra, Geley faz um estudo científico dos fenômenos obscuros da psicologia normal e anormal. Oferece esclarecimentos sobre os problemas psíquicos do Ser. Apresenta assuntos como explicação do mal, filosofia palingenésica, interpretação dos sonhos, leis naturais de evolução, personalidade dupla e sugestão mental.

Aborda temas de grande importância na psicologia humana, como:

• desigualdades intelectuais e morais;

• hereditariedade física, herança espiritual;

• sono e fenômenos psíquicos inconscientes;

• neuroses, psicoses, síndrome de personalidades múltiplas;

• hipnose, sonambulismo, lucidez;

• ações de pensamento a pensamento, telepatia, sugestão;

• mediunismo – manifestação de desencarnados através de encarnados;

• a reencarnação ou palingenesia;

• as conseqüências morais e sociais do reconhecimento da preexistência e sobrevivência do Espírito.

3

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Sumário

Explicação

Introdução – Do método e da evolução da filosofia científica

Primeira Parte

Estudo dos fatos obscuros de psicologia normal e anormal – Ensaio

de síntese explicativa

Capítulo Primeiro – Fatos obscuros de psicologia normal

I – É possível reduzir toda a psicologia ao funcionamento dos centros

nervosos?

II – Dificuldades de interpretação fisiológica no campo da psicologia normal

Capítulo Segundo – Fatos obscuros de psicologia anormal

I – As neuroses

II – As manifestações de personalidades duplas ou múltiplas no mesmo indivíduo (além dos estados hipnóticos ou mediúnicos)

III – O hipnotismo

IV – A exteriorização da sensibilidade

V – Lucidez

VI – Exteriorização da motricidade e sua ação a distância

VII – Ação a distância sobre a matéria por uma faculdade organizadora ou desorganizadora

VIII – Ações de pensamento a pensamento

IX – O mediunismo

X – Resumo das verificações e hipóteses relativas aos fatos obscuros de psicologia normal e anormal

Capítulo Terceiro – Interpretação das hipóteses novas: exteriorização, subconsciência superior

I – Relações da hipótese “exteriorização” e da hipótese “subconsciência superior”

II – Origem do ser subconsciente exteriorizável

III – O ser subconsciente exteriorizável é o produto sintético de uma série de consciências sucessivas que nele se embasam e que pouco a pouco o constituíram

Capítulo Quarto – Teoria sintética da psicologia segundo as novas noções

I – Concepção geral dos fenômenos psicológicos. Os dois psiquismos, sua natureza e seu papel

II – Interpretação das dificuldades na psicologia normal

III – Explicação das neuroses

IV – Interpretação dos casos de personalidades múltiplas e, de um modo geral, das alterações da personalidade

V – Interpretação dos sonos

VI – Interpretação do hipnotismo

VII – Explicação das ações a distância e das ações de pensamento a pensamento

VIII – Explicação da telepatia

IX – Explicação de casos de lucidez

X – Explicação do mediunismo

XI – Conclusão e resumo

Capítulo Quinto – Objeções e teorias opostas

Uma teoria de transição (O sistema do Prof. Grasset)

Segunda Parte

Esboço de uma filosofia idealista baseada sobre as novas noções

Capítulo Primeiro – A filosofia palingenésica

I – A evolução da alma

II – Explicação do mal

III – Conseqüências morais e sociais

Capítulo Segundo – Induções metafísicas

I – As grandes leis naturais da evolução

II – Modo de aplicação geral das leis evolutivas

III – Adaptação das novas noções à filosofia monista

IV – Conclusão

Apêndice

5

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Explicação

Quando, em 1889, o Dr. Gustave Geley entregava ao público *O Ser Subconsciente*, provavelmente não imaginava o inestimável trabalho que prestava ao mundo científico e cristão, quanto ao testemunho que assinava; testemunho em prol dos princípios propagados a viva voz pela Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec. Toda a verdade fura o bloqueio maciço do inconformismo, sobrevive às investidas desnorteadas do obscurantismo, galga as encostas pedregosas do tempo, atravessa os séculos e brilha intensamente, quanto mais intenso for o quilate de pureza que abarque.

Há sempre, no entanto, necessidade de difusão da verdade, qualquer que seja ela, pelos meios convenientes à grandeza que encerre: se verdade científica, meios científicos; se verdade religiosa, meios religiosos; se verdade filosófica, meios filosóficos. Por isso, a difusão espírita deve ser conscienciosa, imparcial, moralizada, filosófica, científica, cristã, numa palavra, o que não se atenha às regras da cristandade não pode ser tido como autenticamente espírita.

Mas, sempre que revelações de grande envergadura entram em contato com a relatividade do homem, há choques os mais variados. Daí a eficiência do estudo científico, a propriedade da argüição filosófica, a procedência da edificação evangélica. Só com a argumentação científica não há base sólida; só com raciocínios filosóficos não existe equilíbrio; simples entendimento moral, sem assimilação integral, não possibilita sobrevivência do novo corpo.

Nenhum pássaro voa com uma só asa. Cada ser humano apresenta necessidades peculiares que, na medida do possível e do racional, devem ser atendidas. E é precisamente neste ponto que a unidade das duas asas faz-se imperiosa. O homem que entende essa unidade está de posse da chave certa que abre as portas do reino dos céus.

Geley conseguiu atingir semelhante alvo. Foi cientista moralizado; moralizador dono de grande ciência. Foi filósofo e foi caritativo, porque soube compreender a sede de saber que ardia dentro de cada um. E, principalmente, foi trabalhador conscienciosо porque se deu ao mundo científico de então, visando ao mundo moralizado do futuro.

A profundidade que ressuma das páginas de *O Ser Subconsciente* é o canto de vitória do justo, a cartilha do estudioso, o bálsamo do viajor esgotado... e a fonte cristalina que recebe a transcendental busca da humanidade. *O Ser Subconsciente* é desses livros que enobrecem a biblioteca espírita; é o pequeno grande livro do Espiritismo.

Nele encontramos o raciocínio preciso, a forma adequada, a perspicácia que não alfineta e a simplicidade tocante, esta última, aliás, a marca registrada do Dr. Geley, o trunfo que lhe assegurou o agrado de todos os seus leitores.

Eis por que procuramos, nesta tradução, adaptar, na medida do possível, a fluência rítmi-ca da língua francesa à modulação expressiva do idioma português, obedecendo, contudo, à forma de pensar característica do francês, de modo a que o estilo de Geley não fosse prejudi-cado de feição irremediável.

É tarefa altamente feliz o entregarmos, agora, ao espírita brasileiro *O Ser Subconsciente*.

Feliz não porque tenhamos efetuado algo digno de glória – que, absolutamente, não o é –, mas porque temos a certeza de que o presente trabalho será altamente proveitoso para quantos queiram aprofundar seus conhecimentos da Doutrina Espírita que o amor de Deus e o amor do Cristo – estes sim, glórias do Universo – entregaram ao mundo.

Praza aos céus que todos nós, estudando conscienciosa e imparcialmente esta primeira grande obra de Geley, consigamos penetrar um pouco mais nos ainda hoje mistérios da mediunidade, caminhando, desse modo, mais alguns centímetros na estrada do conhecimento iluminado pela fé cristã em que o mundo inteiro precisa viver.

Rio de Janeiro, 30 de maio de 1974.

O tradutor

Introdução

Do método e da evolução da filosofia científica

A filosofia do futuro será, com toda a certeza, uma filosofia científica, baseada sobre conhecimentos positivos e guiada, em suas deduções e em suas hipóteses, pelo espírito científico.

É nesse ponto que encontramos uma verdade sem dúvida banal, mas cuja proclamação em altas vozes se nos impõe, como decorrência dos ataques audaciosos de uma certa escola.

Com muita propriedade, o Sr. Berthelot exprimiu o que devia ser essa filosofia, que ele chama de ciência ideal:**1**

“Aquém, como além da cadeia científica, o espírito humano incessantemente concebe novas ligações; no terreno do que é por ele ignorado, vê-se conduzido a construir e a imaginar, graças a uma força invencível, até que haja remontado às causas primeiras...

“Essas realidades ocultas, essas causas primeiras são vinculadas aos fatos científicos, de modo fatal, e o espírito humano – que assim procede – reunindo o todo, forma um conjunto, um sistema que abraça a universalidade das coisas materiais e morais...

“A fim de construir a ciência ideal, existe apenas um meio: o da aplicação de todas as ordens de fatos que possamos alcançar à solução dos problemas que essa ciência nos propo-nha... Nesse comenos, cada ciência contribuirá com os mais generalizados resultados...

“Devemos confessar que a verdade não poderia ser atingida pela ciência ideal com a mesma facilidade e certeza com que o seria pela ciência positiva...

“Com efeito, aquela não se acha inteiramente formada, como a ciência positiva, por uma trama contínua de fatos encadeados com o auxílio de relações certas e demonstráveis. As noções gerais às quais chega cada ciência em particular são disjuntas e separadas umas das outras, não só dentro de uma mesma ciência como de uma para outra. Para reuni-las e com elas formar um tecido contínuo, será mister recorrer aos “tenteios” e à imaginação, bem como preencher os vazios e prolongar as linhas. .

“Desse modo, enquanto a ciência positiva é para sempre e definitivamente constituída, a ciência ideal varia e variará sempre, incessantemente.”

A filosofia, portanto, não se há de separar do método científico, ainda quando vá além dos fatos. Avançará sempre, com muita prudência, do conhecido ao desconhecido, não admitindo senão as deduções perfeitamente lógicas e racionais; no terreno das hipóteses, não criará senão as que sejam rigorosamente necessárias e apenas lhes conferirá caráter provisório.

Não hesitará em sacrificar as hipóteses tornadas insuficientes ou reconhecidas em contradi-

ção com um só fato que esteja bem estabelecido.

Sendo a ciência indefinidamente progressiva, a filosofia científica assimilar-lhe-á esse característico, sendo, por conseguinte, variável.

Igualmente, verificamos que, decorrido menos de meio século, *o caráter geral da filosofia científica sofreu transformações radicais*; e isso é facilmente observável pelo prodigioso vôo de emancipação das ciências modernas.

O *monismo* naturalista surgiu a partir do momento em que o materialismo puro ingres-sou em estágio de maior avanço.

8

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

O próprio monismo encontra-se na iminência de sofrer uma evolução capital, graças ao recente desenvolvimento da psicologia, devendo, então, desaguar numa interpretação racional do universo e da vida; satisfação plena, tanto do ponto de vista idealista quanto do moral.

O materialismo puro aparecia como se houvesse encontrado sólida base científica, cujas raízes estariam enterradas nas grandes descobertas das ciências naturais e na teoria trans-formista.

Tudo parecia ter explicação natural na evolução progressiva da matéria, conjugando, por uma transição insensível, as formas inferiores da vida e da inteligência às formas superiores.

Uma vez que já se achava exaustivamente provado que existia uma estreita correlação entre a extensão da consciência e o desenvolvimento dos centros nervosos, do mesmo modo que essa consciência parecia subordinada ao bom estado e ao bom funcionamento do sistema nervoso, nada mais havia a esperar da sobrevida da inteligência depois da destruição do organismo.

Mas, a doutrina materialista não se devia manter por longo tempo na sua integralidade.

Inicialmente, a concepção de evolução, tal como a admitia a ciência natural, chocava-se com grandes dificuldades filosóficas.

Com efeito, o conhecimento das condições evolutivas essenciais (influência do meio, sele-

ção natural, etc.) não pode excluir *a idéia de causa primeira ou de causa final*.

Volumes e volumes foram escritos com vistas a essa demonstração.

Eis o mais comprobatório e cientificamente deduzido argumento em torno do assunto: *em nenhum caso, o "mais" pode proceder do "menos" se o "menos" não contiver potencialmente todas as possibilidades do "mais"* .

Admitir o contrário é, de fato, ilógico e anticientífico.

O carvalho está contido na glande, uma vez que a glande contém em gérmen o carvalho futuro; mas, o carvalho não poderá ser derivado de uma semente vegetal inferior, ainda que essa derivação seja extremamente lenta, a menos que nela ele já esteja contido em essência.

As condições de evolução verificadas não são, portanto, a causa suficiente.

As transformações progressivas só podem ser concebidas como possíveis na hipótese de se supor estarem potencialmente contidas no elemento original mais simples, qualquer que seja ele, colocado na base da evolução.

O raciocínio é rigoroso e parece cientificamente irrefutável. Por conseguinte, bom ou mau grado, é-se conduzido à pesquisa dessa causa primeira, que se esperava evitar.

Outra dificuldade: a matéria, tomada como base da evolução, não mais ofereceria o sólido ponto de apoio que se acreditava nela encontrar.

Suas qualidades as mais essenciais – expansão, impenetrabilidade – apareciam como efetivamente ilusórias, sempre que submetidas à análise. De solidez, os sólidos somente apresentavam a aparência, e essa aparência era essencialmente relativa aos nossos sentidos.

Com Ampère, Faraday, Tyndall, etc., não mais se poderia enxergar num corpo tido como sólido nada além de um agregado de milhares de átomos

móveis, gravitando uns em volta dos outros, não se tocando em parte alguma e separados por distâncias relativamente considerá-

veis.

O átomo, ele próprio, já agora aparecia como uma necessidade de lógica, uma cômoda ficção sem realidade verdadeira. O atomismo transformava-se em dinamismo: o átomo não

era mais do que um *turbilhão* (Helmotz), um *centro de forças*; e as forças, por sua vez, levavam logicamente ao movimento.

As descobertas recentes da radioatividade da matéria dão forte apoio às concepções di-nâmicas, mostrando-nos – na agregação de elementos que constituem o átomo químico –

reservas de energia formidáveis, antes inimagináveis.

O materialismo, portanto, *não apresenta a mais que o espiritualismo nem valor nem importância científica*.

"O materialista – Guyau assevera, **2** admiravelmente –, crê praticar ciência positiva; ele mesmo, no entanto, assim como o idealista, realiza "poesia metapsíquica"; acontece apenas que seus poemas, com suas construções imaginativas, são escritos em língua de átomos e de movimentos, ao invés de o serem em língua de idéias... Esses dos nossos sábios que de tal modo especulam a respeito da natureza das coisas são Lucrécias que se ignoram."

Em realidade, o único sistema de filosofia científica atual é o monismo, com sua grandiosa concepção de um *princípio único*, ao mesmo tempo inteligência, força e matéria, englobando tudo o que existe e tudo o que é possível, causa primeira e causa final, cujas diferenciações são meras formas diversas de movimentos.

Essa doutrina acha-se de acordo com todas as verificações científicas, apoiando-se não somente nas ciências naturais, como em tudo o que nos ensina a física, a mecânica e a química, na tangente da imortalidade da matéria e da força; lançando base, do mesmo modo, nas suas transformações e na sua unidade provável.

As conseqüências do monismo são das mais importantes.

Inicialmente, *trata-se da rejeição definitiva da concepção de uma divindade exterior ao Universo*, mas não da divindade.

Essa é, com efeito, uma "hipótese inútil", conforme ao velho e irrefutável argumento panteísta que nos mostra a causa primária já por si só sem causa, como totalmente incompreensível para nós, tanto fora do universo, quanto nele mesmo; de maneira que, colocar essa causa primária fora desse contexto é simplesmente aumentar a dificuldade, sem a resolver.

No mais, ainda do ponto de vista moral, estamos em face de uma hipótese verdadeiramente pouco racional, como bem o demonstrou Guyau. A despeito das sutilezas teológicas e dos paradoxos do otimismo, o Deus Todo-poderoso seria responsável por todo o mal verificado no universo.

Pareceria mais lógico atribuir o mal à natureza cega:

Se há malvados, verdugos mais não há,

E inocentemente a natureza mata.

Eu vos absolvo, sol, espaço, céu profundo,

Estrelas que deslizais, palpitando na nuvem,

Grandes seres sem fala que não sabem o que fazem.

(Guyau, *Versos de um filósofo*)

Serão as condições do monismo naturalista mais satisfatórias do que aquelas do materialismo puro?

Sem dúvida; isso do ponto de vista metafísico, uma vez que sua essência panteísta suprime as dificuldades desse sistema.

Não, do ponto de vista moral.

10

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Em vão Haeckel pretende colocar no monismo – tal como o concebe – uma espécie de ideal religioso. Falta-lhe, no entanto, tudo o que em essência caracteriza as religiões; uma explicação do Universo, não somente do ponto de vista físico, mas também moral; uma esperança e uma consolação. Faz-nos em vão entrever como explicação do mal o aprimora-mento da espécie e a felicidade futura.

A perspectiva do aperfeiçoamento da espécie, não rigorosamente correta, aliás, não passa de relativa compensação ao sacrifício da individualidade, aos incompensados sofrimentos dos seres viventes. As esperanças de justiça e de felicidade pessoal tomam cores desmaiadas e, desde já, o pessimismo aparece como conseqüência inevitável dessa interpretação científica do Universo.

Nenhuma das objeções feitas ao pessimismo podem manter-se de pé diante da simples e antiqüíssima verificação da predominância das dores sobre os prazeres, na vida terrestre.

Essa predominância é, ai de mim, inegável!

Evidencia-se, primeiramente, para todos os homens um pouco elevados.

Seus prazeres, exceções feitas, não são completos; ressentem-se eles da limitação de suas forças e de suas faculdades, da impossibilidade de realizar suas esperanças, bem como da de atingir plenamente seus ideais.

Por outro lado, sua sensibilidade muito desenvolvida multiplica-lhes as ocasiões dolorosas, e a própria dor e o instinto – ou a consciência da

universal solidariedade – obrigam-nos a se ressentirem de todas as misérias, injustiças e sofrimentos, próximos ou afastados.

Para os medíocres, que constituem a massa da humanidade, as conclusões pessimistas são menos evidentes. A existência terrestre com freqüência parece oferecer-lhes um grau satisfatório de felicidade, uma vez que suas faculdades físicas e psíquicas, sua elevação moral e sua sensibilidade são adequadas às condições vitais ambientes.

Indubitavelmente, essas criaturas não são passíveis de experimentar dessas grandiosas sensações de emotividade sublimada, que elevam o ser esclarecido a um plano superior ao das realidades banais; vêem-se eles abraçados por uma multidão de pequeninas satisfações, infinitamente mais freqüentes e, para eles, plenamente satisfatórias.

Se não evitam o mal, permanecem, de um modo geral, inacessíveis ou pouco sensíveis a numerosos motivos de sofrimentos que, incessantemente, afetam os mais bem dotados seres.

Apesar de tudo, parece, de fato, que, mesmo em relação aos homens medíocres, a soma de sofrimentos equilibra-se com a dos prazeres.

Prova acessória, mas nem por isso pouco interessante, de que a vida terrena confere poucas satisfações reais, está na utilização perpétua e no abuso freqüente que, em todos os tempos e lugares, a humanidade fez dos narcóticos.

Estes são variáveis, mas, na essência, serão sempre: álcool, erva-santa, haxixe, ópio, éter, etc., isso pouco importa; parece que o homem, na obtenção de algumas ilusões, ou, simplesmente, de repouso e esquecimento, não pode dispensar um ou outro deles.

Além disso, ao lado desses narcóticos orgânicos, quantos *narcóticos morais*, de ainda maior potência: quimeras religiosas e superstições, devaneios místicos, crenças maravilhosas, *etc*.

De qualquer modo, não se trata – tanto quanto os narcóticos – de ilusões reconfortado-ras, às quais o mais infeliz dos homens luta por não renunciar,

e que o fazem amar a vida, menos pelo que lhe confere do que por aquilo que o leva a esperar?

11

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

A existência individual toma os ares de um mal se, privada de suas ilusões, ela assim se desenrola, do nascimento à morte.

Essa não é, felizmente, a conclusão definitiva da filosofia científica. Novos conhecimentos no domínio da psicologia teórica e experimental talvez permitam uma conclusão inteiramente diferente.

O monismo não é inconciliável com as esperanças da imortalidade individual.

A partir do momento em que a inteligência não mais é considerada como uma secreção da matéria, e sim como um modo de movimento do princípio único, não mais há lógica na afirmação do aniquilamento da inteligência pela morte do organismo. “Freqüentemente opõem ao nosso monismo – diz Haeckel – o fato de que ele recusa de modo peremptório a existência da imortalidade. No entanto, não há verdade nisso... O universo, em seu conjunto, é imortal. O perecimento no seio do universo da menor parcela de matéria ou de força é tão pouco provável quanto a morte dos átomos do nosso cérebro, ou das forças do nosso espírito.”

E, prossegue o precitado autor, proclamando que o que desaparece pela morte é simplesmente a consciência, a memória individual. A força-inteligência do ser desagrega-se e transforma-se, como, em si mesma, se desagrega e se transforma a matéria orgânica.

Mas, estamos em face de mera afirmação, nada provando a impossibilidade de demonstração em sentido contrário. Guyau previa a iminente evolução da filosofia científica num sentido idealista: “O século XIX – diz ele – aportará a descobertas ainda mal formuladas – e igualmente importantes –, talvez, no mundo moral; tão importantes quanto as de Newton ou de Laplace, no mundo sideral...” **3**

Na sua *Irreligião do futuro*, em importante capítulo, o mencionado autor estuda a possibilidade da *imortalidade no naturalismo monista*. A imortalidade, segundo ele, poderia trans-formar-se em aquisição final da evolução.

Poderia ser também o resultado de uma espécie de penetração recíproca das consciências superiores, que encontrariam seguimento umas nas outras. E o que há de melhor na consciência individual poderia permanecer na consciência de um ser animado, mantendo-se-lhe unida após a morte.

Aí estão concepções invulgarmente belas, embora excessivamente vagas e imprecisas, se tomadas, no dizer de Guyau, como elementos de satisfação de nossas esperanças de imortalidade.

Seja-nos permitido tomar a fio um estudo metódico sobre algumas das descobertas previstas por esse grande pensador, descobertas essas recentes e ainda obumbradas, as quais, porém, a filosofia não mais tem o direito de desdenhar.

Talvez, no decorrer do tempo, venhamos a hesitar na proclamação da quimera da concepção da *imortalidade no naturalismo monista*.

12

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Primeira Parte

– Estudo dos fatos obscuros de

psicologia normal e anormal

– Ensaio de síntese explicativa

13

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Capítulo Primeiro

Fatos obscuros de psicologia normal

– A função cerebral e os fenômenos conscienciais. – A psicologia pode ser inteiramente reduzida ao funcionamento dos centros nervosos? – Exame dos fatos ainda obscuros de psicologia normal. – A impotência da anatomia e da fisiologia para dar interpretação completa ao problema. – Os fenômenos psíquicos inconscientes e o automatismo psicológico. – A inspiração genial. – Hipótese de uma subconsciência superior distinta da subconsciência automática. – O

sono. – Explicação fisiológica do sono. – Inexistência de explicação psicológica racional do sono. – Verificação de dois fenômenos aparentemente contraditórios no sono: diminuição de atividade funcional e persistência ou aumento de certos modos de atividade psíquica.

I

É possível reduzir toda a psicologia ao

funcionamento dos centros nervosos?

Essa questão, que foi objeto de tantas controvérsias teóricas, parecia cientificamente resolvida de modo afirmativo, antes das pesquisas experimentais modernas.

Os argumentos levantados em favor de uma solução contrária consistiam especialmente em objeções de ordem idealista e moral.

Verificações positivas: estreita correlação entre o desenvolvimento dos centros nervosos e o alcance da consciência; entre a atividade e a regularidade das manifestações intelectuais e a atividade e regularidade do funcionamento cerebral.

Tão pronunciada se mostra a dependência da psicologia em relação à fisiologia, que o mínimo problema patológico, traumático, tóxico, etc., desde que atingindo direta ou indiretamente os centros nervosos, é suficiente para sobreexcitar, amortecer ou desnaturar as manifestações da alma.

Diante dessas verificações, nada teríamos a opor, senão uma objeção de caráter dubitati-vo: a correlação psicofisiológica talvez dependesse, conforme se dizia, não da subordinação absoluta, mas da associação de um princípio psíquico ao organismo, princípio esse independente em sua origem e em seus fins.

Como se tratava de hipótese facultativa e de nenhum modo indispensável, pareceria conforme ao espírito científico a sua simples e pura rejeição.

No entanto, isso não significa que não tenhamos passado por sérias dificuldades na interpretação fisiológica de um grande número de fatos psíquicos, como, por exemplo: a preservação da personalidade, não obstante a contínua renovação das moléculas cerebrais; **4**

as consideráveis desigualdades intelectuais entre indivíduos de origens vizinhas; a congérie de certas faculdades inatas; as discrepâncias entre a hereditariedade física e a psíquica; o sono, *etc*.

De qualquer modo, essas dificuldades, de importância diversa e diversamente apreciadas, não podiam abalar seriamente a hipótese fisiológica: *a alma é função do cérebro*.

Com os recentes progressos da psicologia (tanto no domínio teórico quanto no experimental), as dificuldades de interpretação fisiológica multiplicaram-se a tal ponto que passa-ram a legitimar e a impor *a dúvida*.

Atualmente, pode e deve perguntar-se não se a antiga hipótese fisiológica é falsa, mas se ela é suficiente. E, evidentemente, não seria o caso de negar-se a importância do funcionamento cerebral, mas de estar-se obrigado a pesquisar minuciosamente *se não há algo mais, além do funcionamento cerebral*.

Num estudo dessa natureza, é essencial deixar de lado toda idéia preconcebida, bem co-mo rejeitar qualquer tentativa de solução *a priori*, e seguir *pari passu* o método científico.

Desse modo, podemos garantir, se não conseguirmos atingir o propósito, ao menos logra-remos desentulhar a via que para ele nos encaminha; e, qualquer que seja o resultado imediato, teremos realizado obra útil.

Neste trabalho, proponho-me a analisar sucessivamente todos os fenômenos psíquicos, quer os de observação recente, quer os de antanho, que apresentem sérias dificuldades de interpretação fisiológica, bem como a procurar sua explicação racional.

Entre as hipóteses explicativas que encontrar, esforçar-me-ei por conservar apenas as que preencham as condições impostas pelo método científico:

indispensabilidade, dedução lógica e suficiente comprobabilidade, bem como o não estarem essas hipóteses em contradi-

ção com nenhuma verificação positiva.

Finalmente, tentarei retirar dos fatos e das hipóteses todas as deduções racionais.

Segundo esse programa, tratar-se-á, antes de tudo, de procurar uma teoria capaz de, se possível, abarcar e interpretar todos os fatos ainda obscuros, tanto na psicologia normal quanto na anormal.

Entre esses fatos obscuros, uns são conhecidos e admitidos por todos os psicólogos; outros, ditos supranormais, apenas são negados, sem qualquer reserva, por aqueles que voluntariamente os ignoram.

Meu propósito é *não de provar, mas de interpretar*; por isso, de modo algum procurarei estabelecer a autenticidade dos fenômenos supranormais, endereçando o leitor a quem a questão interesse às numerosas obras escritas com essa intenção. **5**

II

Dificuldades de interpretação fisiológica

no campo da psicologia normal

As principais dificuldades de interpretação fisiológica no campo da psicologia normal advêm das seguintes verificações:

1ª) As consideráveis desigualdades intelectuais e morais existentes entre indivíduos assaz aproximados pelas condições de nascimento e de vida; seu desenvolvimento psíquico, bem como a extensão e diversidade das faculdades que apresentam não se acham em aparente ligação com as desigualdades cerebrais constantes e proporcionais. **6**

2ª) A diferença entre a hereditariedade ou o atavismo psíquico e a hereditariedade ou o atavismo físico. É comum observar-se a parecença orgânica da criança com seus pais e a dessemelhança quase total do ponto de vista da inteligência e dos sentimentos.

Dois irmãos, nascidos e crescidos em idênticas condições, podem parecer-se fisicamente, enquanto nada possuem em comum no campo moral.

Os homens de talento e de gênio provêm, com freqüência, de meios inferiores, gerando –

com igual constância – crianças pronunciadamente medíocres.

De tudo isso, pode concluir-se que a parecença psíquica, uma vez existente, é antes produto da educação e do meio do que da hereditariedade.

Encontramo-nos, portanto, em presença de uma primeira ordem de desconcertantes comprovações. Em razão disso, é geralmente proposta a seguinte explicação: as dificuldades de interpretação fisiológica seriam resultado da rudimentariedade e insuficiência dos atuais meios de investigação, face à extrema delicadeza do órgão cerebral.

As diferenças psíquicas seriam produzidas por *inapreciáveis* diversidades anatômicas.

Enfim, essas diversidades anatômicas poderiam, por si sós, produzir, independentemente da hereditariedade, *uma multidão de causas que permaneceriam desapreciadas*, assim como certas influências patológicas, traumáticas, tóxicas, reflexas, etc., durante a vida intra-uterina, ou, de igual modo, dadas condições de geração ainda obscuras.

Essa explicação não é bastante satisfatória, posto que se embasa sobre uma necessária presunção de ignorância; por outro lado, não pode ser tida como irracional. Poder-se-á, portanto, aceitá-la provisoriamente, sempre com a possibilidade de adotar outros raciocínios que a destruam.

3ª) Dificuldade de outra ordem está na interpretação fisiológica da permanência da personalidade, não obstante as contínuas variações moleculares do organismo.

Esse ponto deu ensanchas a intermináveis controvérsias relativas à necessidade de um princípio fixo, servindo de substrato à matéria orgânica incessantemente renovada. Essa necessidade é negada por uns e aceita por outros.

Julgo inútil enveredar por semelhante discussão. Contento-me em assinalar a real importância dessa dificuldade, a que os fisiologistas se esquivam de bom grado e em relação à qual simulam atitudes de descaso, à falta de satisfatória explicação.

Mais adiante, retornaremos ao assunto.

4ª) Os fenômenos psíquicos inconscientes, ou, pelo menos, os que escapam em maior parte à vontade consciente, constituem outro enigma fisiológico, estando grupados sob a etiqueta de *automatismo psicológico*. 7

Conhecidos desde os mais recuados tempos, foram em muito maior número registrados, com características mais complexas e importantes do que as vislumbradas antes dos recentes progressos da psicologia e da neuropatologia.

Entre aqueles há mais tempo conhecidos, podem citar-se *os sonhos*.

A conservação de um aglomerado de lembranças, à nossa revelia, e aparentemente esquecidas, mas podendo reaparecer sob a influência de uma emoção violenta, de um perigo ameaçador, etc., é um desses fatos.

Do mesmo modo, *a atividade psíquica latente* traduzindo-se: a) por emoções sem causa apreciável, determinações inesperadas, bruscas modifica-

ções, em aparência, no caráter e nas idéias;

b) por resultados conscientes de operações intelectuais inconscientes, assim como a inesperada solução de uma pesquisa, abandonada depois de vãos esforços, *etc.*

As pesquisas modernas estenderam consideravelmente o domínio atribuído à psicologia inconsciente.

Como veremos, lá incluíram não somente toda a *psicologia anormal*, mas também uma porção cada vez mais importante da psicologia normal. A atividade intelectual latente desempenharia um papel de grande monta nas manifestações das nossas faculdades, bem como – de um modo geral – em todas as operações conscienciais. Hartmann, é sabido, atribui uma parte preponderante das elevadas manifestações da alma ao *inconsciente*, considerando, prazerosamente, o gênio como sua emanação direta. **8**

Todos os recentes trabalhos sobre o gênio acham-se de acordo em demonstrar o bom fundamento dessa opinião.

Contentar-me-ei em citar um dos mais completos, a investigação global do Dr. Chabaneix, intitulada *O subconsciente nos artistas, nos sábios e nos escritores*. Terei satisfação, de igual modo, em apresentar uma rápida análise dos documentos reunidos nesse trabalho.

A influência subconsciente pode – com notável força e amiudada preponderância – manifestar-se nas produções científicas, artísticas ou literárias.

Ela pode ser observada:

• seja *durante o sono ou no despertar*;

• *em pleno estado de vigília*;

• numa espécie de *estado intermediário entre a vigília e o sono*.

Eis alguns dos exemplos dados pelo Dr. Chabaneix:

EXEMPLOS DE ATIVIDADE SUBCONSCIENTE DURANTE O SONO OU NO DESPERTAR – São múltiplos. Podem citar-se, a partir de suas próprias observações, como tendo notado e utilizado o trabalho psíquico durante o sono: *Condorcet*, *Franklin*, *Michelet*, *Condillac*, *Arago*.

Voltaire narra um sonho que teve com um canto completo da *Henriade*, de modo diverso do que ele o havia escrito.

La Fontaine compôs em sonho a fábula *Os Dois Pombos*.

Cardan diz ter composto uma de suas obras durante o sono, integralmente.

Maignan por esse meio teria encontrado teoremas importantes.

“Freqüentemente, surgiram idéias científicas em meus sonhos – conta Burdach –, as quais me pareciam a tal ponto importantes que chegavam a acordar-me. Em grande número de casos, elas como que rolavam sobre objetos com os quais me ocupava na época, muito embora permanecessem, quanto ao conteúdo, inteiramente estranhas.”

O caso de Coleridge, como se segue, é bastante nítido:

“Coleridge adormeceu enquanto lia e, à sua revelia, sentiu que havia composto alguma coisa, talvez duzentos ou trezentos versos, que apenas deveriam ser escritos. Cinqüenta e quatro foram grafados sem esforço e

“com a máxima rapidez possível à pena; no entanto, tendo sido interrompido por alguém que aguardava há uma hora a realização de um negócio, Coleridge percebeu, surpreso e mortificado, que, muito embora ainda retivesse uma vaga recordação de sua visão, todos os versos haviam desaparecido, à exceção de oito ou dez, que se mantiveram esparsos.”

17

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

O *Sr. de Rosny* declara que tem por hábito colocar ao lado de seu leito lápis e papel, res-saltando que, aos sobressaltos, acorda durante a noite para tomar notas importantes.

Em alguns casos, a influência subconsciente no sono traduz-se por sonhos alucinatórios; foi o que ocorreu no conhecidíssimo caso de Tartini, que sonhou com o diabo executando em seu violino uma sonata maravilhosa, no meio do que despertou e escreveu a peça de memó-

ria.

EXEMPLOS DE ATIVIDADE SUBCONSCIENTE, SEJA NO ESTADO DE VIGÍLIA, SEJA NUM ESTADO INTERMEDIÁ-

RIO ENTRE A VIGÍLIA E O SONO – O que costumamos designar por *inspiração* produz-se amiúde num estado de obnubilação da realidade consciente, de modo mais ou menos completo.

Diderot a todo momento esquecia as horas, os dias e os meses, chegando ao ponto de assim ficar em relação às pessoas com as quais mal começara a conversar.

Diz Théophile Gauthier, falando de *Balzac*: “Sua atitude era a de um extático, de um sonâmbulo que dorme com os olhos abertos; não escutava o que se lhe dizia, perdido que se achava num devaneio profundo.”

Hegel, em Iena, terminou tranqüilamente a *Frenologia do Espírito*, aos 4 de outubro de 1806, sem se aperceber sequer de que a batalha estrondeava em

sua volta. **9**

Beethoven, estando em Neudstadt, completamente absorto na inspiração, saiu semivesti-do, tendo sido preso como vagabundo; ninguém admitiu que fosse ele Beethoven, não obstante seus gritos.

Schopenhauer diz de si próprio: "Meus postulados filosóficos produziram-se em minha casa, sem minha intervenção, em momentos nos quais minha vontade estava como que adormecida e meu espírito sem uma direção anteriormente prevista... Desse modo, minha pessoa era estranha à obra."

Às vezes, a influência subconsciente é tão nítida que toma os ares de uma *influência exterior*. É precisamente isso o que *Musset* exprimia nestes versos: *Escuta-se, espera-se, não se trabalha,*

Como um desconhecido que algo vos murmura.

Nesse ponto de vista, são clássicos os exemplos de *Sócrates*, de *Pascal* e de *Mozart*.

A INFLUÊNCIA SUBCONSCIENTE NO ESTADO DE VIGÍLIA é difícil de ser diferençada do trabalho consciente e voluntário.

No entanto, poder-se-ia encontrá-la nos casos de artistas ou de escritores que só conseguem compor uma obra com prolongadas interrupções, abandonando-a em presença de uma séria dificuldade e retomando-a, mais tarde, com ligeireza.

Entre os exemplos ilustrativos deste último caso, o Dr. Chabaneix cita *Renan*, *Broca*, *Goe-the* – que abandonou e retomou o *Fausto* após longos anos de intervalo.

Finalmente, a influência subconsciente evidencia-se na observação de geniais manifesta-

ções nas crianças (Pascal, Mozart, etc.).

Como se vê, a atividade psíquica latente apresenta importância capital, mesmo na psicologia normal. Desde então, o "eu" parece-nos como

extremamente complexo e difícil de analisar. Conhecer tudo o que constitui a consciência é, já por si só, muito complicado; outrossim, saber tudo o que, na síntese psíquica, escapa a essa consciência implica um novo e formidável problema. Desde então, verificamos que aquilo que é designado sob o nome de

subconsciente compreende *elementos de naturezas diversas*, ainda que possuindo em comum a característica de se furtarem, em sua maior parte, ao conhecimento e à vontade diretos.

Dentre esses elementos, alguns, como é o caso dos que se revelam nos sonhos comuns, parecem de natureza pronunciadamente inferior. Outros, como os que se manifestam na inspiração genial, são de natureza muito superior aos fenômenos conscientes normais.

Há, portanto, razões suficientes para nos perguntarmos se, simplesmente, não nos con-fundimos, tomando por *automatismo psicológico ou subconsciente manifestações de origem e essência diferente*; podemos ainda perguntar-nos se não é necessário distinguir, ao menos, duas categorias de fenômenos subconscientes: *os de ordem inferior, dependentes do automatismo cerebral*, e *os de ordem superior, ainda inexplicados*.

Nos fatos de psicologia anormal, poderemos ver a importância e o desenvolvimento dessa nova hipótese.

5ª) Uma última e assaz importante dificuldade de interpretação fisiológica é a do sono.

Do ponto de vista fisiológico, em si mesmo, a explicação do sono durante muito tempo consistiu em teorias hipotéticas; foi recentemente, e graças às pesquisas histológicas, que se logrou compreendê-lo de modo satisfatório.

A tese do Dr. Pupin – *O neurônio e as hipóteses histológicas a propósito de seu modo de funcionamento. Teoria histológica do sono* – fornece um

resumo bastante claro e assaz completo da questão, bem como das teorias antigas e das novas idéias.

As antigas teorias eram tão numerosas quanto incertas e contraditórias.

Uma primeira, a *teoria circulatória*, atribuía o sono a variações periódicas na circulação sangüínea do cérebro.

Acontece que os partidários dessa opinião não encontravam meios de acordo entre as seguintes variações:

Uns, acompanhando de Haller, Cabanis, etc., acreditavam na ocorrência da congestão, a *hiperemia* do cérebro durante o sono. Outros, com Burham, Claude Bernard, Mosso, etc., acreditavam na *anemia cerebral*.

Uma outra teoria, a *teoria química*, fazia com que o sono dependesse da diminuição da quantidade de oxigênio do sangue e dos tecidos; esse oxigênio acumular-se-ia durante o sono e diminuiria durante a vigília, por diversos processos de atividade vital.

Essa teoria, sustentada por Humboldt, Purkinje, Pettenkofer, etc., foi combatida por Voit, que demonstrou não haver aumento da quantidade de oxigênio durante o sono.

Finalmente, uma última teoria, a *teoria tóxica*, atribui o sono à acumulação de leucomaí-

nas produzidas pela atividade cerebral (Armand Gauthier, Bouchard, etc.).

As pesquisas histológicas deram fim às incertezas explicativas, contribuindo com uma nova teoria do sono, claríssima e muito racional.

Eis, segundo o Dr. Pupin, essa *teoria histológica*, que repousa sobre os conhecimentos anatômicos e fisiológicos relativos aos *neurônios*, conhecimentos estes muito recentes.

Sabe-se que por neurônio se entende a célula nervosa, provida de seu núcleo, prolongamentos protoplásmicos e de seu prolongamento arborizado do cilindro-eixo.

Esses prolongamentos ramificados não sofrem anastomose como os das células vizinhas, como antigamente se acreditava; as ligações estabelecem-se não pela *continuidade*, mas pela *contigüidade*.

19

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Cada neurônio constitui-se numa "individualidade anatômica, fisiológica e histogênica, um todo isolado e independente". "O sistema nervoso, no seu conjunto, não passa de um agregado de neurônios sem união mútua."

Ora, *no estado de vigília* a atividade funcional do cérebro seria caracterizada pela *mobilidade* e pela *distensão* dos prolongamentos ramificados dos *tentáculos* dos neurônios, que, assim, entram em contato de célula a célula.

No sono, ao contrário, *processa-se a retração e a imobilidade desses tentáculos*, que, desse modo, se isolam, impedindo a corrente nervosa, ou fazendo-a decrescer.

Portanto, se essa teoria é verdadeira, nenhuma dúvida é fisiologicamente possível: *o sono é essencialmente o repouso dos centros nervosos*. De qualquer modo, a existência desses movimentos amebóides não é admitida por todos os histologistas. Um certo número pensa que os neurônios são sempre imóveis e que a transmissão nervosa faz-se por uma espécie de verdadeira descarga.

Mas, ainda nessa hipótese, o sono só pode ser concebido como repouso dos centros nervosos.

Passemos agora à *explicação psicológica do sono*. Geralmente, fazemo-la consistir simplesmente na noção de repouso do sistema nervoso.

"O sono – diz Mathias Duval – é a cessação reparadora, total ou parcial, das funções de relação."

Para Broussais, o sono outra coisa não é senão a cessação das funções intelectuais ou afe-tivas.

Para Preyer, consiste no desaparecimento periódico da atividade cerebral superior.

A maior parte dos fisiologistas professa similar opinião. No entanto, a questão acha-se bem longe das fronteiras de uma tal simplicidade.

Se no sono não tivéssemos a observar senão uma obnubilação passageira da inteligência, a explicação, é óbvio, estaria inteiramente contida no fato de uma *diminuição de atividade psíquica devida a uma diminuição de atividade funcional do cérebro*.

Mas, é precisamente aí que reside a dificuldade: a diminuição de atividade psíquica não é o fenômeno essencial ao sono, nem mesmo lhe é necessária.

O repouso do cérebro caracteriza-se sobretudo *pela obnubilação da vontade consciente normal*, obnubilação essa que não obsta a que os outros modos de atividade psíquica persis-tam ou mesmo aumentem de intensidade, apesar do sono.

Sem falar da intensidade emotiva de certos sonhos alegres ou tristes, é suficiente aludir-mos às tão importantes manifestações do trabalho subconsciente, para concluir que *o sono não tem sua explicação psicológica suficiente na diminuição da atividade funcional do cérebro*.

E, no entanto, a fisiologia demonstra que o sono não passa de repouso dos centros nervosos.

Como vemos, encontramo-nos diante de uma contradição parcial, a qual tentarei delir na interpretação final que darei da subconsciência e de todos os fatos obscuros da psicologia.

Capítulo Segundo

Fatos obscuros de psicologia anormal 10

I – As neuroses e a histeria. – A loucura essencial. – Impotência da anatomia e da fisiologia para explicá-las. II – As manifestações de personalidades múltiplas.

Principais explicações. – Sua interpretação pela hipótese de uma subconsciência superior. III – O hipnotismo e suas manifestações principais. – Explicações clássicas. – Sugestão ou neurose. – Ilogismo das explicações clássicas totalizado-ras e particularizadoras. – Necessidade de uma nova hipótese: a exteriorização.

IV – A exteriorização da sensibilidade. – Os fantasmas dos vivos. V – Ação sensorial a distância ou telestesia. – Lucidez. – A lucidez concebida como faculdade da subconsciência superior. VI – Exteriorização da motricidade e *raps*. – Estado do sujeito durante a produção dos fenômenos. – Sono especial ou transe. – Direção inteligente dos fenômenos. – Explicação da motricidade a distância pela exteriorização da subconsciência superior. VII – Ação a distância de uma faculdade organizadora e desorganizadora, ou teleplastia. – Materializações e desmaterializações. – Explicação pela exteriorização e pela subconsciência superior. VIII –

Ações de pensamento a pensamento. – Leitura de pensamento, sugestão mental e telepatia. – Importância da hipótese explicativa da exteriorização. – Importância da hipótese explicativa da subconsciência superior. IX – O mediunismo. –

Fenômenos físicos. – Fenômenos intelectuais. – Personalidades mediúnicas. –

Caracteres principais dessas personalidades. – Autonomia e independência aparentes do “sujet”. – Diferenças em relação à personalidade normal do “sujet”.

– Pretensão das personalidades mediúnicas de serem “espíritos” dos mortos. –

Explicação do mediunismo. – A rigor, tudo pode explicar-se pela exteriorização e pela subconsciência superior. X – Resumo das verificações relativas às duas novas hipóteses: exteriorização e subconsciência superior. – Necessidade de pesquisar sua essência íntima.

I

As neuroses

Parece-me imperioso principiar o estudo da psicologia anormal por um rápido exame das neuroses em suas ligações com a fisiologia.

Com efeito, é sabido que as neuroses em geral, e a histeria em particular – aos olhos dos eminentes sábios –, constituem a causa determinante das manifestações psíquicas anormais, assim como sua suficiente explicação.

É, portanto, indispensável – *do ponto de vista explicativo* – saber-se o que exatamente são a neurose e a histeria.

Mas isso *é totalmente ignorado*.

21

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

O termo *neurose* aparece como verdadeiro contra-senso para a fisiologia clássica, tanto que – nesse setor – designa simples problemas funcionais sem lesão orgânica.

Se as teorias materialistas são verdadeiras, qualquer problema funcional se apresenta forçosamente como seqüela de uma lesão orgânica, ainda que fraca, e qualquer que seja.

Colocada nas condições necessárias ao funcionamento, a máquina intacta deve funcionar normalmente.

Uma máquina que, posta em condições necessárias ao funcionamento, não funciona, ou atua mal, é um engenho defeituoso ou lesado em uma ou mais de suas engrenagens.

Com esse raciocínio não há, para a fisiologia, senão uma resposta lógica: é que isso não pode ser devido a afecções independentes de qualquer lesão orgânica, e que a palavra *neurose* significa, simplesmente, as doenças cuja causa ainda não foi descoberta em lesões de qualquer espécie.

Desde agora, diz-se, os progressos da anatomia patológica justificaram amplas restrições no quadro das neuroses: dele se afastou a paralisia geral, por exemplo; muitas outras afecções, como, por exemplo, a paralisia agitante, **11** a coréia, ou dança-de-são-vito, a epilepsia, etc., devem-se, com certeza, a uma causa orgânica a ser descoberta, cedo ou tarde.

O raciocínio é ajustado e aplicável a todas as doenças de sintomas fixos e regulares; não mais se aplica, contudo, à neurose típica, à histeria, única que interessa ao nosso ponto de vista.

A histeria apresenta uma sintomatologia complexa, em nada reproduzindo a característica geral das afecções orgânicas.

Uma doença orgânica manifesta-se por problemas mórbidos, de caráter geralmente fixo e constante, evoluindo num ritmo especial, determinado nas grandes linhas e dependendo nitidamente da lesão causal, tanto na sua origem, quanto nas suas manifestações e no seu desaparecimento.

A neuropatia histérica é completamente diferente: seus sintomas caracterizam-se por mobilidade e inconstância, aparecendo, desaparecendo, variando sem causa ou sob influência de causas múltiplas. Sucedem-se anestesias, hiperestesias, contraturas e paralisias, que passam de uma região à outra, burlando qualquer previsão de extensão ou de duração.

Apresentam tão pouca fixidez, que às vezes pode operar-se sua transferência de um membro a outro, e mesmo de um paciente a outro (por meio da sugestão, dos magnetos, dos contatos de metais, etc.).

Os múltiplos sintomas podem prejudicar isolada ou simultaneamente todas as funções nervosas: motricidade, sensibilidade, inteligência, nutrição, *etc*. Essas funções sofrem, indiferentemente, excitação, depressão ou mesmo perversão.

Na sintomatologia da histeria tudo é contrário à hipótese de uma lesão orgânica fixa e específica. *A histeria é ainda totalmente inexplicável*. **12**

A *loucura essencial*, isto é, aquela que – como a histeria – não se vincula a nenhuma lesão anatômica fixa e específica, não se constitui em menor enigma

para a ciência clássica.

Nenhuma das pretendidas explicações fornecidas no que concerne a ela traz luzes sobre a real natureza dessa terrível afecção.

22

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

II

As manifestações de personalidades duplas ou múltiplas no mesmo indivíduo (além dos estados hipnóticos ou mediúnicos) 13

Embora essas curiosas manifestações de psicologia anormal tenham sido recolhidas, em grande número, depois da publicação do Dr. Azam, a respeito de Félida, é bastante difícil realizar um estudo geral sobre elas.

Dá-se que os casos conhecidos e por todos os lados citados são, geralmente, mal observados e muito imperfeitamente descritos. As indicações dadas pecam por falta de precisão e dizem respeito apenas às linhas gerais.

A própria observação do Dr. Azam não oferece sintomatologia metódica, se bem que seja a mais conscienciosa. Lá se encontra um verdadeiro luxo de hipóteses e de comparações, mas nada como pormenores analíticos, cuja importância seria essencial; é o caso da descrição precisa de cada uma das personalidades, de cada sentido, de cada faculdade física ou psíquica, bem como o é da pesquisa exata dos conhecimentos do "sujet", num e noutro estado, *etc*.

Uma vez lidas as diversas observações classificadas sob a etiqueta comum de personalidades múltiplas, sente-se uma confusão completa, encontram-se fatos disparatados, no meio dos quais é bem difícil o próprio reconhecimento.

Confundiram-se num mesmo grupo *todas as alterações da personalidade*, tanto as espontâneas, quanto as de origem traumática ou patológica, bem como as de origem hipnótica ou mediúnica.

Ora, esses diversos estados oferecem pelo menos tantas dessemelhanças quanto semelhanças.

E sob o título de personalidades múltiplas apenas dever-se-iam compreender as manifestações espontâneas de personalidades completas:

• *manifestações espontâneas*, ou seja, as que não dependem necessariamente de qualquer influência causal acidental ou patológica;

• *personalidades completas*, ou seja, as que apresentam todas as faculdades e capacidades sensoriais e psíquicas de um ente normal.

Principais caracteres das manifestações de personalidades múltiplas – A vida consciente do indivíduo é, etapa por etapa, constituída de estados psíquicos mais ou menos diferentes e independentes uns dos outros, mas sempre suficientemente diferentes e independentes para representar *personalidades distintas e autônomas*.

Cada personalidade se manifesta durante fases de duração variável, indo de alguns instantes a muitos meses.

A passagem de uma fase à outra é marcada por um *estado de inconsciência completa*; e esse estado tanto pode durar um período de alguns segundos – o que Azam compara a uma pequena morte – quanto pode ser uma longa letargia.

As personalidades podem ser totalmente diferentes, do ponto de vista do caráter geral, das faculdades e dos conhecimentos, muito embora apresentem com freqüência um certo número de idéias gerais em comum.

Cada uma ignora a outra, completa ou incompletamente, podendo nada saber de tudo o que se sucedeu fora de suas fases de manifestação. Mas, quanto às suas próprias etapas, delas recordam-se inteiramente, mesmo que separadas por longos intervalos.

23

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Às vezes uma, e somente uma, das personalidades sucessivas mantém a consciência e a lembrança dos diferentes estados. Isso, em geral, acontece com aquela que demonstra superioridade de faculdades e de caráter. Finalmente, uma personalidade diferente da normal *pode mostrar-se superior a esta última*. O caso de Félida, no seu segundo estado, é

precisamente um exemplo ultranítido; e é o Dr. Azam quem comenta expressamente:

"Suas faculdades intelectuais e morais, se bem que diferentes, são incontestavelmente unas: nenhuma idéia delirante, nenhuma falsa apreciação, nenhuma alucinação. Direi mesmo que, nesse segundo estado, nessa condição segunda, todas as suas faculdades parecem mais desenvolvidas e mais completas. Essa segunda vida, onde a dor física não se faz sentir, é *em muito superior à outra*."

EXPLICAÇÃO DAS PERSONALIDADES MÚLTIPLAS – As elucidações que nos esforçamos por dar das manifestações de personalidades múltiplas são de fato numerosas. Podemos grupá-las em três séries:

• *explicações fisiológicas;*

• *explicações patológicas;*

• *explicações psicológicas.*

Explicações fisiológicas – São duas meras hipóteses.

A primeira é a das modificações passageiras e alternativas na *circulação do cérebro*. Tratar-se-ia de fenômenos de vasoconstrição ou de vasodilatação... à escolha!

Essa hipótese é, indefectivelmente, insignificante; trata-se de ações fisiológicas banais, acompanhando as manifestações da atividade orgânica, antes efeitos do que propriamente causas; não passam de fenômenos sem peso explicativo. Esse caso, diga-se, está inteiramente abandonado.

A segunda é a do *funcionamento independente dos dois lobos cerebrais* (Luys).

Essa hipótese é inverificável e, além disso, jamais se aplicaria aos casos de personalidades múltiplas, e não mais duplas. Nela ressalta, portanto, a insuficiência, pelo que deve ser rejeitada.

Em suma: *nada de explicação fisiológica*.

Explicações patológicas – Consistem numa pura e simples assimilação das alterações da personalidade, verificadas em certas *afecções ou lesões nervosas*: 1ª) Nas *doenças orgânicas* que atinjam direta ou indiretamente os centros nervosos (lesões cerebrais, traumatismos, intoxicações, infecções, etc.); 2ª) *na epilepsia e nas doenças mentais*.

Ora, nada existe de racional em tal assimilação. Nesse caso, de um modo geral, não há que falar de modificação de personalidade e sim em *diminuição* ou *perversão* da personalidade.

Com maior freqüência, trata-se de alteração parcial de uma ou de muitas faculdades; são os casos de *amnésia* mais ou menos extensa.

Doutras vezes, trata-se de manifestações automáticas ou impulsivas, irracionais ou de-sarrazoadas.

No caso, não se está diante de fenômenos comparáveis às observações de personalidades múltiplas *completas*.

Finalmente, esses problemas acham-se sob a dependência direta de uma causa produtora e a ela podem estar estreitamente vinculados, sem que isto seja, necessariamente, fonte geradora dos fatos de personalidades múltiplas.

Uma outra explicação patológica, mais judiciosa, aliás, é a que incorpora essas manifesta-

ções no quadro da *histeria*.

Baseia-se sobre a ressalva de que os pacientes que apresentam casos de personalidades múltiplas acham-se, na maioria das vezes, contidos na tipicidade da histeria.

Tudo isso é plenamente exato, conquanto não passe de simples verificação; a histeria ainda não foi fisiologicamente explicada.

Explicações psicológicas – Essas podem ser reduzidas a duas:

• assimilação dos problemas da personalidade na *hipnose* e no *mediunismo*;

• hipótese da *subconsciência*.

1ª) *Comparação com as manifestações hipno-mediúnicas* – As alterações da personalidade na hipnose foram verificadas, seja *sob a influência da sugestão*, seja fora dela. Examinemo-las sucessivamente.

a) *Alterações de origem sugestiva* – No paciente hipnotizado, consistem em manifestações de personalidades aparentemente estranhas à sua própria, manifestações essas provocadas por uma sugestão direta.

As experiências de Richet são clássicas:

O professor sugere ao paciente que ele é tal ou qual personagem conhecido, ou mesmo que ele tem tal ou qual profissão; o paciente, então, toma as características do personagem ou os maneirismos da profissão. A imitação é das mais fiéis e a personalidade sugerida é representada com precisão, indo até aos pormenores. O próprio timbre vocal ou a escrita sofrem modificações apropriadas.

Nesse processo, vê-se imediatamente em quanto essas personalidades fictícias diferem das verdadeiras. Em primeiro lugar, são inseparáveis da sugestão hipnótica, nada possuindo em originalidade. São os chamados pastichos ou imitações, mais ou menos bem sucedidos.

Nessas experiências nada existe além da imitação do fenômeno das personalidades múltiplas, graças ao mecanismo da sugestão. E entre as reais manifestações e as simuladas não medeia nenhum traço comum elucidativo.

b) *Alterações hipno-mediúnicas da personalidade, fora da sugestão* – Lógica é a compara-

ção das personalidades múltiplas espontâneas com as personalidades mediúnicas. Essas últimas, no entanto, são surpreendentes e de difícil

explicação (mais adiante, exporei o estágio atual de nossos conhecimentos a esse propósito).

É, certamente, pelo estudo metódico das manifestações intelectuais do mediunismo que se chegará a conhecer e a pôr em evidência todos os elementos constitutivos do ser psíquico, conscientes ou não; *mas, somente após esse estudo poder-se-á tentar uma explicação geral do desdobramento da personalidade*.

Impõe-se a mesma advertência no que tange aos fenômenos similares do *sonambulismo*.

As personalidades de origem sonambúlica são ainda tão inexplicáveis quanto o próprio sonambulismo e o hipnotismo (examinar mais adiante o que diz respeito ao hipnotismo).

Não é, portanto, possível considerar-se como satisfatória a hipótese do Dr. Azam, que atribui as manifestações de personalidades múltiplas a um *estado sonambúlico total*, isto é,

"com o total funcionamento das faculdades ou dos sentidos", de maneira que, segundo essa

hipótese, poder-se-iam "encontrar indivíduos com as aparências peculiares ao comum dos homens e que, entretanto, estando em segunda condição, são sonâmbulos que, ao despertar, tudo haverão esquecido".

Quanto ao resto, essa hipótese levanta outro empecilho: o da absoluta impossibilidade de distinção entre um estado de sonambulismo total pretendido e o estado normal; conseqüentemente, o de *fornecer prova positiva a seu favor*.

2ª) *Explicação das personalidades múltiplas pela hipótese da subconsciência* – Todas as pretensas explicações que acabo de analisar não

passam, na verdade, de assemelhação dos problemas patológicos, hipnóticos ou mediúnicos, pelas analogias oferecidas.

Tais assemelhações, inclusive, *ainda que justificadas*, *conseguem simplesmente afastar a dificuldade*, não conduzindo à compreensão da essência íntima do fenômeno.

Por outro lado, atualmente, são consideradas como soluções secundárias, necessitando de explicação geral.

Essa explicação geral é, naturalmente, fornecida pela concepção psicológica da subconsciência: as personalidades em disparidade com a personalidade normal e dela ignoradas são personalidades subconscientes.

Vá lá; mas, essa interpretação clássica, que pode parecer tão banal e paliativa, dá ensanchas a conseqüência plenamente revolucionária: *força a admissão de que as manifestações subconscientes não são fatalmente automáticas*, uma vez que as personalidades secundárias podem revestir-se também de autonomia, e não apenas de inteireza e originalidade, *possuidoras de vontade bastante particular e bem caracterizada*.

Desse modo, somos inevitavelmente conduzidos à hipótese que o estudo da inspiração geral já nos havia sugerido: a da forçada distinção entre duas categorias de fenômenos subconscientes: uns de ordem inferior e automática, os outros partindo de uma *subconsciência superior*, cuja origem e natureza permanecem desconhecidas.

III

O hipnotismo

As manifestações elementares de hipnose são assaz conhecidas para que seja necessário descrevê-las em nosso estudo.

É sabido que compreendem:

• *do ponto de vista da sensibilidade* – fenômenos ditos de anestesia e de hiperestesia;

• *do ponto de vista motor* – fenômenos de letargia e de catalepsia; paresias e contraturas;

• *do ponto de vista psíquico – considerável obnubilação da consciência e da vontade normais*, tendo no esquecimento, após o despertar, um fenômeno primordial; como fenô-

menos secundários, temos alterações da personalidade, com importância e caráter variáveis; há, ainda, a preponderância diretora da sugestão do magnetizador. Às vezes, finalmente, faz-se acompanhar de *fenômenos ditos supranormais* (leitura do pensamento, telepatia, lucidez).

Freqüentemente, todas essas manifestações se grupam numa ordem mais ou menos regular, embora se observe com raridade a estreita sistematização descrita por Charcot, bem

como sua distinção das sucessivas fases, de letargia, catalepsia e sonambulismo. Uma ou outra, podem essas fases inexistir ou passar despercebidas.

O que é constante é a *obnubilação da consciência normal* e a *persistência de um psiquismo bastante extenso mas automático*, obedecendo cegamente à sugestão do hipnotizador.

O hipnotismo pode ser provocado por diversos e bem conhecidos procedimentos, muito embora empíricos:

• fixação de um ponto brilhante, geralmente colocado entre os dois olhos, um pouco ao alto e adiante (método de Braid);

• passes magnéticos, ordem sugestiva expressa ou mental;

• pressões sobre certas regiões hiper-sensibilizadas, ditas hipnógenas, *etc*.

A explicação do hipnotismo não foi ainda apresentada de modo satisfatório. **14**

Nada além de um interesse retrospectivo pode ser atribuído às velhas discussões entre a escola de Salpêtrière e a de Nancy.

Ainda que se invoque uma *neurose especial*, comparável à histeria; ainda que se esforce por tudo vincular à *sugestão*, nada se conseguirá além de uma explicação fictícia, perfeitamente ilusória.

A palavra *neurose*, relacionada com o hipnotismo, é mera etiqueta sem valor. Consiste, indubitavelmente, num procedimento cômodo, mas perfeitamente vão, tentando explicar o hipnotismo pela histeria, ou vice-versa.

As evidentes analogias sintomáticas entre esses dois estados provam que eles provêm, ambos, de uma interpretação geral e comum, que permanece ensombrada.

A teoria da escola de Nancy, de igual modo, não produz mais luzes. Primeiramente, a sugestão não pode ser invocada para todos os fenômenos, ou em todos os casos. **15**

Mas, ainda que venha a ser provado que se pode provocar, pela sugestão, todos os fenô-

menos do hipnotismo – mesmo os mais extraordinários –, não se haverá logrado compreender seu *mecanismo íntimo*. Quais são as modificações psicofisiológicas do ser que tornam possível o aniquilamento da consciência

e o automatismo absoluto, as alterações da sensibilidade, as manifestações supranormais, etc.? Isso a etiqueta da sugestão nunca será capaz de explicar.

É justo o dizer-se que *a sugestão é o fator principal da hipnose*; é até mesmo possível, se bem que evidentemente excessivo, sustentar que lhe é o fator único e ainda possível. Mas, pretender que esse fator carrega em si mesmo a solução do problema psicológico proposto pela hipnose é simplesmente satisfazer-se com palavras.

E isso não é tudo; se tomarmos isoladamente as manifestações hipnóticas, presenciare-mos a multiplicação das dificuldades de interpretação. A *anestesia* é a verificação de um fato.

Qual é a causa íntima dessa insensibilidade da pele, das mucosas e até mesmo das partes profundas; insensibilidade tal que se pode atravessar um membro, de um lado ao outro, com um instrumento perfurante, ou praticar uma grave intervenção cirúrgica, sem que o paciente sinta dor?

A *hiperestesia* é ainda mais intrigante.

Se, por exemplo, se coloca, à revelia do paciente, um pedaço de gelo ou um corpo quente a vinte ou trinta centímetros de distância do seu corpo, ele acusa imediatamente uma sensação de frio ou de calor.

27

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

A audição, o olfato e o próprio paladar podem ser influenciados a ultrapassarem os limites normais dos órgãos sensoriais. A visão parece exercer-se independentemente dos olhos, e através dos obstáculos materiais.

Em vista de todos esses fenômenos, a hipótese da hiperestesia parece bem pouco satisfatória. Mas, o que logra transtornar e subverter a ordem das idéias é o fato de que *essa pretensa hiperestesia pode verificar-se concomitantemente com a pretendida anestesia*. Há, portanto, e em certos casos, *coincidência de dois fenômenos contraditórios, na mesma função e ao mesmo tempo*.

Exemplificando: o paciente que ouve o ruído de um relógio colocado na peça vizinha não mais o ouvirá se colocado junto ao seu ouvido. O pedaço de gelo que lhe produziria desagradável impressão, a trinta centímetros do corpo, sequer será percebido se aplicado sobre sua pele. Esse mesmo paciente assinalará a presença de um odor imperceptível para os circunstantes, muito embora não logre perceber um frasco de amoníaco junto a suas narinas. O

mesmo acontecerá em relação a objetos por ele descritos, estando fora de seu campo visual, embora seus olhos, inteiramente revirados, não distingam presenças completamente a seu alcance.

O que é mais sugestivo é que os diversos sentidos, a audição, o olfato, o paladar e a visão, com efeito, parecem estar presentes, não mais por seus órgãos definidos, mas *por toda a periferia do organismo, indiferentemente e em maior ou menor proximidade*; às vezes, isso se realiza através de objetos materiais.

Surgem, desse modo, duas explicações secundárias: *anestesia* e *hiperestesia* que, admitidas fossem, não apenas careceriam de explicação, inclusive quanto à coincidência, eis que, se ocorridas simultaneamente no mesmo ponto do organismo, redundariam em inaceitável contradição.

Qual a conclusão? Pura e simplesmente que nos fenômenos sensórios do hipnotismo não há, essencialmente, nem *diminuição* nem *exacerbação* da sensibilidade, e sim o seu *deslocamento*.

Durante a hipnose, portanto, acontece algo que tende a separar-se do organismo, a *exteriorizar-se*, melhor dizendo, ao mesmo tempo em que desaparecem as manifestações psíquicas elevadas, sérias e conscientes.

Mantenhamos presente essa verificação de cunho geral: ela há de nos permitir uma teoria racional do hipnotismo.

IV

A exteriorização da sensibilidade

A exteriorização da sensibilidade, descoberta e magistralmente estudada pelo Sr. de Rochas, foi por diversos observadores experimentalmente controlada. Aludirei brevemente às principais verificações do Sr. de Rochas. **16**

A sensibilidade, num dado número de pacientes, desaparece da superfície corporal durante o sono hipnótico, encontrando-se, de modo apreciável para o magnetizador, fora dela.

As investigações demonstram-na exposta do seguinte modo: uma primeira camada sensível, extremamente delgada, percorre todo o contorno do corpo, a três ou quatro centímetros fora da pele. Em redor dessa primeira camada existe uma série de outras camadas,

eqüidistantes, separadas daquela por um intervalo de seis a sete centímetros, sucedendo-se até dois ou três metros, penetrando-se e entrecruzando-se, sem se modificarem.

Se a hipnose é impulsionada mais profundamente, essas camadas sensíveis, depois da terceira ou quarta fase da letargia, condensam-se sobre dois pólos de sensibilidade situados um à direita, outro à esquerda do paciente.

Finalmente, esses dois pólos terminam por se reunirem em um só, e, a partir de então, toda a apreciável sensibilidade do sujeito encontra-se vivendo numa espécie de *fantasma real*, capaz de, segundo a ordem do magnetizador, deslocar-se para longe, atravessar obstáculos materiais, sempre conservando a sensibilidade.

O paciente ou outras testemunhas *vêem* as diversas camadas sensíveis e o fantasma real.

A metade direita parece-lhes azul e a esquerda vermelha. O fantasma, para eles, parece iluminar aqueles sobre quem se localiza.

Em suma, certos objetos e substâncias colocados em contato com as camadas sensíveis impregnam-se de um pouco dessa sensibilidade, podendo conservá-la por algum tempo.

Tais as singulares manifestações da exteriorização da sensibilidade.

Como é natural, semelhantes comprovações foram acolhidas com manifestações de cepti-cismo. Invocaram-se fraude, sugestão mais ou menos involuntária do magnetizador sobre o sujeito e, acima de tudo, sugestão mental.

Tais causas de erro podem ser evitadas. Aliás, repetiram-se em grande número experiências bem conduzidas, com vistas ao estabelecimento da absoluta autenticidade dos fatos observados por de Rochas. **17**

Qual a possível explicação para a descoberta do Sr. de Rochas? Evidentemente, nenhuma outra que não a fornecida por ele mesmo: do organismo do paciente provém a exteriorização de uma parte de sua sensibilidade; ou melhor, a exteriorização de *algo* que conduz e conserva essa sensibilidade, servindo-lhe de substrato fora do organismo.

A existência desse substrato acha-se provada pela demonstração efetuada pelo Sr. de Rochas, a respeito da *objetividade dos eflúvios percebidos no estado hipnótico, bem como da realidade dos fantasmas dos vivos*, manifestação superior do mesmo fenômeno.

Desde então, encontramo-nos de posse de uma hipótese solidamente estabelecida sobre verificações positivas, o que nos servirá de guia para o estudo aclarador dos fenômenos de *hipótese de exteriorização*.

Antes de abandonar o estudo da exteriorização da sensibilidade, restaria o exame da possibilidade da sua efetivação fora da hipnose.

Com efeito, isso parece possível, embora em grau elementar. As pesquisas de Reichenba-ch sobre as *forças ódicas*, a coqueluche de numerosos experimentadores, em particular do Sr.

Baraduc, comprovam que o "algo" passível de exteriorização pela hipnose não está estreitamente submetido ao organismo, mesmo durante a vida normal, *irradiando mais ou menos na sua periferia*.

Os eflúvios assim emitidos impressionam as placas fotográficas, e o fazem de modo diverso, de acordo com o estado moral do paciente.

O fato de não insistir sobre esse ponto deve-se ao grande número de controvérsias surgi-das e à necessidade de novas pesquisas.

A irradiação periorgânica na vida normal a mim se assemelha tão provável que explica admiravelmente os fenômenos psíquicos elementares, obtidos sem sono do "sujet", seja no

domínio da sensibilidade, seja no da motricidade ou da inteligência (examinar os capítulos seguintes). **18**

V

Lucidez 19

Sob o nome de clarividência ou lucidez, designa-se a faculdade de adquirir conhecimentos precisos *sem o socorro dos sentidos normais e sem leitura de pensamentos*.

Os fatos dessa ordem foram recolhidos em grande número; uns parecem assaz convincentes, mas, até o presente, escaparam, em grande parte, das tentativas de experimentação metódica.

Deve-se isso ao fato de que esses fenômenos se desenrolam inteiramente à revelia do

"sujet". Produzem-se "como relâmpagos" e não podem obedecer a condições preestabeleci-das. *Em geral, acontecem nos estados hipnóticos*.

O "sujet" adormecido amiúde vincula o fenômeno à *visão*, dizendo *ver* o que narra (essa é a clarividência típica). Outras vezes, atribui o que se passa ao *sentido da audição* (clariaudi-

ência). Ora fala como se se encontrasse em presença da cena que descreve, ora parece projetar sua visão sobre uma superfície refletora (espelho, copo com água), pela qual indubitavelmente obtém a auto-hipnose.

O "sujet", em geral, vê mais facilmente quando se lhe fornecem alguns pontos de referência, indicações a título de guias do caminho a percorrer.

Freqüentemente, ainda, a clarividência é facilitada pelo contato do "sujet" com um objeto qualquer proveniente do ambiente visto, bem como de pessoas com as quais a afinidade deva estabelecer-se (é a *psicometria*).

A lucidez, em alguns casos, parece *independente de qualquer estado hipnótico aparente*; é sabido, entrementes, o quanto um estado superficial de auto-hipnose pode passar despercebido. Nesse caso, o "sujet" pretende encontrar os conhecimentos de que dá prova por meio de certos

procedimentos excessivamente distanciados do método positivo, para que me seja possível sobre eles falar neste trabalho; é o caso das cartas, da borra de café, das linhas das mãos, *etc*. Menciono tudo isso simplesmente para ser completo, sem, no entanto, em qualquer um deles me deter.

No que tange aos conhecimentos adquiridos pela lucidez, observa-se que, às vezes, são *extremamente precisos e exatos*. **20**

De outras vezes, o "sujet" engana-se redondamente, sem que seja possível distinguir em que caso e por que se engana ou acerta.

Os conhecimentos adquiridos pela lucidez podem ser relativos ao *presente*, ao *passado* ou ao *porvir*.

Explicação dos fatos de lucidez – Como explicar o fenômeno da lucidez, em razão de sua independência da leitura do pensamento?

Uma primeira explicação, parece, em muitos casos, pode ser puramente a *exteriorização da sensibilidade*.

Haveria *projeção e ação da sensibilidade a distância*, telestesia, no dizer de Myers.

30

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Uma vez que a distância e os obstáculos materiais não têm a menor importância, no que concerne a essa projeção extra-orgânica, a explicação apresentada englobaria todos os fatos de *lucidez no presente*.

Para os casos de *lucidez no passado* ou *no porvir*, a explicação é menos provável, em se admitindo – *bem entendido – a autenticidade claramente estabelecida*.

Seria fácil deduzir que os sentidos do "sujet", estando exteriorizados, sabem descobrir a imagem e decifrá-la, se se pudesse supor que os fatos passados deixaram imagem ou impressão em algum lugar: no planeta ou no éter. **21** Semelhante suposição é, com efeito, pouco provável. O mais lógico, talvez,

seria admitir que o “sujet” possui na subconsciência, ou retira da subconsciência de outrem, o conhecimento dos fatos passados de que dá prova (quando tivermos passado em revista tudo o que diz respeito à subconsciência, essa hipótese parecerá menos extraordinária).

A previsão do futuro poderia explicar-se de modo análogo: o porvir advém necessariamente do passado e do presente, sendo o acaso um termo sem qualquer significação; do mesmo modo, o livre-arbítrio não se pode isolar das causas da ação, a despeito de nossas opiniões a respeito.

Seria, portanto, suficiente o conhecimento de tudo o que, no passado e no presente, dis-sesse respeito a alguém, para conhecer, em linhas gerais, o que lhe reserva o futuro. Talvez bastasse o conhecimento do presente, oriundo do passado. Essa explicação da lucidez é, de fato, insuficiente e pouco provável, principalmente no que se relaciona com o passado e com o futuro. De resto, a lucidez manifesta-se, em muitos casos, *sob forma sintética, que exclui qualquer reflexão e qualquer pesquisa*. É como um clarão que impressiona vivamente o paciente, ocasionando-lhe, num átimo, seja o conhecimento de um fato ignorado e inacessível às vias sensoriais, seja um conhecimento complexo, que demandaria normalmente uma elaboração intensa, partindo de numerosos elementos de pesquisa; é, por exemplo, o caso de difícil operação de aritmética. em ocasiões semelhantes, a lucidez é perfeitamente inexplicá-

vel, tanto no seu mecanismo como nos seus resultados. De qualquer modo, só uma faculdade subconsciente pode explicar a questão, sendo impossível estabelecer ligações com as faculdades conscientes conhecidas.

A verificação de sua existência é uma nova prova em favor da veracidade dessa *subconsciência superior* misteriosa, hipótese que já nos havia sido sugerida pelo precedente estudo dos demais fenômenos a ela devidos.

VI

Exteriorização da motricidade e sua ação a distância 22

A exteriorização e a ação a distância da motricidade foram reveladas pelas manifestações mediúnicas. Só no mediunismo elas se produzem com toda a intensidade.

Foi, entretanto, possível a obtenção de fenômenos de motricidade a distância na hipnose e até mesmo sem sono aparente do paciente.

Nesse caso, contudo, as manifestações são francamente elementares.

O paciente exerce uma ação motora ligeira e a pouca distância, seja espontaneamente ou pela sugestão.

Os fenômenos de motricidade a distância, apontados como importantes, são obtidos quer com um superficial contato do médium, *quer sem o menor contato*.

31

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Freqüentemente, deixam transparecer uma força considerável: deslocamento e soergui-mento de objetos bem pesados, às vezes longe do "sujet". As peças mais leves são transporta-das de um ponto a outro na sala das sessões.

Os movimentos assumem caráter assaz importante: *nunca são incoerentes*. Contrariamente, acham-se sempre dirigidos a um fim manifestamente almejado, sendo, às vezes, bastante complexos. Dentro dessa ordem, um dos mais notáveis fenômenos é o da *escrita direta* – a pena ou o lápis escrevendo sem suporte aparente e sem contato do médium.

Os importantes fenômenos de motricidade a distância só se obtêm por meio de "sujets"

especialmente treinados, salvo exceção. Durante a produção, freqüentemente o "sujet" se encontra num *sono particular, chamado transe*, análogo ao sono profundo da hipnose. **23**

De outras vezes, não há sono, mas, mesmo assim, os fenômenos se produzem independentemente da vontade consciente. Após a sessão, o "sujet" acusa considerável fadiga. No momento do despertar, de nada se recorda do que aconteceu desde o momento em que dormiu.

Finalmente, durante a produção dos fenômenos, os membros do "sujet" esboçam *movimentos ligeiros, sincronizados àqueles que se realizam a distância*, dirigidos como o seriam se produzidos diretamente. Esses movimentos são, no entanto, *muito fracos* e inconstantes, simples deslocamentos *reflexos* ou *associados*. **24**

Os fenômenos que – repito – quase sempre escapam à vontade consciente do "sujet" são dirigidos por uma inteligência distinta da dele, em aparência. É uma personalidade diversa da sua personalidade normal quem, com a força exteriorizada do daquele, produz os fenômenos.

Também as personalidades mediúnicas que se manifestam parecem utilizar à sua vontade, independentemente da vontade do médium, seus órgãos e suas faculdades motoras e de sensibilidade. Podem apresentar capacidades e conhecimentos psíquicos inteiramente diferentes dos da personalidade normal. Num capítulo especial, estudarei pormenorizada-mente essas personalidades mediúnicas.

Os fenômenos de pancadas a distância do "sujet", em móveis, teto, soalho ou na armação da sala das sessões, podem acompanhar os fenômenos de exteriorização da motricidade. **25**

As pancadas, geralmente denominadas *raps*, apresentam a mesma característica dos movimentos sem contato: produzem-se nas mesmas condições, denotando direção inteligente que não corresponde à da personalidade normal do "sujet".

EXPLICAÇÃO DAS AÇÕES MOTORAS A DISTÂNCIA – Estas necessitam de dupla explicação:

• no que tange à origem da força que age;

• no que respeita à direção inteligente dessa força.

1) *No que concerne à força que age*, é evidente tratar-se de força exteriorizada do "sujet".

Tudo o prova: a presença indispensável de um médium; sua considerável fadiga após a sessão e a verificação dos movimentos associados, *etc*.

Não há dúvida possível. O "algo" que pode exteriorizar-se carrega consigo não apenas a *sensibilidade*, mas também a *força*.

2) *No que se relaciona com a direção inteligente da força*, o problema é mais difícil. É certo que a inteligência diretora não é a inteligência pessoal e normal ao "sujet". Deve por isso concluir-se ser-lhe ela exterior e estranha? Não necessariamente, uma vez que, de nossa parte, dizemos que a inteligência diretora é uma *personalidade subconsciente*.

O que acontece é que, na conjuntura que se apresenta, somos levados a admitir a existência de personalidades subconscientes não apenas cem por cento diferentes da personalidade

normal, mas, principalmente, possuidoras de capacidades alheias às desta e *capazes de agir fora do organismo*.

Isso significa, ainda uma vez, que a subconsciência assim compreendida é essencialmente diferente da subconsciência automática clássica. Ela constitui essa *subconsciência superior* que já o exame dos fatos precedentes demonstrara-nos.

VII

Ação a distância sobre a matéria por uma

faculdade organizadora ou desorganizadora [26]

Nos estados hipnóticos e mediúnicos, parece que o "sujet" pode ter em suas moléculas materiais uma verdadeira força organizadora ou desorganizadora. Conhecem-se os possíveis efeitos dessa faculdade sobre o seu próprio organismo: produção de estigmas sobre o corpo dos histéricos, seja pela auto-sugestão mística, seja por sugestão experimental (por exemplo, vesicação com um selo utilizado nos Correios).

Não insisto nesses fatos, atualmente clássicos; contento-me em fazer ressaltar que eles conduzem-nos além do que sabíamos, esbarrando na influência do moral sobre o físico; além disso, talvez permitissem a compreensão de certas curas, ditas milagrosas; o mesmo aconte-ceria em relação a dadas descrições das proezas dos *aissauas* e dos prodígios dos faquires.

Desejo, sobretudo, ocupar-me com a ação dessa faculdade organizadora ou desorganizadora a distância.

Uma vez provada, essa ação a distância poderia explicar certas aparições e visões, tanto as místicas como as outras, *as quais nem sempre exaltam a alucinação*.

Lá ainda o estudo do mediunismo demonstra a existência de uma tal faculdade.

O "sujet" pode ou desorganizar certos objetos a distância, ou organizar em formas mais ou menos complexas uma trama material emanada ou exteriorizada de seu próprio organismo. A isso denomina-se *teleplastia*. [27]

Para que tais fenômenos possam ser considerados não como alucinatórios, mas como reais, é imperioso que sua realidade objetiva seja rigorosamente provada. E isso só acontece, diz Aksakof, em *Animismo e Espiritismo*,

quando se verificam as seguintes características: 1ª) visão da “forma” concomitantemente por muitas pessoas; 2ª) visão e contato da forma por muitas pessoas, com impressões concordantes dos dois sentidos;

3ª) efeitos físicos produzidos pela forma;

4ª) efeitos físicos duráveis, tais como escrita, marcas, moldagens, fotografias, efeitos sobre o corpo de um assistente.

Somente neste último caso a prova é absoluta; *mas, ele é, precisamente, dos mais freqüentes. Uma forma bem nítida pode, quase sempre, deixar no seu rastro efeitos físicos duráveis*.

Para facilitar, considero sucessivamente:

• *a ação organizadora;*

• *a ação desorganizadora.*

1) *Ação organizadora* – Em termos de nitidez e complexidade, pode levar a formações muito variáveis.

33

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

As manifestações elementares são caracterizadas pela produção efêmera e incompleta de objetos ou de órgãos. Essas formas efêmeras podem, contudo, deixar traços físicos: fotografias, impressões no mástique, **28** na farinha, no corante negro, na parafina, no gesso, *etc*.

De outras vezes, não passam de clarões azulados, fosforescentes.

As manifestações superiores da faculdade organizadora são formações orgânicas sempre efêmeras, mas completas. Nesse caso, então, dão-se as *materializações* – de acordo com o termo em voga – de órgãos ou de organismos perfeitamente caracterizados; cópia exata e perfeita dos órgãos ou de organismos naturais, física e fisiologicamente. Essas manifestações podem ser *espontâneas* ou *de origem mediúnica*.

Nos casos espontâneos, aliás raros, nota-se a formação de um organismo – a distância e, às vezes, bem afastados do "sujet" – parecendo sua cópia minuciosa, o seu duplo.

Esse desdobramento produz-se à sua revelia, mergulhado que está num sono mais ou menos profundo, e de nada se recordando ao despertar. O duplo pode influenciar a vista das pessoas que o vêem, bem como seus outros sentidos. Pode, ainda, agir materialmente e transportar-se a grande distância.

As materializações completas, obtidas experimentalmente nas sessões mediúnicas, apresentam importantes característicos a considerar: a forma materializada – julgo dever repetir

– é, às vezes, completa, ossos, músculos, vísceras, em nada diferindo de um vivente, pelo funcionamento orgânico. Assemelha-se mais ou menos com o médium. Às vezes a parecença é suficientemente forte para dar a impressão de um verdadeiro desdobramento dele.

De outras, a forma difere do "sujet" por importantes peculiaridades, como, por exemplo, cor dos olhos e dos cabelos, proporção, sexo, *etc.*

As aparições são sempre efêmeras e de curta duração, mesmo que perfeitamente materializadas.

2) *Ação desorganizadora* – A faculdade desorganizadora pode manifestar-se:

• no próprio organismo do "sujet";

• em objetos exteriores a ele.

a) *Desorganização no próprio organismo do "sujet"* :**29**

Trata-se de uma verdadeira desmaterialização, que coincide precisamente com as formas materiais a distância.

O peso que toma a forma materializada é exatamente o que perde o "sujet". Depois de seu desaparecimento, recobra ele o peso primitivo, desprovido de algumas centenas de gramas.

Estando a forma inteiramente materializada, poderia o “sujet” tornar-se completamente invisível.

b) *Desorganização de objetos exteriores ao “sujet”* : Podem esses objetos ser decompostos em suas moléculas constituintes e reconstituídos no seu estado primitivo, quer no lugar de origem, quer em outro, mediante transporte.

Durante a produção dos fenômenos de organização e de desorganização, comporta-se o

“sujet” *como no decorrer dos outros fenômenos de exteriorização*. Salvo exceções, encontra-se num estado de transe mais ou menos completo, de nada se recordando ao despertar. Sua vontade consciente normal *não tem nenhum poder sobre essas manifestações*, que são dirigidas por uma inteligência em aparência diferente da do “sujet”.

34

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Será a explicação, portanto, a mesma que a precedente: o algo que se pode exteriorizar não comporta simplesmente sensibilidade e força, mas também moléculas materiais, além de uma faculdade organizadora e desorganizadora.

Quanto à inteligência que dirige semelhante faculdade, bem como o fenômeno em seu todo, além de exteriorizar a matéria orgânica e de a modelar por seu arbítrio ou de acordo com leis ainda não estudadas, pode ser considerada como emanada da subconsciência superior do “sujet”.

Utilizo-me da expressão *subconsciência superior* por ser evidente que as faculdades que acabamos de estudar em nada poderiam estar vinculadas ao automatismo cerebral. Os fenômenos de materialização e de desmaterialização, mais ainda que a inspiração genial e os casos de personalidades múltiplas e exteriorização, obrigam-nos a afirmar, de modo formal, a existência dessa subconsciência superior e sua distinção nítida da subconsciência ordinária, tal como a concebe a psicologia clássica.

VIII

Ações de pensamento a pensamento

Geralmente, compreendem-se sob esse título três grupos de fenômenos:

• leitura de pensamento;

• sugestão mental;

• telepatia, esta bem na fronteira do quadro das ações de pensamento a pensamento, como veremos.

Sucessivamente, passá-las-ei em revista.

1) *Leitura de pensamento* – Tal fenômeno parece bem estabelecido nos estados hipnóticos e mediúnicos. Ao menos, é a mais cômoda explicação para muitos fatos; e bastante cômoda, haja visto que dela se abusa singularmente. Até um certo ponto, no estado de vigília parece ela possível, ou, ao menos, num estado de hipnose ou de auto-hipnose bastante superficial para que passe despercebido.

Fora do campo da hipnose e do mediunismo, contudo, a leitura do pensamento raramente é observada de modo satisfatório. É necessário – fique bem entendido – excluir os casos de pretensas leituras de pensamento obtidos com o contato do agente e do "sujet", casos esses que mais não são do que adivinhação por movimentos inconscientes.

2) *Sugestão mental* – Sua possibilidade e realidade são estabelecidas de modo mais rigoroso. **30**

Pode uma ordem sugestiva do magnetizador ser transmitida pela simples tensão da vontade, estando o "sujet" em estado de hipnose, *sem qualquer manifestação exterior*.

3) *Telepatia* **31** – A telepatia consiste essencialmente na ocorrência de *uma impressão psí-*

quica intensa, que se manifesta em geral inopinadamente, numa pessoa normal, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão que – como se observa – está acorde com um acontecimento desenrolado a distância.

Essa impressão psíquica ora constitui todo o fenômeno, ora se faz acompanhar de uma visão aparentemente objetiva e exterior ao percipiente.

A telepatia pode ser *espontânea* ou *experimental*.

35

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

a) *Telepatia espontânea* – Subdivide-se em:

1. *Relativa a um acontecimento futuro iminente* – Casos de pressentimentos, premonições, visões premonitórias e aparições de moribundos.

2. *Relativa ao presente ou a um passado recente* – Casos de visões nítidas ou de adivinha-

ção de acontecimentos afastados (no estado normal). Casos de aparições de moribundos, seja no momento preciso do passamento, seja alguns instantes, horas ou dias mais tarde. Casos de aparições de vivos, mergulhados, em geral, num sono anormal ou patológico (letargia, delírio febril, crise nervosa, etc.). Com freqüência, o fenômeno diz respeito a uma pessoa unida ao percipiente por laços de afeição mais ou menos fortes.

Trata-se, em geral, de acontecimento desagradável; raramente é episódio feliz e, excepcionalmente, alguma coisa de indiferente.

Em linhas gerais, o fenômeno telepático é inesperado. Amiúde alcança pessoas efetivamente alheadas, por gosto e por ocupações, do maravilhoso, criaturas essas que raramente são por mais de uma vez influenciadas em suas vidas. E ele as atinge seja no estado de vigília, seja, antes, durante o sono,

por ele interrompido. É necessário notar duas características importantes no que toca ao fenômeno propriamente dito:

• A visão telepática é, geralmente, assaz precisa; os pormenores relativos ao acontecimento, às circunstâncias ambientes, à vítima ou ao objeto da visão são indiscutivel-mente exatos.

• Nem a distância nem os objetos materiais obstam verdadeiramente a realização do fenômeno.

O seguinte é um terceiro característico, excepcional: a visão pode, simultaneamente, ou sucessivamente, afetar muitas pessoas; parece também afetar os animais, podendo, às vezes, deixar traços físicos em sua passagem.

Finalmente, a impressão telepática não afeta somente a vista, posto que há visão aparentemente objetiva, mas também os demais sentidos (audição, tato).

b) *Telepatia experimental* – Esses casos, raros e pouco precisos, traduzem uma impressão psíquica produzida a distância sobre uma pessoa; e isso por outra pessoa, e simplesmente pela ação e força da vontade.

Poder-se-ia, às vezes, provocar uma verdadeira visão.

É, de qualquer modo, imperioso reconhecer que a telepatia experimental encontra-se longe de ser estabelecida de modo tão nítido quanto a espontânea.

Explicação das ações de pensamento a pensamento

A explicação que propomos é, geralmente, a seguinte: *haveria transmissão de vibrações de um cérebro a outro cérebro*.

Às vezes, nos casos de telepatia, haveria, ainda mais, produção de uma alucinação reflexa, dita verídica, porque seria a projeção exata da realidade telepaticamente percebida.

Evidentemente, essa explicação é racional, embora seja insuficiente. *Nem tudo ela explica*.

Uma primeira dificuldade, por ela levantada, é a relativa ao modo de transmissão das vibrações cerebrais.

Qual é o transmissor físico intermediário? O éter ambiente, dir-se-ia. Vá lá. Mas, como então se explica que nem a distância nem os obstáculos materiais exerçam influência apreci-

ável e constante sobre essa transmissão de vibrações?

36

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Como pode ela ser, às vezes, retardada por muitas semanas, à semelhança do que acontece em certos casos telepáticos produzidos dois meses depois da morte do cérebro? De onde teria partido a comunicação?

Finalmente, por que essa comunicação de um cérebro a outro só é possível em estados anormais, salvo quando se trata de fenômenos elementares e pouco precisos? Geralmente se dão durante o sono, durante a doença ou em estados acidentais que se façam sentir pelo menos sobre um dos sujeitos: o receptor ou o transmissor.

Aí se encontram as sérias dificuldades, muito embora seja fácil chegar ao alvo, comple-tando-se a hipótese.

Para que tudo se compreenda, é suficiente recorrer-se à explicação a nós já imposta: a da *exteriorização*.

Nas ações de pensamento a pensamento, dá-se primeiramente, *e antes de tudo, exteriorização de força, inteligência, sensibilidade; ao menos num ou noutro "sujet"* , transmissor ou receptor. É por isso que um deles se deve achar no estado que torne possível a exteriorização (sono, letargia, acidente mortal, hipnose, auto-hipnose por tensão da vontade, etc.). Desde então, a comunicação é possível por transmissão, depois da exteriorização por meio do éter, ou seja, pela projeção e ação a distância por parte da força exteriorizada.

Mais adiante, tentarei ensaiar uma teoria completa sobre a telepatia; aqui, apenas verifi-co a *importância explicativa essencial da hipótese "exteriorização"* .

Uma última ressalva, enfim, se impõe: A influência do pensamento sobre o pensamento *é raramente acessível à vontade consciente*. A telepatia escapa-lhe quase inteiramente. A leitura do pensamento, fenômeno quase banal nos estados hipnótico e mediúnico, é, na vida normal, de caráter verdadeiramente excepcional e, mesmo nesse caso, seu mecanismo é subconsciente.

Dá-se apenas o fato de que a sugestão mental é o produto da vontade consciente do magnetizador, embora seja bom ressaltar que ela não age sobre a personalidade normal do paciente, senão sobre e por meio de suas faculdades hipnóticas.

É necessário concluir que, não somente a ação de pensamento a pensamento não pres-cinde da hipótese explicativa "exteriorização", como também daquela que aborda a *subconsciência*. A possibilidade de ação de pensamento a pensamento é, antes de tudo, uma *propriedade da subconsciência*, dessa subconsciência superior capaz de agir fora do organismo.

Em certas circunstâncias, apenas acessória e excepcionalmente, pode ser acessível à consciência normal.

IX

O mediunismo

Sabe-se que sob essa rubrica Aksakof propõe à compreensão todos os fenômenos ordina-riamente chamados espíritas. Tal denominação tem a vantagem de aplicar-se exclusivamente à explicação dos fenômenos.

Não me estenderei sobre as numerosas pesquisas sobre este assunto, levadas a efeito de modo perfeitamente conclusivo por sábios ou por grupos de sábios de todos os países. **32**

Apenas recordarei:

37

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

a) que somente as criaturas que não conhecem o tema teórica nem experimentalmente continuam a negar os fenômenos dessa ordem;

b) que esses fenômenos se revestem de uma objetividade facilmente demonstrável e não somente explicável pela fraude, a ilusão ou a alucinação;
c) que nada têm de sobrenatural, podendo ser interpretados de modo perfeitamente racional e satisfatório.

O mediunismo compreende *fenômenos físicos* e *fenômenos intelectuais*.

Os *fenômenos físicos* são os seguintes:

• movimentos de objetos com ou sem contato;

• *raps* ou pancadas;

• escrita automática do médium; **33**

• "fala" automática (psicofonia);

• escrita direta, sem operador visível;

• sensações objetivas de contatos da parte dos assistentes;

• visões de clarões e de formas orgânicas materializadas que podem deixar traços físicos (impressões, fotografias); **34**

• fenômenos de desorganização sobre a matéria;

• desmaterializações, transportes.

Não retornarei à descrição desses fenômenos, em grande parte realizada nos capítulos precedentes. Estender-me-ei somente sobre os fenômenos intelectuais.

Fenômenos intelectuais do mediunismo. – Personalidades mediúnicas – Sabe-se que os fenômenos físicos do mediunismo são dirigidos por uma inteligência diferente, em aparência, da do médium.

É possível colocar-se em comunicação com essa inteligência diretora, seja por *sinais con-vencionados* (movimentos de objetos, pancadas, etc.), seja pela *escrita* ou pela *"fala" automá-*

tica do médium; ou até, mais raramente, pela *escrita* ou pela *voz direta* (ver nota nº 33).

As manifestações intelectuais obtidas por esses diversos processos são variáveis, tanto em importância como em valor. Às vezes, são elementares, pouco precisas, incoerentes.

Compõem-se de elementos disparatados, *lembrando os dos sonhos comuns*; outras vezes, integram-nas noções, voluntariamente ou não, sugeridas pelos assistentes, bem como conhecimentos advindos do próprio médium, mesmo que inesperados e fora de seu campo de atividade psíquica habitual.

São manifestações desse jaez as que se obtêm, às vezes mais, às vezes menos, o mais freqüentemente pelos movimentos da mesa, com o contato. Nesses casos, sabe-se do possível papel dos movimentos inconscientes dos assistentes.

Já em outros casos mais complexos, observa-se a manifestação de personalidades ainda elementares, se bem que já possuidoras de um certo grau de autonomia, capazes de conhecimentos e detentoras de faculdades mais ou menos extensas, às vezes mesmo faculdades supranormais rudimentares; essas personalidades ainda se apresentam dotadas de memória e capacidade imaginativa e inventiva, *etc*.

Não se trata de personalidades completas, possuidoras de todas as capacidades e de toda a autonomia que se acham no conceito desses termos; o que se observa é uma meia persona-

lidade, uma subpersonalidade mais ou menos digna de nota, com simples e efêmera aparência de independência e de realidade.

As manifestações psíquicas importantes, ao contrário, revelam *verdadeiras personalidades mediúnicas*, cujo estudo deve ser cuidadoso, não obstante a idéia que se alimente a respeito de sua origem.

Os principais distintivos das personalidades mediúnicas são:

• autonomia e independência aparentes;

• diferença assaz nítida – em faculdades e conhecimentos – da personalidade normal do médium;

• pretensão quase constante dessas personalidades em serem os espíritos dos mortos.

Tomemos esses três pontos, sucessivamente:

1º) *Autonomia e independência aparentes* – As personalidades mediúnicas são, em aparência, independentes do médium. Com efeito:

a) *Acham-se absolutamente desvinculadas da vontade e do conhecimento do sujeito normal* e, salvo exceção, só se manifestam pela obnubilação

dessa vontade e desse conhecimento pelo sono mediúnico.

b) *Têm um caráter muito fixo e permanente*. Seus elementos psíquicos constitutivos são tão permanentes quanto os de uma personalidade viva. Elas são sempre idênticas em suas diversas manifestações, qualquer que seja o modo de comunicação.

Em alguns casos manifestam-se de modo idêntico, *com médiuns diferentes e estranhos uns aos outros*.

c) *São originais* em seus conhecimentos e em suas faculdades, como, mais adiante, de-monstrarei. Em seguida, são-no pelo fato de dirigirem a bel-prazer a produção dos fenômenos físicos. São-no, ainda, *pela duração total de suas manifestações*.

Com efeito, chega a acontecer que – após haverem aparecido espontaneamente por um certo tempo – desaparecem subitamente, para não mais regressarem. Quando isso ocorre, a duração de suas ações é por elas mesmas anunciada.

Finalmente, *por um mesmo médium podem manifestar-se personalidades muito diferentes*.

As personalidades mediúnicas são, portanto, verdadeiramente *autônomas* e independentes, em aparência, do médium.

2º) *Caráter geral. – Faculdades e conhecimentos das personalidades mediúnicas* – De um modo freqüentemente nítido, essas personalidades diferem da personalidade normal do médium. Os traços comuns que com esta última apresentam têm pouca importância – uma vez que existem –; as dessemelhanças, por sua vez, são muito acentuadas.

Verificam-se essas diferenças: *no caráter geral*, observando-se o conjunto psíquico; *nas faculdades e capacidades*; *nos conhecimentos*.

a) *Diferenças no caráter geral* – São inferiores ou superiores à personalidade normal do médium. Os sentimentos e idéias são, às vezes, contrários aos seus. As manifestações podem ser *hostis ao médium, ou*

contrárias à sua vontade. Os diversos modos de expressão do pensamento, por exemplo, a escrita, são diferentes dos do médium.

b) *Diferenças nas faculdades e capacidades* – Não me refiro às faculdades de lucidez, de ação motora e organizadora sobre a matéria, ou de ação de pensamento a pensamento. Já disse e já repeti que essas faculdades não pertenciam à personalidade normal do médium.

Somente me ocuparei das faculdades e das capacidades intelectuais da *mesma essência* que as do "sujet" normal, se bem que de potência e de natureza diferentes (memória, capacidades de operações psíquicas diversas, capacidades artísticas, científicas, profissionais, etc.).

Observar-se-á, por exemplo, a produção mediúnica de desenhos de fundo bastante artístico, não possuindo o médium qualquer noção dessa arte; ou mesmo, a produção de notáveis obras literárias por um médium de inteligência medíocre e sem instrução (o médium é, às vezes, uma criança de pouca idade ou mesmo uma criança de mama!).

c) *Diferença nos conhecimentos* – Finalmente, as personalidades mediúnicas dão prova de conhecimentos verdadeiramente ignorados pelo médium.

Ora se trata de simples conhecimento de um fato ou acontecimento sobre o qual o mé-

dium, sem sombra de dúvida, não pode ser instruído pelas vias sensoriais habituais; ora são conhecimentos complexos, científicos, profissionais, etc., ou noção precisa *de um idioma* que o médium não aprendeu e que é incapaz de manejar ou compreender, no seu estado normal.

Esses caso em que o médium, em transe, se utiliza de idioma jamais aprendido apresentam enorme importância. É necessário cuidadosamente distingui-los dos fatos nos quais pacientes hipnóticos ou mediúnicos

balbuciam – as mais das vezes sem compreender e de modo automático – citações de um idioma estrangeiro que, em dado momento de suas vidas, momento esse já esquecido, impressionaram os seus sentidos.

Sabe-se que o Prof. Flournoy **35** atribui a utilização do sânscrito, no famoso caso de Helen Smith, ao vulgar e banal fenômeno de criptomnésia, supracitado.

Mas, apesar de minuciosas pesquisas, não se pôde descobrir a origem desse conhecimento lingüístico. Do mesmo modo, não foram tentadas experiências sistemáticas no sentido de aprofundar seu valor e sua extensão reais.

Além disso, os argumentos que o eminente psicólogo expôs com tanto brilho e sedução não parecem decisivos. O que acontece é coisa bem diversa, das mais nítidas e precisas, das que não deixam lugar a nenhuma dúvida, demonstrando a realidade possível do conhecimento de idiomas ignorados pelo médium, por parte das personalidades mediúnicas (examinar, sobretudo, o livro de Aksakof).

3º) A terceira importante característica das personalidades mediúnicas é *sua pretensão de serem espíritos dos mortos*. **36**

Essa pretensão apóia-se sobre um certo número de provas, mais ou menos completas, das quais as principais são:

a) em casos de materialização, a semelhança no todo e nos pormenores com o defunto, tal qual ele era em seus últimos tempos de vida;

b) a *memória de sua característica* (idioma, conhecimentos, faculdades, estilo, letra, caráter geral, idéias, fatos pessoais, etc.);

c) os característicos são, às vezes, enumerados na ausência de qualquer pessoa que haja conhecido o defunto;

d) depois de investigação, freqüentemente os pormenores são reconhecidos como exatos;

e) em casos mais raros, a personalidade comunicante apresenta-se como sendo *o espí-*

rito de um vivo adormecido, em letargia, doente, etc., fornecendo provas análogas às precedentes.

Explicação do mediunismo

É possível a explicação de todos os fenômenos mediúnicos pelas únicas noções já conhecidas da *exteriorização* e da *subconsciência* (estando a hipótese espírita provisoriamente sob reserva)?

De fato, parece que isso seja, a rigor, possível, sob a condição de pouco aprofundamento em certos pormenores, sobre os quais retornarei; uma segunda condição é a da *atribuição de um considerável desenvolvimento a esses fenômenos de exteriorização e de subconsciência*.

Todos os fenômenos físicos podem ser explicados pela exteriorização, desde que se admita a complexa exteriorização de sensibilidade, força, matéria e inteligência, bem como de uma potente faculdade de organização e de desorganização sobre a matéria.

A subconsciência pode explicar a influência diretora dos fenômenos e todas as manifesta-

ções intelectuais, desde que se admita uma subconsciência superior bastante complexa, muito diferente da subconsciência clássica, ainda mais diferente da consciência normal por suas faculdades e por seus conhecimentos, com freqüência muito mais importantes e vastos, englobando completas personalidades múltiplas, ignoradas pela personalidade normal. E

mais: sob a condição de atribuir à subconsciência superior *extensas faculdades de leitura de pensamento e de clarividência*, a ponto de lhe

permitirem conhecimento de tudo o que concerne aos pretensos espíritos, cujas manifestações simula.

Está claro que, se atribuirmos semelhante desenvolvimento aos fenômenos de exteriorização, e um tal poder à subconsciência, tudo se pode explicar, a par das intervenções dos

"espíritos". Apenas, tais soluções não suportam grandes aprofundamentos. Por exemplo, eis uma imediata objeção: relativamente à origem dos fenômenos, *é necessário admitir-se um erro voluntário ou involuntário da subconsciência, quase constante, uma vez que ela atribui aos espíritos dos mortos o que na realidade dela mesma promana*.

Passemos, portanto, sobre semelhantes dificuldades, e *admitamos provisoriamente a interpretação exclusiva do mediunismo pela exteriorização e pela subconsciência superior*.

Inevitavelmente, seremos levados a deduções essenciais, que permitirão a compreensão de tudo.

X

Resumo das verificações e hipóteses relativas aos

fatos obscuros de psicologia normal e anormal

Se lançarmos uma vista panorâmica sobre o estudo que acabamos de realizar notaremos que fomos conduzidos à redução dos fatos obscuros de psicologia normal e anormal a duas grandes categorias gerais:

1ª) os fatos explicáveis pela hipótese "exteriorização"; 2ª) os fatos explicáveis pela hipótese "subconsciência superior".

A hipótese "exteriorização" impõe-se pela verificação de fenômenos de ação sensível, motora e organizadora, fora do organismo e por ações de pensamento a pensamento. Não haveria contra ela qualquer combate sério.

A hipótese "subconsciência superior" sugere-se-nos pela constatação de faculdades e conhecimentos diferentes, pela importância, extensão e características gerais, das conhecidas manifestações da subconsciência automática.

Evidentemente, esta última hipótese há de ser refutada *a priori* por muitos psicólogos que, com certeza, contra ela não deixarão de invocar a habitual questão de princípio, enquanto se recusam a admitir duas origens diferentes para dois fenômenos, para eles, da mesma essência. No entanto, os fenômenos da subconsciência inferior e os da superior apresentam, na verdade, um só traço comum: escapam à consciência normal.

Mas, contrariamente, acham-se separados por diferenças essenciais; não é, por exemplo, evidente que os sonhos corriqueiros, mais ou menos incoerentes, nada apresentam em comum com os sonhos lúcidos ou a inspiração genial? Do mesmo modo, não está claro que as

pseudopersonalidades de origem sugestiva, sem originalidade, não poderiam ser confundidas com as verdadeiras personalidades subconscientes, providas estas últimas de uma vontade autônoma e de faculdades e conhecimentos elevados e originais?... Às vezes, faculdades transcendentes, *até capazes de ação extracorporal, no mediunismo*?

Como, dentro da lógica, vincular manifestações extra-orgânicas ao automatismo orgânico? A distinção de duas categorias de fenômenos subconscientes parece, portanto, perfeitamente natural. Ei-la:

1) Fenômenos única e simplesmente devidos ao automatismo psicológico (sonhos, pseudopersonalidades hipnóticas, etc.).

2) Fenômenos originais, revelando uma espécie de subconsciência superior, cuja essência e origem permanecem incógnitas, muito mais vasta, importante e misteriosa que a subconsciência inferior automática.

Sua concepção não constitui menos do que uma hipótese bastante verossímil, ou seja, sua existência real ou ilusória, hipótese essa natural e logicamente deduzida de fatos incontro-versos. E sua existência, nós o veremos, será capaz de os fazer compreender todas as dificuldades psicológicas. **37**

A mim, portanto, será legítima a utilização dessa hipótese na continuação de meu trabalho; eis o caminho que seguirei: antes de tudo, o problema da subconsciência superior, deixando provisoriamente de lado o que tange à subconsciência inferior automática.

Estudarei as relações que possam unir as duas novas hipóteses: a da *exteriorização* e a da *subconsciência superior*. Retomarei, por fim, numa síntese geral, os fatos obscuros de psicologia normal e anormal, para tentar conceder-lhes uma interpretação completa, segundo os dados novos.

Capítulo Terceiro

Interpretação das hipóteses novas:

exteriorização, subconsciência superior

I – Relações da exteriorização e da subconsciência superior. – São dois aspectos de uma só manifestação. – Hipótese do ser subconsciente exteriorizável. –

Caracteres conhecidos do ser subconsciente exteriorizável. – Caracteres orgânicos. – Faculdades. – Conhecimentos. II – Origem do ser subconsciente exteriorizável. – É o ser subconsciente exteriorizável produto do funcionamento cerebral? – Exame rigoroso desta hipótese. – Esta hipótese deve ser rejeitada como irracional, insuficiente, contraditória com certos fatos. III – Pesquisa da origem do ser subconsciente exteriorizável pela análise de seus conhecimentos. – O ser subconsciente é produto sintético de uma série de consciências sucessivas que nele se fundiram. – Consciência e subconsciência superior. – Seu papel e seu relacionamento recíproco. – O ser subconsciente é a individualidade permanente, preexistente e sobrevivente.

I

Relações da hipótese “exteriorização”

e da hipótese “subconsciência superior”

As relações entre o fenômeno geral “exteriorização” e o fenômeno geral “subconsciência superior” são evidentes.

Recordo, para melhor aproveitar essas relações, as principais verificações relativas a um e a outro:

1ª) *Exteriorização* – Pode uma quantidade da força, da inteligência e da matéria ser exteriorizada do organismo, agir, perceber, pensar, organizar, fora dos músculos, dos órgãos dos sentidos e do cérebro.

Na maior parte das vezes, essa exteriorização só é possível por meio dos estados hipnótico, sonambúlico, mediúnico, e durante eles.

Em geral, a força inteligente exteriorizada escapa à vontade e à consciência normais, submetendo-se à direção da subconsciência.

2ª) *Subconsciência superior* – Há em nós um conjunto de faculdades e de conhecimentos subconscientes que se distinguem nitidamente das manifestações da subconsciência automá-

tica, em psicologia classificada e descrita por sua extensão, sua originalidade, sua autonomia e sua característica geral.

Elas constituem uma consciência superior que, em maior parte, só é apreciável nos estados hipnótico, sonambúlico, mediúnico, e pelos fenômenos de exteriorização que dirige.

Como se vê, as relações da exteriorização com a subconsciência superior são constantes.

Mesma origem: os estados psíquicos anormais. *Mesmo modo de manifestação. Mesma inde-*

pendência da vontade consciente. Dependência estreita e recíproca: a exteriorização e a subconsciência superior manifestam-se uma com a outra e uma pela outra.

Impõe-se a seguinte conclusão:

A exteriorização e a subconsciência superior são dois aspectos, inseparáveis, da mesma manifestação psíquica. Por conseguinte, nossas duas hipóteses reduzem-se logicamente a uma única, que assim podemos expor:

Pode uma porção da força, da inteligência e da matéria ser exteriorizada do organismo, e agir, perceber, organizar e pensar independente dos músculos, dos órgãos do sentido e do cérebro. Ela outra coisa não é *senão a porção subconsciente elevada do ser. Constitui verdadeiramente um ser subconsciente exteriorizável, coexistente no "eu" com o ser consciente normal*.

Interpretação da subconsciência exteriorizável

Podemos, agora, pesquisar qual a origem, a natureza íntima e o papel do ser subconsciente exteriorizável; em uma palavra, verificações positivas, *das quais ainda nos não libertamos*, de onde retirar todas as deduções compatíveis com o método científico. Imediatamente, resumo essas preditas verificações.

À observação, *o ser subconsciente exteriorizável* apresenta de essencial:

• caracteres orgânicos;

• faculdades;

• conhecimentos.

Principais caracteres conhecidos do ser subconsciente exteriorizável: *Caracteres orgânicos* – Substrato de substância fluídica, servindo de veículo à força, à sensibilidade e à inteligência subconscientes.

Essa substância fluídica é homogênea, inacessível aos sentidos normais, imponderável, capaz de atravessar os obstáculos materiais, suscetível de ser parcialmente projetada para bem longe do sujeito. É visível para os sensitivos, no estado de hipnose. É, pela pesquisa metódica da sensibilidade exteriorizada, acessível às investigações do magnetizador. Essa sensibilidade parece esparramada sobre toda a superfície, e condensa os diversos sentidos do "sujet" *num sentido único*.

Sob a influência da vontade subconsciente, a substância fluídica pode ser modelada de diversas formas. Às vezes, em sua exteriorização, carrega consigo moléculas orgânicas; pode, então, dizer respeito à vista e aos outros sentidos de uma pessoa qualquer. As moléculas assim conduzidas são, como a própria substância fluídica, modeláveis pela inteligência subconsciente.

Finalmente, *no estado normal*, a substância fluídica exteriorizável irradia mais ou menos longe da periferia do organismo, somente se exteriorizando nos estados hipno-mediúnicos.

Faculdades do ser subconsciente – O ser subconsciente apresenta dois tipos de faculdades.

A primeira categoria compreende as faculdades e capacidades psíquicas análogas, como essência, às faculdades conscientes, e dessas apenas se diferençando pelo grau de potência e por sua submissão a uma vontade que não é a do "sujet" normal.

A segunda categoria compreende as *faculdades ditas transcendentais*: a) *faculdades de ação a distância* (sensibilidade, visão, motricidade); b) faculdades de ação *de pensamento a pensamento*;

c) *faculdades organizadoras e desorganizadoras sobre a matéria*; d) lucidez.

Conhecimentos do ser subconsciente – Esses conhecimentos devem ser divididos em dois grupos:

1º) *Conhecimentos adquiridos pelas vias sensoriais normais*.

2º) *Conhecimentos não advindos dessas vias*.

O primeiro grupo deve ser subdividido, compreendendo:

a) as noções que foram adquiridas com conhecimento de causa e esquecidas e transferidas para a subconsciência. Sabe-se que ainda as aquisições insignificantes, esquecidas depois de muito tempo, podem ser reencontradas sob influências emotivas ou anormais;

b) os conhecimentos adquiridos pelas vias sensoriais normais, *mas à revelia do ser consciente*. Tudo o que pode atingir nossos sentidos pode reencontrar-se na subconsciência.

O segundo grupo compreende todos os conhecimentos *que não puderam ser adquiridos pelas vias sensoriais normais*.

Dentro desse esquema acha-se a noção nítida de acontecimentos afastados, passados ou futuros, que o ser consciente não pode aprender nem direta nem indiretamente. No mesmo rol estão, sobretudo, as aquisições psíquicas complexas, que não podem ser devidas ao ser consciente, e por ele ignoradas: *conhecimentos científicos, artísticos, literários, profissionais, etc., nunca aprendidos. Conhecimento preciso de um idioma ignorado pelo "sujet" normal*, e assim por diante.

Agora que o ser subconsciente exteriorizável já nos é suficientemente conhecido, podemos tentar descobrir-lhe a *essência íntima* e a *origem*.

II

Origem do ser subconsciente exteriorizável

É indispensável a abstração do imenso interesse que essa pesquisa apresenta, para bem conduzir-lhe a marcha; é imprescindível deixar momentaneamente de lado qualquer opinião filosófica preconcebida, e seguir *pari passu* o método científico.

Conforme esse método, que prescreve se vá sempre do conhecido ao desconhecido, devemos primeiramente ensaiar a adaptação da explicação psicológica da consciência normal, geralmente aceita, à interpretação da subconsciência.

Em outras palavras, devemos perguntar a nós mesmos: *Pode o funcionamento dos centros nervosos, ao qual se atribuem as manifestações da consciência normal, de igual modo explicar as manifestações da subconsciência exteriorizável?*

É nesse ponto, recordamos nós, que, só na possibilidade de preenchimento das condições adiante enumeradas, conforme o método científico, deverá qualquer hipótese ser aceita. Eis as condições:

• *ser logicamente deduzida* das verificações positivas;

• *ser suficiente*;

• *não estar em contradição com nenhum fato*.

É o que examinarei.

1ª) *É logicamente deduzida a hipótese "subconsciência superior exteriorizável como função dos centros nervosos"?*

Podemos guiar-nos pelas provas dadas pelos fisiologistas em favor da explicação da consciência pelo funcionamento cerebral, uma vez que a hipótese em questão se embasa sobre uma pretendida analogia entre a subconsciência superior e a consciência. Como sabemos, as provas dos fisiologistas são as seguintes (ver capítulo primeiro):

• *estreita correlação entre a anátomo-fisiologia e a psicologia;*

• *atividade psíquica proporcional à atividade funcional;*

• *atividade psíquica inseparável do funcionamento orgânico.*

Ora, as condições de manifestação da subconsciência superior *são inversas às da consci-*

ência: nada de correlação estreita existente entre a anátomo-fisiologia e as manifestações subconscientes elevadas.

Atividade subconsciente *em razão inversa* da atividade funcional, uma vez que sua condi-

ção essencial é o sono, isto é, o repouso orgânico (sono hipnótico, mediúnico ou natural).

Atividade subconsciente *separável* do funcionamento orgânico (exteriorização), e *tanto mais forte* quanto mais completa for a exteriorização.

Por conseguinte, se os argumentos levantados em favor da hipótese *consciência é função do cérebro*, se esses argumentos são lógicos e racionais, passam a impor uma conclusão contrária no que concerne à subconsciência, e forçam a admissão de que *a subconsciência superior não é função do cérebro*.

Parece-me o raciocínio irrefutável: há tantas presunções contra a hipótese "subconsciência superior é função do cérebro", quantas existem em favor daquela que afirma: "consciência é função do cérebro".

Prossigamos no estudo da hipótese funcional, colocando-nos num outro ponto de vista.

Escapando em maior parte à vontade e ao conhecimento do ser na sua vida regular, a função subconsciência – *desempenhando simples e apagado papel na sua própria vida regular*

– seria uma função em grande parte inutilizada e inutilizável.

Ora, conforme a doutrina evolucionista, uma função em grande parte inútil não passa de função acessória e de fraca importância.

Mas, se – no que tange à subconsciência inferior – isso é verdadeiro, o mesmo não se poderia aplicar à subconsciência superior, mais elevada do que a normal, e cujos conhecimentos armazenados são infinitamente numerosos, e cujas faculdades transcendentais, de ação a distância e de lucidez, submetidas à vontade consciente, adquiriram uma imensa importância prática.

Se a subconsciência superior é uma função, *ela o é ao mesmo tempo muito importante e em maior parte inútil*; o que implica em contradição insustentável.

Último argumento contra a hipótese funcional: sabemos que uma das faculdades da subconsciência exteriorizável é o poder organizador e desorganizador sobre a matéria. Seria, portanto, mais lógico atribuirmos dependência do organismo ao poder organizador da subconsciência do que transformá-la em produto daquele.

Dessa série de argumentos advém a nítida conclusão de que: *A hipótese da subconsciência superior como função dos centros nervosos é ilógica e irracional*.

Ainda assim, e apesar de tudo, resta alguma dúvida? Deixemos o mencionado caráter iló-

gico da hipótese e submetamo-la aos outros crivos do método científico.

2ª) *É suficiente a hipótese "subconsciência superior como função dos centros nervosos?*

Ora, é fácil atinarmos com o fato de que essa hipótese *nada explica*: nem os fatos de exteriorização, nem as faculdades transcendentais, nem os conhecimentos subconscientes. E, uma vez admitida, implicaria num corolário inevitável: a confissão de ignorância e de impotência de parte da fisiologia para explicá-la.

3ª) Enfim, *não se acha a hipótese em contradição com qualquer verificação positiva?* – Ao contrário, está em contradição com certos fatos telepáticos realizados muitas semanas após a morte do "sujet" transmissor.

Acha-se em contradição com certos fatos mediúnicos, tais como a verificação de faculdades e conhecimentos subconscientes e importantes nas crianças cujo cérebro mal inicia seu desenvolvimento. **38**

Está, de fato, em contradição... mas, sobretudo, com a verificação de *conhecimentos subconscientes não adquiridos pelas vias sensoriais*. Com efeito, se há um axioma que nenhum fisiologista renegará, este é o *"nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu"* (nada está no intelecto que não haja, primeiramente, estado no sentido). Por conseguinte, se a subconsciência é função cerebral, deve poder-se encontrar a origem sensorial de todos os conhecimentos que ela enconcha. Ora, isso não é possível.

Sabemos que, a par do grupo de conhecimentos subconscientes adquiridos pelas vias sensoriais, consciente ou inconscientemente, existe uma outra categoria de noções que – com toda a certeza – *não provém dessas vias sensoriais*. e essas – repito-o – não são conhecimentos vagos e pouco precisos, conseqüentemente deixando lugar à dúvida quanto à sua origem, mas informações *complexas, exatas e extensas*: conhecimentos científicos, artísticos, profissionais, conhecimento perfeito de um idioma, etc., todas

aquisições psíquicas que não estão e nunca estiveram na consciência normal e que – em alguns casos – são observáveis nas manifesta-

ções subconscientes de crianças de pouca idade, e até mesmo nas de mama!

Não há dúvida possível em qualquer dos casos acima: *tais conhecimentos não provêm das vias sensoriais*.

Estou a par de que certos sábios não deixarão de invocar, para evitar tal conclusão, a hipótese do Sr. Figuier (*História do Maravilhoso*), ou seja, *o resultado de uma exaltação momentânea das faculdades intelectuais*. Esses sábios, no entanto, serão, simplesmente, o alvo de um equívoco. Trata-se de *conhecimentos adquiridos*, e não de faculdades ou de *capacidades de apreensão*. A sobreexcitação da inteligência nada explica no concernente à posse dos elementos adquiridos, tão variados, como os de que necessita a prática de um idioma.

Na insuficiência das vias sensoriais e faculdades normais, invocar-se-á, para explicar essas aquisições subconscientes, *a utilização das faculdades transcendentais*?

A visão a distância e a leitura de pensamentos evidentemente podem buscar na subconsciência – e efetivamente o fazem – muitos dos seus conhecimentos anormais; mas, sua ação está longe de explicá-los a todos. De um modo geral, *elas não dão conta de conhecimentos complexos*.

Tomemos, por exemplo, o caso do conhecimento preciso de uma língua ignorada pela consciência normal. Pode admitir-se que o sujeito retire tal conhecimento do pensamento de um assistente? E se não houver nenhum assistente conhecedor do idioma? Ir-se-á, então, a ponto de invocar uma ação a distância sobre o pensamento de uma qualquer pessoa que o

conheça? E se for o caso de uma língua morta? E se o “sujet” prova o conhecimento, não de uma, mas de muitas línguas que, em seu estado normal,

igualmente ignora? Eis aí toda a inverdade da hipótese “leitura de pensamento”.

De igual modo, qualquer que seja a envergadura que atribuamos ao fenômeno de leitura do pensamento, não é admissível ter-se um sujeito como capaz de retirar de um cérebro estranho tudo o que é necessário para compreender, falar, utilizar uma língua que não haja aprendido. Sem dúvida, poderia enunciar termos ou mesmo frases nessa língua, mas sem os compreender, e, principalmente, *sem saber deles servir-se para exprimir seu pensamento*.

Hartmann considera que o “sujet” talvez pudesse falar uma língua de modo pormenori-zado, *mas somente sob uma sugestão direta. “Os sonâmbulos* – diz ele – *podem pronunciar e escrever termos e frases em língua que não compreendem, se o magnetizador ou uma outra pessoa qualquer, colocada em relação com ele, pronuncia mentalmente, com a finalidade de imprimir sugestão, aqueles termos e aquelas frases; os sonâmbulos compreendem-lhes até mesmo o sentido, desde que a pessoa que lhes transmite a sugestão o compreenda e dele tire partido, enquanto pronuncia a mensagem, seja em voz alta, seja mentalmente*. **39**

Eis as estranhas condições que se impõem aos fatos que estudamos.

Como se vê, os conhecimentos da subconsciência não são os únicos que não podem ser atribuídos aos sentidos normais, havendo os que nem mesmo podem ser explicados pelas faculdades transcendentais dessa subconsciência.

Quanto ao resto, ainda que se tratasse de faculdades transcendentais, *a dificuldade não seria resolvida*, posto que elas mesmas não são explicadas pelo funcionamento dos centros nervosos. Invocar a utilização das faculdades de leitura do pensamento ou de lucidez para apoiar a hipótese “subconsciência, função do cérebro”, *seria simplesmente esconder-se atrás de um equívoco*.

Ainda restaria um recurso: o de declarar esses conhecimentos subconscientes, que não podem ser explicados pelas vias sensoriais atuais,

hereditários ou atávicos; mas, com efeito, isso seria avançar demais dentro do que permite a lógica. Julgo inútil a discussão de uma tal hipótese.

Formalmente, pode concluir-se: a hipótese *"Subconsciência superior função do cérebro"* é:

• *ilógica e irracional;*

• *insuficiente para a explicação dos fatos;*

• *em contradição com muitos deles.*

Deve, portanto, ser rejeitada sem reservas, como incompatível com o método científico.

Se a subconsciência superior não é função dos centros nervosos, qual é a sua origem? Qual a sua essência íntima? É sobretudo nessa pesquisa que se faz mister o acompanhamento, par a par, do método científico. Para irmos do conhecido ao desconhecido, nosso único guia será a *análise rigorosa, do ponto de vista original*, das faculdades e dos conhecimentos subconscientes.

Já sabemos que eles podem ser divididos em dois grupos: 1º) faculdades e conhecimentos adquiridos, conscientemente ou não, pelas vias sensoriais, incursionando da consciência normal à subconsciência, que os "armazenou" e conservou;

2º) faculdades e conhecimentos que não puderam ser adquiridos pelas vias sensoriais.

A verificação dos contidos no primeiro grupo prova que a subconsciência superior é, em parte, constituída pelas aquisições totais da consciência, e que contém todos os antigos

atributos desta última, ou, em outros termos: *que uma porção dos elementos psíquicos da subconsciência superior foram previamente elementos*

psíquicos da consciência.

Podemos, desde já, partindo dessas verificações, deduzir uma hipótese racional para explicar as faculdades e os conhecimentos do segundo grupo e, em seguida, a origem total da subconsciência. Foi uma simples generalização que nos levou a essa hipótese.

Percebemos que *uma dada porção* dos elementos psíquicos subconscientes foram preli-minarmente elementos psíquicos conscientes, pelo que estamos no direito de supor que *todos os elementos psíquicos subconscientes foram anteriormente (elementos psíquicos) conscientes*.

Isso implica na conclusão última de que os atributos da subconsciência que não provêm das vias sensoriais e da consciência atual originam-se das vias sensoriais e *de consciências anteriores à atual*. Tal a hipótese que se apresenta investida de lógica se nos basearmos no axioma: *"nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu"* .

Isso pode ser, com mais clareza e simplicidade, expresso nos seguintes termos: **III**

O ser subconsciente exteriorizável é o produto sintético de uma série de consciências sucessivas que nele se

embasam e que pouco a pouco o constituíram

Tal a hipótese que pode ser proposta para substituir a da *função cerebral*, que nos vimos forçados a abandonar.

Nada mais resta senão submetê-la a crítica análoga, e pesquisar se a nova hipótese *é lógi-ca e racional, é suficiente e se não está em contradição com algum fato*.

Essa terceira condição acha-se certamente preenchida; seja no domínio da psicologia normal ou anormal, seja no domínio das outras ciências, buscar-se-á em vão um só fato nitidamente contrário à nova hipótese.

Não menos certo é seu caráter lógico e racional: nada de mais lógico que o se suporem todos os conhecimentos adquiridos pela via sensorial.

Nada mais racional que o se fazer depender a superioridade do ser subconsciente sobre o consciente de seu desenvolvimento mais considerável (ele seria superior porque teria todas as aquisições da consciência atual mais as das consciências anteriores). Nada de mais racional o se supor esse desenvolvimento efetuado lenta e progressivamente nas existências sucessivas, sem nada possuir de misterioso.

Ainda sob um outro ponto de vista a hipótese é racional.

Posto que *o ser subconsciente não é função atual do organismo e posto que lhe é independente, forçosamente deve preexistir e sobreviver a esse organismo*.

Ora, como a natureza tira o melhor partido possível das forças que se acham à sua disposição, economizando e evitando qualquer produção de forças novas, é lógico pensar que utilize a força-inteligência subconsciente em organismos sucessivos, com os quais e pelos quais essa força-inteligência se desenvolve, sendo-lhes, por sua vez, o meio de desenvolvimento.

Mas, será isso suficiente?

De fato, explica satisfatoriamente a presença de todas as faculdades, de todos os conhecimentos subconscientes de idêntica natureza das faculdades e dos conhecimentos conscientes; mas, no que toca às faculdades transcendentais, especialmente à lucidez, deixa muito a desejar; *a essência metafísica do ser subconsciente*, sua natureza íntima nela não encontram explicação. Essa dificuldade é, ainda nos dias de hoje, cientificamente insolúvel (ver a segunda parte).

Quanto às faculdades transcendentais, pode-se, acompanhando Myers, admitir que são o produto não da evolução terrestre, mas de uma outra,

extraplanetária, que lhe seria correlata. “Nossa vida humana – diz ele – existe e manifesta sua energia num mundo material e num mundo espiritual, concomitantemente. Desenvolvendo-se a partir dos ancestrais inferiores, a personalidade humana diferenciou-se em duas fases, das quais uma adaptada às necessidades materiais e planetárias, e a outra à existência espiritual e cósmica.”

As faculdades transcendentais, utilizadas e desenvolvidas pelo ser durante suas fases de liberação, de separação relativa ou completa da vida orgânica, permaneceriam latentes ou inutilizadas durante as fases normais da existência terrestre.

Após esse estudo analítico do ser subconsciente, seja-nos permitido empreender a expo-sição sintética das novas noções e desenvolver as induções que elas sugerem. Veremos mais e mais se afirmar o caráter lógico e racional de nossa concepção.

Posteriormente, tentaremos a completa interpretação de todos os fatos obscuros por meio dessas novas noções.

Capítulo Quarto

Teoria sintética da psicologia segundo as novas noções I – Concepção geral dos fenômenos psicológicos. – Os dois psiquismos. – Sua natureza e papel. II – Interpretação dos fatos obscuros de psicologia normal. III

– Interpretação das neuroses. IV – Interpretação dos casos de personalidades múltiplas. V – Teoria dos sonos. VI – Teoria do hipnotismo, da sugestão, da sugestibilidade. VII – Explicação das ações a distância e das ações de pensamento a pensamento. VIII – Explicação da telepatia. IX – Explicação da lucidez. X –

Teoria do mediunismo. XI – Conclusão e resumo geral.

I

Concepção geral dos fenômenos psicológicos.

Os dois psiquismos, sua natureza e seu papel

No "eu", as novas verificações psicológicas e a nova hipótese mostram-nos todo um mundo dos mais complexos elementos psíquicos. O "conhece-te a ti mesmo" é infinitamente mais importante e mais difícil do que se supunha. O ser pensante será constituído de duas categorias distintas de elementos psíquicos:

1ª) os provenientes do funcionamento dos centros nervosos e que constituem o psiquismo cerebral, ou *psiquismo inferior* (para empregar uma terminologia que mais adiante reencontraremos, na análise de uma doutrina atualmente em voga); 2ª) os elementos independentes do funcionamento dos centros nervosos, pertencendo ao ser subconsciente e constituindo o *psiquismo superior*.

O ser consciente normal é constituído da *colaboração íntima* desses dois psiquismos.

A *ação isolada* de um ou de outro é uma ação subconsciente, ou seja, em maior parte inacessível ao conhecimento e à vontade diretos e imediatos do ser normal.

Com isso, compreendemos como aquilo a que se denomina subconsciência é de dupla natureza; como se deve distinguir a *subconsciência inferior*, produto do psiquismo inferior isolado, da *subconsciência superior*, produto do psiquismo superior, que é distinto.

A subconsciência superior – enquanto a inferior é relativamente simples e de fácil estudo

– é extremamente complicada. Com efeito, vimos que o ser subconsciente compreende: a) elementos provenientes de uma evolução extraplanetária da qual não tínhamos qualquer idéia precisa;

b) elementos provenientes da evolução terrestre anterior, aquisições de personalidades sucessivas;

c) elementos provenientes de aquisições da personalidade atual.

Os diversos fenômenos da psicologia anormal, especialmente o mediunismo, provam que esses elementos não são incorporados, amalgamados em um bloco homogêneo, mas sim associados por grupos mais ou menos complexos na síntese psíquica. Esses grupos mentais constituem seja personalidades completas, seja subpersonalidades capazes de se manifesta-

rem isoladamente. Estando essas noções admitidas, compreenderemos facilmente o que se deve entender por psicologia normal e por psicologia anormal.

Psicologia normal – Sendo o ser consciente o produto da colaboração íntima dos dois psiquismos, sua atividade regular dependerá da correlação bem ordenada de todos os elementos constitutivos da síntese psíquica. Na vida normal haverá, portanto, subordinação do psiquismo inferior ao psiquismo superior e, sem dúvida, subordinação dos grupos mentais do psiquismo superior a um princípio central que constitui a parte essencial do "eu", alma ou mônada principal, sobre cuja natureza metafísica pode discutir-se, embora com as noções novas seja bem difícil desconhecer-lhe a necessidade e realidade. Desse modo, acha-se realizada uma *centralização psicológica* estreita, graças à qual o ser subconsciente utiliza a bel-prazer as funções cerebrais, retirando o melhor partido possível das condições orgânicas.

Todas as aquisições sensoriais ou passam do psiquismo inferior ao superior, ou são por este assimiladas e sintetizadas em novas capacidades.

O ser subconsciente desempenha não somente o papel diretor e centralizador da personalidade atual, mas também uma tarefa capital na origem, no desenvolvimento e na conservação dessa personalidade. Sem dúvida, é ele

quem a ela fornece suas faculdades inatas, suas predisposições intelectuais ou artísticas, e se esforça por adaptá-las ao funcionamento orgânico do melhor modo possível. Talvez, ainda, ou até mesmo provavelmente, desempenhe um papel no desenvolvimento do organismo, uma vez que goza – nós o sabemos – de uma faculdade organizadora sobre a matéria. Finalmente, mantém, de um modo amplo, a presença da personalidade no meio da perpétua renovação molecular durante a vida.

Uma tal concepção do ser subconsciente permite a afirmação de que seu desempenho extremamente importante *nada tem de automático*, e sim que ele é desejado e raciocinado.

Seu desconhecimento por parte da personalidade normal nada tem de extraordinário, visto que observamos, no caso das personalidades múltiplas, o conhecimento eventual manifesta-do pela mais elevada dentre elas a respeito de tudo o que tem ligação com as outras, embora sendo por estas inteiramente ignorada. Aqui, talvez se tratasse de um mecanismo análogo.

Melhor ainda, *pode reconhecer-se no ser normal o próprio ser subconsciente*, simplesmente modificado por sua união com o organismo.

Adquire ele, nessa associação, novos caracteres, oriundos do psiquismo cerebral, e perde a memória de seu estado real, assim como a utilização direta das faculdades transcendentais e dos conhecimentos adquiridos anteriormente. Esse esquecimento, no entanto, não passa de relativo e momentâneo. O simples afrouxamento da centralização psicológica nos estados anormais, ou mesmo na vida normal, permite, como mais adiante veremos, um certo ressur-gimento das faculdades e dos conhecimentos latentes.

A ruptura total da colaboração dos dois psiquismos, o que acontece na morte, deve de-volver ao ser subconsciente a utilização dessas faculdades e desses conhecimentos, utilização essa tanto mais perfeita quanto maior seja a sua evolução.

Em suma: o ser subconsciente (alma e seu psiquismo superior) seria o *"eu" real, a individualidade* **40** *permanente, síntese das personalidades*

transitórias sucessivas, produto integral da dupla evolução terrestre e extraterrestre.

Aksakof, *partindo do Espiritismo*, chega a uma opinião idêntica à que acabo de expor. E

essa opinião acha-se expressa na seguinte página, que cito integralmente:

"Graças aos trabalhos filosóficos do Barão L. von Hellenbach e do Dr. Carl du Prel, a noção da personalidade adquiriu um desenvolvimento inteiramente novo; e já se aplanaram em muito as dificuldades que o problema espírita nos apresenta.

52

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

"Até o presente momento, sabemos que nossa consciência interior (individual) e nossa consciência exterior (sensorial) são duas coisas distintas; que nossa personalidade, que é o resultado da consciência exterior, não pode ser identificada com o "eu", que pertence à consciência interior; ou, em outros termos, o que chamamos nossa consciência não é o mesmo que nosso "eu". É, portanto, necessário distinguir entre a personalidade e a individualidade. A pessoa é o resultado do organismo e o organismo o é, temporariamente, do princí-

pio individual transcendental.

"No domínio do sonambulismo e do hipnotismo, a experimentação confirma esta grande verdade: desde que a personalidade, ou a consciência exterior, é adormecida, atenuada, surge um outro algo, um algo que pensa e que quer, e que não se identifica com a personalidade adormecida, manifestando-se por seus próprios traços característicos. Para nós, é uma individualidade que não conhecemos; mas, ela conhece a pessoa que dorme e se recorda de suas ações e de seus pensamentos. Se queremos admitir a hipótese espiritista, é claro que falamos desse núcleo interior, esse princípio individual, que pode sobreviver ao corpo; e tudo o que pertenceu à sua personalidade terrestre será para ele um simples trabalho da memó-

ria.”

Myers não é menos afirmativo:**41**

“O “eu” consciente de cada um de nós, ou – como mais prazerosamente chamarei – o “eu”

empírico do supraliminal, está longe de compreender a totalidade de nossa consciência e de nossas faculdades. Existe uma consciência mais vasta, faculdades mais profundas, das quais a maior parte permanece virtual, no que concerne à vida terrestre... e que novamente se afirmam na sua plenitude depois da morte.”

Essa consciência mais vasta e mais profunda, que Myers denomina consciência subliminal, corresponde ao que chamei de ser subconsciente.

Há, no entanto, um ponto de afastamento entre minha concepção e a de Myers; ei-lo: sua consciência subliminal abarca tudo o que escapa à vontade consciente do ser normal, desde o automatismo orgânico das grandes funções vitais até às faculdades e nos conhecimentos transcendentais, passando pelo automatismo psicológico de ordem inferior. Os estados subconscientes, no seu sistema, são de mesma essência, mas se distinguem por seu grau de elevação psicológica.

De minha parte, já disse por que, contrariamente, julgo indispensável a distinção entre a *subconsciência inferior*, produto do automatismo dos centros nervosos, e a *subconsciência superior*, independente do funcionamento orgânico. Sem essa distinção capital, muitas objeções marcham contra o sistema idealista de Myers e contra o meu. O raciocínio obnubila-se e não mais se vê como se poderia atribuir uma origem e um fim diferentes a manifestações psíquicas que seriam da mesma natureza.

Psicologia anormal e dificuldades explicativas da psicologia normal – Acabamos de ver que as condições que presidem à atividade normal do ser consciente são: a correlação bem ordenada de todos os elementos psicológicos; a subordinação regular do psiquismo inferior ao psiquismo superior e, sem dúvida, a de grupos mentais deste último a um princípio diretor e centralizador.

Agora, suponhamos ausentes ou momentaneamente suspensas essas condições; assisti-remos não a uma desagregação (implicando esse termo um efeito mórbido e definitivo), mas a uma descentralização mais ou menos completa, durável ou efêmera da síntese psíquica.

Essa descentralização permitirá a ação isolada do psiquismo inferior, e a entrada em campo de seu automatismo e sugestibilidade. Permitirá a ação isolada do psiquismo superior (ou

mesmo a ação isolada ou preponderante de um ou de outro daqueles grupos constitutivos deste último) e, por essa secessão do organismo, a manifestação de sua atividade extracorporal, de suas faculdades supranormais, de suas capacidades e de seus conhecimentos latentes.

Desaparecem todas as obscuridades da psicologia normal e anormal, sob a claridade dessas noções simples. A interpretação geral e a explicação particular de cada categoria de fenômenos não deixam subsistir qualquer dificuldade maior.

II

Interpretação das dificuldades na psicologia normal

Do ponto de vista de uma interpretação anátomo-fisiológica, retomo todas as dificuldades que havia assinalado:

• *a inerência das principais faculdades e capacidades;*

• *o talento e o gênio;*

• *as desigualdades psíquicas consideráveis entre seres vizinhos pelas condições de nascimento e vida;*

• *as diferenças entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica;*

• *o trabalho inconsciente.*

Todas essas verificações se aplicam facilmente, pela natureza do ser subconsciente e por seu papel na origem, no desenvolvimento e nas manifestações da consciência normal.

A extensão e o desenvolvimento da subconsciência diretora, que, intrinsecamente, dependem de seu grau evolutivo, em parte determinam o mais ou o menos de elevação e de capacidade da consciência normal. Digo em parte porque, naturalmente, goza o físico de um papel importante, sendo o cérebro, fonte do psiquismo inferior, mais ou menos perfeito, mais ou menos apto a submeter-se à direção da individualidade subconsciente. E, sobretudo, essa direção poderá ser, de um certo modo, diminuída, entravada ou distorcida pelas influências exteriores contrárias (educação, exemplos, etc.) e pela hereditariedade.

Não se pode, portanto, julgar do estado de avanço real da individualidade a partir da personalidade atual; é, no entanto, àquela que, sem dúvida, a personalidade deve suas principais faculdades, suas mais eminentes qualidades e a possibilidade de realização de obra de grande talento ou de gênio.

De acordo com a mais ampla probabilidade, e de um modo geral, as capacidades do ser normal são, em maior parte, o legado da subconsciência superior, o resultado da evolução passada, das experiências realizadas nas existências anteriores, enquanto *seus conhecimentos atuais* são, em maior parte, a aquisição da existência presente e o resultado do trabalho cerebral, naturalmente guiado pelo ser subconsciente.

O caráter, as opiniões diversas (políticas, econômicas, religiosas, mesmo as filosóficas, etc.) às vezes mantêm os dois psiquismos. Mas, enquanto o caráter retira componentes do psiquismo superior, as opiniões (em cujo desenvolvimento têm uma grande influência a hereditariedade, a ação do meio, a educação, o interesse pessoal, etc.) freqüentemente mantêm em mais alto grau componentes do psiquismo inferior, ao menos nos seres pouco evoluídos ou medíocres.

No que concerne à inspiração (nos homens de talento ou de gênio), é claro que ela é pura e simplesmente o resultado da sugestão do ser subconsciente. Essa inspiração com freqüên-

cia passa despercebida e confunde-se com o trabalho voluntário. É o caso em que a colabora-

ção dos dois psiquismos é íntima e estreita. Em muitos casos, contudo, na maior parte dos grandes artistas, escritores, filósofos e sábios, a inspiração é nitidamente distinta do trabalho voluntário. Manifesta-se ela em separado de qualquer pesquisa penosa, amiúde num estado de distração, às vezes durante o tempo em que o cérebro dorme e repousa. Aqui, é evidente a ação isolada do psiquismo superior e extra-orgânico. Infelizmente, a atividade do psiquismo superior, liberada e acrescida, permanece em grande parte inutilizada na vida prática. Com efeito, se sua separação do psiquismo inferior favorece sua atividade, naturalmente torna mais aleatória e mais difícil sua ação sobre o cérebro.

Também os resultados da atividade psíquica isolada do ser subconsciente não chegam à consciência normal senão por intervalos e por fragmentos, sempre incompletos e freqüentemente deformados. Esses resultados são superiores aos que resultam da colaboração normal dos dois psiquismos, embora sejam sempre mais ou menos irregulares, espaçados, acidentais, intermitentes. Tal a explicação do bem conhecido mecanismo habitual da inspiração.

Por outro lado, repito-o, a influência diretora do ser subconsciente explica com muita clareza *a permanência geral da consciência*, não obstante as contínuas variações moleculares.

Em realidade, existem modificações esquecidas; mas, como tudo o que foi consciente permanece na subconsciência superior, as modificações e olvidos não são mais do que parciais, sendo permanente a característica geral e pessoal, porque permanente e invariável é a direção individual.

III

Explicação das neuroses

A verdadeira neuropatia, independente de qualquer lesão orgânica, de qualquer processo patológico, é facilmente explicável pelas novas noções.

Existe neuropatia todas as vezes que não há, na vida normal, *correlação suficiente* entre os elementos constitutivos da síntese psíquica e especialmente entre o *psiquismo inferior e o superior*. Dá-se a neuropatia porque o *ser subconsciente preenche defeituosamente seu papel diretor e centralizador*. Consideremos um histérico típico: realmente, ele parece não saber utilizar convenientemente nem seus sentidos, nem suas faculdades: há órgãos que escapam à sua direção consciente, à sua sensibilidade ou à sua vontade; outros, nos quais a sensibilidade e a vontade parecem acumular-se exageradamente. Disso resulta que, de um lado, temos anestesias ou paralisias; de outro, hiperestesias ou contraturas. E o fato de os sintomas contrários se deslocarem, não apresentando qualquer fixidez, seja como localização, seja como intensidade, vem provar satisfatoriamente *que é apenas a direção geral que está defeituosa*.

Idênticas observações para os problemas psíquicos de excitação, de sobreexcitação, de depressão e de incoerência, bem como no que tange aos fenômenos convulsivos: sempre força diretora mal dirigida, inutilizada ou defeituosamente utilizada. O ser subconsciente, diretor do organismo, desempenha mal sua função. Ele cede muito de um lado e não o suficiente de outro, impotente para tudo dirigir, deixando sempre algum órgão ou alguma função escapar à sua fiscalização.

A histeria seria, portanto, devida essencialmente ao defeito de concordância dos dois psiquismos e à impotência da subconsciência diretora.

De resto, eis uma opinião que os filósofos e médicos parecem atualmente entrever: sabe-se que o Sr. Pierre Janet faz da histeria *um problema da atenção, da memória e da vontade*.

Num belo trabalho de conjunto sobre a histeria, **42** o Dr. Paul Sollier apresenta uma nova teoria dessa neurose, que a mim parece, igualmente, concordar com minha explicação. Para ele, *a histeria seria a conseqüência de um sono local do cérebro*. Todos os diversos centros poderiam ser atingidos, isoladamente, por esse sono, e em graus variados, donde a extrema variabilidade dos sintomas mórbidos.

Em lugar de sono local, coloquemos abandono ao repouso, inutilização dos centros cerebrais, o que vem a ser o mesmo, e a concordância dessa teoria com a opinião que já eu dera antecipadamente estará completa.

Teorias análogas para a explicação dos sintomas isolados da histeria foram apresentadas por diversos sábios. Para o Prof. Lépine, por exemplo, a anestesia e a paralisia histéricas proviriam de uma insuficiência temporária da transmissão interneurótica (*Lyon Médico*, 1894).

Branly exprime idêntica opinião e assimila o funcionamento dos neurônios ao dos radio-condutores. **43**

Os fisiologistas acham-se, portanto, bastante de acordo a respeito da questão da patogenia histérica. Apenas, esse repouso, esse sono dos ditos centros cerebrais, essa insuficiência da circulação nervosa, etc., constituem uma *verificação*, e não uma explicação propriamente dita.

Qual é a causa íntima do fenômeno? É isso o que nem a teoria do Dr. Sollier nem as análogas nos ensinam. A causa íntima é a que conhecemos: *o defeito de concordância entre os dois psiquismos e a impotência da direção subconsciente*.

Surgem agora algumas questões secundárias, relativas precisamente à impotência da direção subconsciente. *A que razões se deve atribuir esse defeito de concordância e essa impotência*?

Podem elas ser múltiplas, como o são sempre as causas secundárias. Comodamente as encontraremos quando nossa patogenia da histeria for admitida e estudada. Algumas, desde agora, podem ser fornecidas:

a) A subconsciência diretora pode ser impotente, porque *sua união com a consciência e com o organismo está mal garantida*, produzindo-se, então, fácil e espontaneamente, inúmeros fenômenos elementares de exteriorização. A imperfeição dessa união poderá, ela mesma, ser congênita ou adquirida (origem traumática, infecciosa, tóxica, reflexa).

b) A consciência diretora pode ser impotente porque deve lutar *contra sugestões exteriores*, contra os efeitos de uma contenda, de um gênero de vida, de um sistema de educação, etc., desviando o ser de sua via natural.

Aí está uma causa secundária freqüente da histeria. Desde que o ser saia de sua vida normal, desde, sobretudo, que ele viva em desacordo com as leis naturais, a natureza vinga-se cruelmente e a neurose sobrevém. Sabe-se o quanto a histeria é freqüente nos conventos: é a tara habitual dos anormais.

c) Finalmente, a subconsciência diretora pode ser *impotente por natureza*, realmente inferior à sua tarefa, porque está unida a um organismo por demais complicado para ela, por demais aperfeiçoado para que ela saiba utilizá-lo convenientemente. Os histéricos dessa categoria seriam simplesmente neuropatas inferiores.

Concebe-se imediatamente, em vista desses neuropatas inferiores, uma categoria de *neuropatas superiores*, cuja individualidade subconsciente está muito acima de um organismo grosseiro.

A atividade subconsciente acha-se em perpétua luta contra uma cerebração defeituosa, contra um instrumento orgânico e sensorial do qual ela não retira todo o partido que deseja-ria, e que ela exaure em vão. A luta e a tortura traduzem-se no ser consciente por um mal-estar e por problemas diversos.

No neuropata superior, a influência subconsciente, portanto, não peca por insuficiência, mas por excesso.

Além dos mal-estares orgânicos, o neuropata superior sofre moralmente, porque vê sempre melhor o que lhe falta, e pior o que ele possui, uma vez que tem a intuição muito clara da limitação de suas forças, de suas faculdades e de seus conhecimentos, bem como de seus sentimentos afetivos. Por outro lado, a consciência intuitiva ou raciocinada que ele detém da solidariedade universal multiplica-lhe as penosas emoções. A humanidade ainda se acha muito longe do seu ideal de liberdade, de justiça e de amor.

Os neuropatas superiores são uma legião: a maioria dos grandes escritores, artistas ou sábios, a maior parte dos homens de grande talento, todos os homens de gênio; esses todos são, em gradações diversas, neuropatas superiores.

Essa concepção da neuropatia explica suficientemente as semelhanças de superfície en-contradiças entre os seres inferiores, como os histéricos vulgares, ou os monomaníacos, e os seres superiores, dos quais a humanidade se honra. Tal concepção torna vã essa lastimável teoria da degenerescência da qual a psicologia moderna havia abusado lamentavelmente. As analogias de conduta entre os neuropatas inferiores e os superiores, que eram invocadas em favor dessa teoria, explicam-se tão simplesmente quanto as analogias mórbidas.

Concebe-se, por exemplo, que a idéia fixa e a intuição genial possam, temporariamente, revestir-se da mesma aparência ou do mesmo resultado: nos dois casos, verificar-se-á a indiferença em relação ao que não é o objetivo a atingir, o desprezo ou a desatenção para com os obstáculos, as bizarrices que pontilham a caminhada, *etc*.

Mas, aquilo que distingue o homem de gênio, grande artista, sábio, filósofo ou fundador de religião, do doido maníaco, artista desencaminhado, falso inventor ou falso profeta, não é a ausência de defeitos graves nem de erros grosseiros, mas – a despeito desses possíveis erros – o caráter de elevação geral de inspiração; é o espírito de continuidade incansável, o real bom senso, chegando sempre a dominar os desatinos da imaginação, a sã razão vindo secundar a intuição, conferindo-lhe todo o seu valor prático.

A luminosa inteligência do neuropata superior ou genial poderá ser momentaneamente eclipsada ou perturbada; mas em nenhum momento poderá, por muito tempo, sua potente originalidade confundir-se com a extravagância imbecil do neuropata inferior.

Muitos homens de gênio foram desdenhados ou perseguidos porque contrariavam as paixões, os prejulgamentos ou, simplesmente, a ignorância e a tolice de seus contemporâ-

neos. Muito poucos foram, sem dúvida, completa e definitivamente desconhecidos.

Muitos desequilibrados puderam sobre si mesmos atrair atenção, encontrar admiradores ou discípulos; nenhum, no entanto, conseguiu assegurar a si próprio sucesso persistente.

Entre os casos extremos do homem de gênio e do desequilibrado banal, colocam-se naturalmente muitos casos intermediários de neuropatas de ordem inferior, de um lado, e outros, de ordem superior, de outro lado. Suas diversas faculdades mostram-se muito desiguais, seja por conseqüência de uma evolução anterior inarmônica, seja por falta de concordância ou de afinidade entre os dois psiquismos.

57

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Do mesmo modo, não raro é observar-se em certos artistas, escritores ou filósofos de uma dada ordem, uma curiosa mistura de qualidades e de defeitos contraditórios; por exemplo, uma verdadeira originalidade e uma extravagância afetada; talento e falta de gosto; às vezes, até mesmo inspiração que se percebe muito presente, mas cujas manifestações são amiúde falseadas ou pervertidas.

A *loucura essencial* será explicada pela impotência da direção subconsciente, tão simplesmente quanto a histeria. Apenas, na loucura, a impotência do princípio centralizador é completa, e não mais relativa e parcial. O resultado disso é a *anarquia* dos centros do psiquismo inferior.

Assim, com muita comodidade, interpretam-se os diversos gêneros de loucura essencial.

Forneçamos alguns exemplos: suponhamos o psiquismo inferior em plena anarquia e mergulhado num estado de prostração anormal, devido a causas secundárias (tóxicas, infecciosas, reflexas, etc.); temos a *melancolia*. Suponhamo-lo nas mesmas condições mórbidas, mas sobreexcitado, ao invés de deprimido... temos a *mania aguda*.

Suponhamos, ainda, o psiquismo inferior em estado de anarquia face a face com a direção subconsciente, embora chegando a subordinar-se a um grupo de elementos mentais predo-minante: temos o delírio sistematizado, *etc*. **44**

IV

Interpretação dos casos de personalidades múltiplas

e, de um modo geral, das alterações da personalidade Os casos de personalidades múltiplas e, de um modo geral, os de todas as alterações da personalidade, compreendem-se sem dificuldade através das novas noções sobre a complexidade da síntese psíquica e sobre a possibilidade de uma descentralização momentânea, mais ou menos acentuada, dessa síntese. A supressão relativamente completa e mais ou menos durável da direção subconsciente é a condição essencial dessas manifestações. A descoordenação que dela resulta permite a manifestação preponderante de um dos grupos psicológicos, manifestação essa açambarcadora ou isolada.

Os casos observados no hipnotismo e nos estados conexos, em certos estados patológicos, no mediunismo elementar, denotam simplesmente pseudopersonalidades da subconsci-

ência inferior, puramente automáticas, ou de origem sugestiva.

Os casos observados no mediunismo superior, ou na psicologia anormal, fora da hipnose e do mediunismo, são, com freqüência, manifestações fragmentárias da subconsciência superior.

Quando se trata de uma personalidade muito completa, possuidora de todas as capacidades e aparências que estamos habituados a reconhecer nas personalidades normais, sem muita temeridade pode concluir-se que ela simplesmente representa *uma das personalidades anteriores do "sujet"* , de modo mais ou menos nítido ou deformado. **45**

Quando se trata de personalidades incompletas, de subpersonalidades mais ou menos bem caracterizadas e mais ou menos autônomas, como tão freqüentemente se observa no mediunismo, está-se autorizado a ver em cada uma delas apenas a manifestação isolada de um grupamento mental secundário do ser subconsciente, tendo esse grupamento, ele próprio, por diversas condições (época particular da vida intelectual do "sujet",

preocupação dominante, acontecimento impressionante, concentração da atenção sobre um ponto especial, etc.), sido determinado e sistematizado.

58

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Essas subpersonalidades poderão mostrar-se mais ou menos deformadas e modificadas pela sugestão ou pela auto-sugestão, bem como por adjunções imaginativas, de valor e de interesse assaz variáveis, *etc*.

O famoso caso de Helen Smith, tão magistralmente analisado pelo Dr. Flournoy, oferece, como se sabe, notáveis exemplos dessas diversas alterações da personalidade: manifestações puramente automáticas; subpersonalidades infantis no romance marciano; personalidades já elevadas no ciclo hindu e no ciclo real; personalidade muito completa e superior à normal, no papel de “Espírito-Guia” Leopoldo.

Sendo expressamente feitas todas as reservas sobre o valor das provas dadas pelo Dr.

Flournoy em favor de sua interpretação *exclusiva dessas personalidades* e de certos dos seus inesperados conhecimentos, é-nos permitido sustentar que sua opinião nada apresenta de contraditório com as idéias expostas no meu trabalho, ainda que integralmente aceitas.

V

Interpretação dos sonos

Sabemos que, do ponto de vista fisiológico, o sono é o repouso dos centros nervosos. Explica-se facilmente a contradição entre o repouso funcional e a persistência possível da atividade psíquica, se se admite, na consciência pessoal, a coexistência de uma substância superior *independente do funcionamento do cérebro atual*. Não há necessidade de se procurar alhures uma teoria psicológica do sono e dos sonhos.

Antes de qualquer separação, há no sono, primeiramente, ruptura de colaboração entre o ser subconsciente e o cérebro. Desaparece a consciência normal. Repousa o organismo e sua atividade reduz-se ao mínimo. Os sonhos ordinários, mais ou menos incoerentes, são o produto automático de um resto de atividade cerebral, que não é totalmente abolida pela morte. Os sonhos lógicos e coerentes, inteligentes, geniais, são manifestações da subconsci-

ência superior, que não ficou cerceada pelo repouso dos centros nervosos, e sim – ao contrá-

rio – exaltada, se bem que sua atividade seja então mais difícil e irregularmente percebida.

Nítida e imediatamente, as operações subconscienciais poderão chegar à consciência, se há – por uma causa ou por outra – despertar brusco. Caso contrário, nem por isso são forçosamente perdidas para o ser consciente. Apenas, elas não tomam contato com ele senão pouco a pouco, no estado de vigília, freqüentemente se confundindo com os produtos do trabalho voluntário.

O *sono tóxico* (narcóticos, anestésicos) dá lugar às mesmas observações gerais. De qualquer modo, ele faz-se acompanhar não somente de diminuição das manifestações conscienciais, mas também de sua perversão (embriaguez).

Restam ainda os sonos *hipnótico* e *mediúnico*. O mecanismo é o mesmo. Essencialmente, são causados pela diminuição da atividade funcional do cérebro e pela obnubilação da vontade consciente.

Mas, em grau superior ao verificado nos outros sonos, existe a *exteriorização do ser subconsciente*, em gradações variadas, donde a nitidez de suas manifestações aparentes.

59

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

VI

Interpretação do hipnotismo

Todas as manifestações da hipnose se explicam pela separação, a ação isolada dos dois psiquismos e a exteriorização mais ou menos completa do ser subconsciente. É sabido que os fenômenos característicos podem ser verificados *seja no organismo do paciente, seja fora dele*.

Os fenômenos orgânicos (anestesia *verdadeira*, hiperestesia *real*, catalepsia, letargia, etc.) são devidos, como acontece com os histéricos, precisamente à impotência diretora e percep-tiva da subconsciência superior que, em parte, se acha exteriorizada do organismo.

Os fenômenos verificados fora do organismo são devidos ao ser subconsciente exteriorizado.

Os fenômenos sensitivos, em geral, são em parte pertinentes à exteriorização: a anestesia e a hiperestesia são acontecimentos secundários. *Essencialmente, não há nem diminuição nem aumento, mas deslocamento da sensibilidade*. Esta, que desapareceu da superfície do corpo e dos órgãos dos sentidos, encontra-se, às vezes, transferida para linhas e pólos de exterioriza-

ção, descritos pelo Sr. de Rochas.

Desde logo, compreende-se como simultaneamente podem verificar-se dois fenômenos em aparência contraditórios: a insensibilidade orgânica e a percepção, fora da mediação dos órgãos sensoriais, de sensações táteis, olfativas, auditivas, gustativas e visuais.

Por outro lato, compreende-se que essa sensibilidade possa exercer-se através de obstá-

culos materiais, que não têm ação apreciável sobre a força-inteligência exteriorizada.

Finalmente, explica-se o estranho fato de que os sentidos diversos se exercem indiferentemente sobre qualquer ponto da irradiação periorgânica, comprovação de que todos os sentidos normais são condensados e sintetizados *num sentido único* sobre todo o organismo subconsciente.

Os *fenômenos supranormais* (leitura de pensamento, lucidez, etc.) serão o resultado da entrada em serviço das faculdades e dos conhecimentos transcendentais do ser subconsciente liberado.

É claro que, apenas acidentalmente, como em relâmpagos, de um modo relativo e fragmentário, faculdades e conhecimentos transcendentais poderão repercutir no psiquismo inferior. Mas, isso em conseqüência da descentralização produzida pela hipnose e por condições anormais de funcionamento dos dois psiquismos.

O *automatismo do psiquismo inferior* é o produto do seu isolamento do ser subconsciente e da cessação da ação diretora desse último.

Esse automatismo é de fato notável, **46** tanto na hipnose quanto nos estados conexos, permitindo que se faça uma idéia suficiente do papel das faculdades cerebrais.

Permite, por exemplo, o reencontro, no paciente hipnotizado, de muitos conhecimentos habituais, ou aparentemente esquecidos do ser consciente. Isso pode explicar-se seja por um armazenamento desses conhecimentos na subconsciência inferior, armazenamento esse análogo ao que se opera na subconsciência superior, seja, principalmente, pela ação dessa última na conservação da personalidade.

Com efeito, o permanente esforço do ser subconsciente é suficiente para esclarecer como esses conhecimentos permanecem gravados no cérebro, apesar da contínua renovação de suas moléculas constitutivas, prontas para serem utilizadas na vida normal ou automatica-mente nos estados anormais.

Às vezes, como se sabe, o hipnotismo ou o sonambulismo permitem a realização de atos automáticos mais perfeitos que os normais. **47** Como o psiquismo inferior, nesses estados, se acha isolado de seu psiquismo superior, uma semelhante constatação poderia parecer contrária às idéias esposadas neste volume.

Não é, na realidade, nada disso o que acontece: a perfeição dos atos automáticos explica-se facilmente pelo fato de que todas as forças vitais se concentram, por assim dizer, em vista da execução de uma ordem dada, ante a obediência à sugestão ou à auto-sugestão. *E assim o fazem, sem reflexão, sem hesitação, sem distração*.

Daí o notável caráter do automatismo fisiológico ou psicológico, e mesmo a possibilidade de modificações orgânicas curativas ou desorganizadoras na hipnose e nos estados conexos.

Passemos agora à *sugestão*. Poderá ela exercer-se:

• *seja sobre a consciência orgânica obnubilada;*

• *seja sobre a subconsciência exteriorizada.*

1º) *Sugestão sobre a consciência orgânica obnubilada* – Eis em que consiste: a vontade do magnetizador toma pura e simplesmente o lugar diretor da subconsciência exteriorizada.

Desde então, dirige o organismo e a cerebração do paciente à sua vontade.

Como, sem dúvida, o ser subconsciente, sobretudo sobre o psiquismo inferior, age pelo mecanismo da sugestão na vida normal, há na hipnose simplesmente mudança de influência sugestiva: a da subconsciência superior é exteriorizada e a do magnetizador é *interiorizada*.

2º) *Sugestão sobre a subconsciência exteriorizada* **48** – Essa sugestão explica-se pelo fato considerável – se bem que momentâneo – de a vontade subconsciente separar-se de seu instrumento cerebral.

O ser subconsciente passa por uma obnubilação relativa que, facilmente, o fará submeter-se à potente influência do magnetizador. Quanto ao resto, essa obnubilação, além de ligada às fases elementares da exteriorização, é meramente passageira.

Como acontece nos estados mediúnicos superiores, logo que a exteriorização é suficiente, o ser subconsciente manifesta *uma vontade toda pessoal* e uma característica assaz original.

Em todos os casos, a questão de sugestão sobre a subconsciência superior necessita de novas pesquisas experimentais, com esse propósito sistematizadas; elas por si sós permitirão a própria distinção nítida da sugestão sobre a subconsciência inferior, além do conhecimento dos limites nos quais seja ela possível, caso o seja.

Resta o estudo da *sugestão em prazo predeterminado*; seu mecanismo, no entanto, é mais complicado, razão pela qual me vejo obrigado a estudar, antes, a *sugestibilidade em geral*, para a qual é imperioso fornecer uma teoria conforme as novas noções.

Da sugestibilidade – Não consiste ela apenas na possibilidade de *se sofrer* influências diversas, senão também na de *adaptar-se à consciência pessoal* tudo o que pode influenciá-la.

Em outras palavras, a sugestibilidade *é a faculdade de adaptação do ser psíquico ao meio e às influências ambientes, bem como de adaptação dessas influências ambientes ao ser psíquico*. É, portanto, a condição primeira do processo de assimilação psíquica, permitindo ao "eu" a *aquisição de novos elementos conscienciais*.

Em relação ao moral, a sugestibilidade simplesmente representa *o apetite e a capacidade de absorção*.

Assim compreendida, necessita ela estar restrita aos limites convenientes, sem o que a-travancaria o "eu" com as mais diversas aquisições, sob cuja pressão caótica a personalidade arriscar-se-ia a desaparecer. É mister *um freio* à sugestibilidade. *Esse freio é a vontade*. E isso

por duas razões: *por temor do esforço* demandado por toda aquisição nova e por *um instinto que mantém o próprio instinto de conservação*.

A vontade luta pela conservação da personalidade psíquica, que comprometeria o afluxo de elementos estranhos muito numerosos ou diferentes de seus próprios elementos. Instintivamente, ela é hostil às aquisições intelectuais que não estão acordes com os traços principais da característica pessoal.

Numa pessoa qualquer, a vontade e a sugestibilidade atuam em razão inversa, como potência e como extensão. **49**

Estando essas noções gerais admitidas, estudemos a sugestibilidade em seus pormenores.

É necessário considerá-la no *estado de vigília normal, no sono normal e nos sonos anormais*.

Sugestibilidade no estado de vigília – Posto que a sugestibilidade tem por contrapeso a vontade, para que se mantenha em seus limites úteis será mister que o equilíbrio entre aquela e esta seja bom. Se for defeituoso, a sugestibilidade será ou muito forte, ou muito fraca.

Intervém, no entanto, um outro fator importante: *o da influência de uma vontade estranha à vontade consciente*. Aquela pode ser *ou a vontade interna do ser subconsciente, ou uma vontade exterior*.

Qualquer que seja a vontade diferente, subconsciente ou exterior, poderá influenciar a sugestibilidade do ser.

Se os dois psiquismos estão de acordo, e, felizmente, é o caso mais freqüente, assegura-se o equilíbrio. O psiquismo superior preenche seu papel normal de direção psicológica e a vontade consciente não mais passa

do reflexo da vontade subconsciente, salvo exceções variáveis em importância e em freqüência.

Se, por outro lado, a concordância estiver mal assegurada, se o psiquismo superior preencher mal o seu papel de direção (relativo a uma das causas estudadas no capítulo das neuroses), o psiquismo inferior fácil e fortemente sofrerá a possível influência de uma vontade exterior que, mais ou menos, se substituirá à do ser subconsciente. É por isso que os neuropatas inferiores são por demais acessíveis à sugestão exterior, mesmo no estado de vigília normal.

Finalmente, e sobretudo, as influências exteriores serão poderosas *sobre as crianças*. Com efeito, por dois motivos é considerável a sugestibilidade destas:

• *pela insuficiência da vontade consciente* (que apenas se esboçou);

• *pela impotência da vontade subconsciente* (que só pode agir plenamente sobre o ser após o remate do desenvolvimento orgânico).

Daí, para a criança e para o adolescente, os imensos perigos de uma educação mal compreendida ou sistematicamente falseada, cuja "impressão" pode persistir e comprometer, para toda a vida, a influência favorável e regular da vontade subconsciente.

Sugestibilidade durante o sono – Neste estado, a vontade consciente do ser acha-se bastante diminuída; há, portanto, *aumento da sugestibilidade*. Esta, quando acrescida, será acessível seja *à influência da vontade subconsciente* (donde os efeitos importantes do trabalho subconsciente durante o sono, se bem que necessariamente irregulares e aleatórios), seja *à influência de uma vontade exterior*. Mas, no *sono natural*, a vontade subconsciente geralmente preserva o ser das sugestões exteriores.

No *sono hipno-mediúnico*, ao contrário, estando a subconsciência exteriorizada, não mais pode exercer esse controle; donde, precisamente, a importância das sugestões exteriores.

Com essa teoria da sugestibilidade, pode-se compreender até mesmo a sugestão *a prazo predeterminado*. Esta só se pode explicar pela impotência ou pela aniquilação da vontade subconsciente. Com efeito, não é admissível que, no momento fixado, a vontade subconsciente deixe se cumpra o ato sugerido, sobretudo se se trata de um ato nocivo ao ser. Segundo a expressão de Myers, **50** "parece singular que a divindade interior possa ser conduzida com tanta facilidade, à menor palavra".

Tudo pode compreender-se. Não é a "divindade interior" que assim se deixa levar; é simplesmente o psiquismo inferior. A sugestão a prazo predeterminado, tal como a sugestão ordinária, só é toda-poderosa porque suplanta a do ser subconsciente.

Do mesmo modo, o ato sugerido só pode ser levado a cabo pelo prévio retorno do ser ao estado de hipnose em que se encontrava quando a sugestão foi dada.

Sem duvidar disso, o magnetizador sugere a hipnose ao mesmo tempo que o ato a ser praticado. No momento fixado, o sujeito acha-se tal qual estava quando recebeu a ordem: *não há lugar para que atine com o intervalo de tempo escoado entre sugestão e o seu efeito*.

A não realização da hipnose prévia é, sem dúvida, a causa do freqüente insucesso da sugestão a prazo predeterminado. **51**

VII

Explicação das ações a distância e das

ações de pensamento a pensamento

As ações da sensibilidade a distância, da motricidade, das faculdades organizadoras e desorganizadoras da matéria; as ações de pensamento a pensamento (leitura de pensamento, sugestão mental, certos casos de telepatia), todas têm sua explicação na exteriorização parcial da força-inteligência subconsciente, em sua projeção e utilização mais ou menos afastada do organismo. **52**

Essas são as *propriedades do ser subconsciente exteriorizável*, propriedades essas que, numa larga medida, escapam às condições de espaço e de tempo. Desde então, compreende-se serem elas *em maior parte* inacessíveis à vontade consciente normal.

Apenas em algumas circunstâncias poderá esta última obter fenômenos *elementares* de ação a distância ou de pensamento a pensamento, porque, no cômputo geral, se acha estreitamente associada a essa substância que ela ignora.

Finalmente, esses fenômenos elementares serão até por vezes obtidos sem sono hipnótico, no estado normal (por conseguinte, sem exteriorização), graças à irradiação periorgânica constante da força-inteligência subconsciente.

VIII

Explicação da telepatia

Depois de todo o precedente, é certo que os fenômenos de telepatia não se originam de uma causa única. Sua origem é variável, podendo ser:

• *uma ação de pensamento a pensamento*;

• *uma ação de lucidez* (em geral, visão a distância);

• *uma ação exterior real*.

1º) *Ação de pensamento a pensamento*, seja espontaneamente, seja pela influência subconsciente, seja por um efeito intenso da vontade.

2º) *Ação a distância* durante o sono, por exteriorização parcial elementar da força-inteligência subconsciente do adormecido. Se o choque emotivo é bastante intenso, pode resultar *um despertar brusco e a conservação da lembrança da visão*. Freqüentemente, então, esse despertar é acompanhado de uma projeção alucinatória reflexa concordante.

3º) *Ação exterior real* – A aparição seria objetiva. Os sentidos do percipiente seriam diretamente impressionados pelo ser subconsciente do "sujet" transmissor. É necessário, para tal, que o "fantasma" constituído pelo ser subconsciente tenha levado com ele *alguns elementos materiais do organismo*, sem o que não conseguiria impressionar o percipiente (isso é possível, sobretudo, quando se trata de um acidente ou de uma morte brusca, de vez que o ser subconsciente poderá melhor conservar, por algum tempo, elementos de um organismo que a doença não teve tempo de consumir).

Provavelmente, a ação telepática é muito freqüente, senão constante; apenas, *raramente é percebida e conservada pelo ser consciente*.

A subconsciência superior, sem dúvida, pode e deve apreender muitas coisas concernentes aos acontecimentos que nos interessam ou às pessoas que nos são caras, graças a uma exteriorização elementar, durante o sono. Apenas, esses conhecimentos só chegam claros e nítidos à consciência normal *por exceção* (em geral, devido a um despertar brusco). Esta é a razão pela qual a ação telepática com freqüência se faz sentir na personalidade consciente por impressões vagas e imprecisas: *pressentimentos*, tristeza ou alegria durante o despertar ou em pleno estado de vigília, sem causa direta.

Para uma pessoa habituada à meditação e à auto-observação, essas impressões podem tornar-se muito nítidas, adquirindo uma real importância prática.

IX

Explicação de casos de lucidez

Um certo número de casos de lucidez é plenamente explicável por leituras de pensamento e por comunicações intersubconscienciais; outros advêm da telestesia e da ação a distância da sensibilidade exteriorizada.

Finalmente, os outros – os casos de lucidez quanto ao passado, ao futuro e os de lucidez sintética – deverão ser atribuídos à misteriosa faculdade, produto da evolução extraterrestre do ser subconsciente.

X

Explicação do mediunismo

O *mediunismo elementar* freqüentemente será explicado pelo automatismo do psiquismo inferior. Sem dúvida alguma, os movimentos da mesa com contato das mãos e muitas das pretensas personalidades espíritas não têm outra origem.

O *mediunismo elevado* será obra do ser subconsciente exteriorizado.

64

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Repito: justamente por esse ser subconsciente não depender do organismo, pode ele, por si próprio, possuir ação sensível, motora, organizadora, intelectual fora dos órgãos dos sentidos, dos músculos e do cérebro.

As manifestações intelectuais elevadas (personalidades completas e originais, conhecimentos e faculdades transcendentais) explicam-se pelas noções que do estado real do ser subconsciente temos. Imediatamente, no entanto, se propõe uma questão capital: *a ação do ser subconsciente pode explicar tudo? – É certo que, sob condição rigorosa de aceitar a defini-*

ção, a descrição e a interpretação integrais que fomos levados a conceber do ser subconsciente exteriorizável, isso é possível. Apenas, essa explicação *exclusiva* de mediunismo, tudo sendo possível, acarreta grandes dificuldades.

O ser subconsciente atribui aos espíritos dos mortos o que, na realidade, dele provém; logo, ou ele nos engana ou se engana a si mesmo.

Se assim o faz, no que tange a si próprio, é porque suas faculdades de clarividência são limitadas, e então não mais se compreende como conheceria ele todos os detalhes minuciosos que, às vezes, apresenta como identidade dos “espíritos”; nem como pode ele saber de suas características

completas, quando mal está informado do que concerne à sua própria identidade.

Se nos engana, sem razão plausível e tão constantemente, não mais pode ser considerado como desempenhando um papel superior do "eu".

E muito mais: esse ser subconsciente não se contentaria em nos enganar de modo tão lastimável, indo, às vezes, colocar-se em oposição com o ser consciente e até mesmo a procurar fazer-lhe mal. Isso é absolutamente inconciliável com as noções que adquirimos a respeito da subconsciência superior.

É, então, necessário levar em consideração a hipótese espírita?

Vejamos, antes de responder, a objeção essencial feita a essa hipótese pela maioria dos sábios que se ocuparam com a questão. ei-la:

A partir do momento em que tudo pode ser explicado pela exteriorização e pela subconsci-

ência, passa a ser contrário ao método científico o apelo a uma nova hipótese: o Espiritismo.

Esse raciocínio seria irrefutável se o Espiritismo constituísse uma *nova hipótese*. Mas, nada disso acontece: *o Espiritismo, no todo, acha-se contido na hipótese integral do ser subconsciente exteriorizável*. A constituição progressiva desse ser nos organismos sucessivos implica *na anterioridade e na sobrevivência* sua a esses organismos. Por conseguinte, implica na certeza da existência do ser depois da destruição do organismo material, ou seja, *na possibilidade da ação espírita*.

Se, portanto, se admite a hipótese integral do ser subconsciente, não é possível repelir o Espiritismo. Todas as ações elevadas e ditas supranormais do mediunismo são, portanto: ou, primeiro, o fato de o ser subconsciente do médium descentralizar, isolar ou exteriorizar os princípios inferiores de seu ser, para agir em diferentes condições das que presidem sua habitual colaboração com eles; ou, segundo, o fato de um ser

subconsciente desencarnado servir-se, do mesmo modo, dos princípios inferiores do médium descentralizado, para agir sobre o plano físico.

Terminando, reconheçamos que as novas noções sobre as complexidades psicológicas do ser só podem tornar extremamente difícil e complicada a interpretação exata da origem e da verdadeira natureza de qualquer das manifestações ditas supranormais.

Nem sempre é cômodo distinguir o que vem do psiquismo inferior daquilo que promana do superior, em face do que sabemos da perfeição possível dos atos automáticos. Mais difícil

ainda é o distinguirmos o que é emanação ou ação do ser subconsciente do que é ação espírita. Em realidade, jamais se poderá apresentar alguma coisa que ultrapasse os cálculos de probabilidade.

E, se nos desembaraçarmos de toda idéia preconcebida, não menos verdadeiro que freqüente será o fato de que a probabilidade para a explicação espírita será realmente mais forte que para a explicação subconsciencial.

XI

Conclusão e resumo

A conclusão à qual cheguei relativamente ao ser subconsciente parece-me cientificamente inatacável, *se se admite a autenticidade dos fatos dos quais ela é deduzida*. Somente pela negação ou pelo fato de duvidar dessa autenticidade é que se pode combatê-la. *Não podemos*, no entanto, *negar todos os fatos*.

O hipnotismo, a histeria, as alterações da personalidade, as manifestações subconscientes elevadas na psicologia normal não são mais negadas do que negáveis. Ora, o que me choca é precisamente que *nenhum desses fenômenos é compreensível fora da nova hipótese*; e que, reciprocamente, uma vez sendo ela admitida, todos os outros fenômenos *perdem sua aparência de maravilhoso e se explicam tão facilmente quanto os primeiros*.

Foi, portanto, em vão que se quis distinguir a psicologia anormal e a psicologia supranormal. A distinção repousa sobre nada de sério. Todos os fatos obscuros de uma e de outra são tidos como elos de uma mesma cadeia. Todos realçam uma mesma e só interpretação geral. Aí está o que *explica o insucesso fatal e o caráter ilusório das tentativas de explicação parcial e isolada de um desses fatos*.

*

Na hipótese de agora querermos resumir em algumas linhas nossa concepção da psicologia, diremos: a síntese psíquica é constituída por dois psiquismos de natureza e origem diferentes: o “psiquismo inferior”, produto do funcionamento cerebral; o “psiquismo superior”, independente do funcionamento cerebral.

O que se chama de consciência normal é o resultado da colaboração dos dois psiquismos; colaboração na qual o psiquismo superior desempenha o papel diretor e centralizador. O que se chama de subconsciência é o

resultado da atividade isolada do psiquismo inferior (subconsciência inferior) ou do psiquismo superior (subconsciência superior).

O exame de todos os fenômenos psicológicos inexplicáveis pela fisiologia clássica permite a observação nítida da separação dos dois psiquismos, bem como a distinção, por essa separação, de suas diferenças de natureza, origem e fins.

Durante a vida cotidiana, regular e normal, observa-se a separação no estado de esboço.

O exame do sono mostra-nos uma descentralização ligeira, durante a qual o cérebro repousa, atinge um grau mínimo de funcionamento e assim escapa ao controle do psiquismo superior.

O exame da inspiração genial, **53** seja durante o sono, seja no estado de vigília, prova-nos que essa descentralização ligeira, longe de acarretar uma diminuição do psiquismo superior, exalta-o e – mais do que pela colaboração íntima com o psiquismo inferior – permite-lhe manifestações mais elevadas, se bem que, freqüentemente, menos acessíveis à consciência normal, menos facilmente por ela utilizáveis e irregularmente percebidas.

Na psicologia anormal, percebe-se a acentuação da separação dos dois psiquismos, e aparecem mais nitidamente suas respectivas propriedades.

O hipnotismo, seus estados conexos e o mediunismo elementar indicam uma já notável descentralização, transtornando as condições habituais de memória e de pensamento.

A ação isolada do psiquismo cerebral manifesta-se por seu automatismo, sua sugestibilidade exaltada, suas pseudopersonalidades. A atividade liberada, ou melhor, a meia liberação do psiquismo superior manifesta-se pela transmissão acidental, mais ou menos nítida, de conhecimentos inesperados atribuídos geralmente à criptomnésia, pela manifestação passageira de

faculdades ignoradas, às vezes até mesmo por relâmpagos de lucidez e por outros fatos supranormais.

Nessa reviravolta das condições de funcionamento e de associação dos dois psiquismos, a direção central do psiquismo superior mais ou menos falha: personalidades factícias, produto do automatismo cerebral; subpersonalidades ou personalidades verdadeiras e completas podendo predominar e permanecer no primeiro plano, vindas das reservas subconscientes elevadas.

A histeria e a loucura essencial mostram-nos, não mais a secessão anormal, mas a separação mórbida, vinculada a um vício congênito ou a taras adquiridas. A descentralização permanente, e não mais passageira, traduz-se pela impotência diretora (*relativa na histeria, completa na loucura*) do psiquismo superior e a ação anárquica ou desviada do psiquismo inferior. Em certos estados mórbidos, as manifestações isoladas do psiquismo superior só são percebidas excepcionalmente, ou então não acontecem senão perturbadas e pervertidas.

A discordância entre os dois psiquismos – mas uma discordância que não chega à separa-

ção mórbida e à ruptura de equilíbrio, como na histeria e na loucura – aparece-nos até mesmo nos simples problemas neuropáticos. Essa discordância revela-se pelas taras características de que padecem os neuropatas de qualquer categoria, desde os mais inferiores aos homens de gênio.

Nas mais estranhas manifestações da psicologia anormal, observam-se – levados ao mais alto grau – a descentralização do ser e a distinção de natureza dos dois psiquismos.

A lucidez é-nos revelada como uma faculdade especial do psiquismo superior, sem analogia no psiquismo inferior.

As ações de pensamento a pensamento mostram-nos bem a ação extracorporal da subconsciência superior.

O mediunismo elevado mostra-nos essa ação extracorporal elevada ao sumo grau.

O mediunismo permite-nos verificar, com evidência, que o psiquismo superior é inteiramente separável do organismo; que pertence a um verdadeiro ser subconsciente; que esse ser subconsciente depende tão pouco do corpo que é capaz não somente de agir fora dele, como também de desorganizar sua matéria constitutiva e de reorganizá-la em formas diferentes e distintas.

Finalmente, a análise psicológica do ser subconsciente e de suas manifestações fazem-nos descobrir nele uma vontade original, bem como faculdades e conhecimentos muito diferentes do que os da consciência normal; faculdades e conhecimentos supranormais e transcendentais; personalidades completas e autônomas.

Essa análise permite-nos reconhecer no psiquismo superior uma síntese complexa, cujos elementos constitutivos apenas em mínima parcela provêm das aquisições da personalidade consciente e da existência atual.

67

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Em uma palavra, o exame minucioso de todos os fatos ainda inexplicados pela fisiologia clássica, no domínio da psicologia normal e anormal, permite-nos concluir pela presença de princípios dinâmicos e psíquicos de ordem superior no ser subconsciente, princípios esses independentes do funcionamento dos centros nervosos, preexistentes e sobreviventes ao corpo, e submetidos a uma evolução correlata à evolução orgânica.

*

Não sei qual será o porvir reservado à teoria da *consciência subliminal* ou do *ser subconsciente*. Mas, desde já é permitido afirmar que uma doutrina sintética, capaz de explicar todos os fenômenos psicológicos deixados na obscuridade, merece a mais séria discussão. E a isso faz jus tanto mais quanto as conseqüências filosóficas e morais que acarreta são – como

veremos – as mais satisfatórias. Antes, no entanto, de expor essas conseqüências filosóficas, creio necessário refutar algumas objeções.

Capítulo Quinto

Objeções e teorias opostas

Duas, dentre as objeções gerais freqüentemente opostas às teorias idealistas, que se de-duzem dos fenômenos psíquicos, são particularmente importantes:

• *a objeção relativa ao olvido das personalidades anteriores;*

• *a relativa ao valor intelectual das personalidades mediúnicas e de suas comunicações.*

1ª) Aquela não conseguiria embaraçar-nos durante muito tempo. Verdadeiramente, é ela sem importância para as pessoas a par da psicologia moderna. Nada de mais simples – nós o vimos – que a compreensão desse esquecimento, relativo e momentâneo.

O estudo da memória nos estados anormais e, particularmente, a verificação das personalidades múltiplas, podendo ignorar-se umas às outras, mostram a possibilidade do esquecimento das existências precedentes e trazem-nos a sua compreensão. Trata-se pura e simplesmente de uma *criptomnésia* que não está limitada à existência atual. Quanto ao resto, o esquecimento responde a uma necessidade filosófica.

É necessário que nas suas fases inferiores (e cada personalidade é uma fase inferior) o ser ignore seu destino e seu estado real, *para que se submeta e se conforme o melhor possível à lei do esforço* (ver Segunda Parte).

Para tanto, é necessário que ele tema a morte; que se desenvolva conforme ao meio onde nasce, sem ser torturado pela comparação com os estados anteriores.

Lembranças, afeições, rancores passados, com efeito, desviam-no da rota.

Do mesmo modo, o conhecimento de suas faltas anteriores, ou daquelas de seus semelhantes, só poderia prejudicar sua vida atual.

Do mesmo modo, enfim, a utilização das antigas aquisições psíquicas freqüentemente o impediria de trabalhar como o deve, com vista a novas aquisições que lhe não pareceriam indispensáveis.

Todos esses argumentos também explicam a *utilidade da morte*: a morte das personalidades sucessivas é simplesmente uma condição que favorece o progresso da individualidade.

2ª) *A objeção extraída do valor intelectual das personalidades mediúnicas* e de suas comunicações é muito mais séria. Baseia-se sobre esta dupla verificação: a) O valor intelectual de muitas das personalidades mediúnicas é assaz variável, mas freqüentemente medíocre.

b) Suas comunicações, no que concerne às questões de metafísica, são diversificadas e contraditórias: "Infelizmente para os espíritas – diz Maxwel **54** –, pode uma objeção, que me parece irrefutável, ser feita ao ensinamento dos Espíritos. Em todos os países do continente, eles afirmam a reencarnação... Na Inglaterra, ao contrário, os Espíritos afirmam que não nos reencarnamos."

De minha parte, creio ser esta uma objeção muito simplesmente refutável. Em primeiro lugar, é mister recordar-se que muitas das personalidades mediúnicas são pura e simplesmente *personalidades subconscientes*. São personalidades da subconsciência superior no mediunismo superior; mas, freqüentemente, são pseudopersonalidades saídas do automatismo cerebral no mediunismo elementar.

Em segundo lugar, as verdadeiras personalidades mediúnicas – não importa que representem o ser subconsciente do médium ou que sejam Espíritos

desencarnados – não são nem um pouco infalíveis nem oniscientes.

Segundo seu grau evolutivo, fruem de conhecimentos metafísicos ou de outros mais ou menos extensos, estando necessariamente sujeitas a erro. Ora, é evidente que, por muitas razões, concebidas copiosamente, a maior parte das personalidades que se manifestam nas sessões espíritas não são, salvo exceções, seres elevados, capazes de altas visões metafísicas.

Para apreciar o valor e a importância dos "ensinamentos dos Espíritos", é necessário, finalmente e sobretudo, levar em conta a fatal deformação que o próprio mecanismo do mediunismo impõe a esses ensinamentos: o comunicante, para manifestar-se sobre o plano físico pela palavra, pela escrita ou por qualquer outro meio, está obrigado a tomar empresta-do ao médium os elementos materiais necessários, bem como a fazer uso de sua cerebração e a colaborar com seu psiquismo inferior.

Desde então, compreende-se o problema considerável que deve produzir a inusitada utilização de órgãos ajustados ao médium, por ele e para ele talhados, e de um cérebro habituado a uma certa corrente de idéias.

Além disso, pelo próprio fato da utilização de um organismo de empréstimo, o comunicante sofre uma espécie de *reencarnação relativa e momentânea*, a qual, como a encarnação completa, mais ou menos será acompanhada do olvido do estado real, de uma obnubilação das faculdades e dos conhecimentos transcendentais. Com efeito, verifica-se que os comunicantes parecem invencivelmente conduzidos às condições psíquicas pré-morte: *manifestam-se não como são, mas como eram.*

Todas as comunicações de cunho um pouco elevado **55** descrevem expressamente a fatal obnubilação que o mecanismo do mediunismo impõe ao pensamento. Esse pensamento não é jamais recebido integralmente e em sua pureza, mas sempre mesclado com elementos estranhos saídos do psiquismo automático do médium ou sugeridos pelos experimentadores, às vezes muito deformado ou totalmente perdido. Os mais preciosos ensinamentos seriam, evidentemente, os que houvessem sido dados não pela ação física, mas pela ação de pensamento a pensamento. Ainda aí, no entanto, a deformação é fatal.

Se os ensinamentos são bem recebidos pelo psiquismo superior do médium, perdem-se ou se desnaturam durante a transmissão a seu psiquismo inferior.

Em suma, no estado atual de nossa evolução, as condições do pensamento sobre o plano físico não permitem conhecer, positiva e exatamente, senão o que é relativo ao plano físico.

Os conhecimentos que a esse plano não são mais relativos só nos são acessíveis de um modo incerto e fragmentário, seja pela intuição direta e o raciocínio, seja pela ação mediúnica.

O ser subconsciente, seja ele desencarnado ou exteriorizado, tende a esquecer tudo o que concerne à sua essência transcendental, ao se unir novamente à matéria. É, então, necessário realizar completa abstração dos "ensinamentos dos Espíritos"?

Não. Alguns sobejos de verdades, suficientes para auxiliar a intuição, sempre nos chegam.

Apenas, é necessário nunca se referir cegamente a uma comunicação espírita, não importa quão bela ela nos pareça. É imperioso estudá-la e discuti-la, antes de tirar-lhe proveito. Em segundo lugar, urge proceder a uma escolha dentre as inumeráveis comunicações. Entre elas, só devem ser comparadas as que tenham sido recebidas *em condições mais ou menos idênticas*, graças a médiuns igualmente evoluídos e igualmente treinados, e por observadores igualmente sagazes.

70

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Pretensas revelações, banais e contraditórias, encontradas não importa onde, e cuja maior parte não passa de reflexos do psiquismo dos médiuns ou dos experimentadores, senão seu produto, não devem ser contrapostas a ensinamentos assaz concordantes entre si, nas grandes linhas, e quando essas condições tenham sido observadas (qualquer que seja o país onde tenham sido dadas e qualquer que sejam as idéias filosóficas ambientes). Acima de

tudo, é perfeitamente permitido o não se levar em conta teorias de origem espírita.

Pode chegar-se, como me esforcei por provar, à convicção da sobrevivência do ser e a um conhecimento relativo de seu destino, através de um exame rigoroso dos fatos.

Uma teoria de transição (O sistema do Prof. Grasset) 56

Não posso terminar este estudo sem consagrar algumas linhas à teoria que o Prof. Grasset acaba de imaginar para explicar todos os fatos obscuros da psicologia. Faço-o tanto mais prazerosamente quanto esta teoria traz, segundo minha opinião, apoio dos mais preciosos e inesperados à minha concepção do ser subconsciente, muito embora estivesse, senão no pensamento do seu autor, ao menos no de seus partidários, destinada a refutar qualquer doutrina idealista baseada no psiquismo anormal. A base da explicação geral do Prof. Grasset é, com efeito, a mesma que a do ser subconsciente: é *a distinção dos dois psiquismos*, superior e inferior, *sua separação possível*, *sua ação isolada*.

Mas, o que de modo absoluto distingue os dois sistemas é a maneira de compreender a essência do psiquismo superior e do psiquismo inferior.

Para o Prof. Grasset, o psiquismo inferior está ligado ao *polígono esquemático* de Charcot.

O polígono, sede dos centros cerebrais sensoriais e motores, seria, igualmente, a do psiquismo inferior e do automatismo psicológico (papel destinado, em minha teoria, inteiramente à crosta cerebral). O psiquismo superior, longe de ser independente do funcionamento orgânico, estaria ligado a um *centro cerebral especial*, o centro 0, localizado algures na substância cortical cinzenta.

Essa concepção cerebral do psiquismo superior *proíbe ao Prof. Grasset qualquer interpretação racional da psicologia dita supranormal*. Desse modo, a seu respeito, ele não tenta nenhuma explicação.

Na minha opinião, não consegue ele levar mais compreensão ao campo da *inspiração genial*, posto que – para ele – o trabalho inconsciente reduz-se ao automatismo do psiquismo inferior. Ao contrário dos outros fatos obscuros da psicologia, confere ele uma explicação idêntica ou quase idêntica à minha. Citemos alguns exemplos: O *sono* é devido à dissociação dos dois psiquismos, ao desaparecimento do psiquismo superior e à persistência do psiquismo inferior, que produz os sonhos.

As *neuroses* são devidas à relação defeituosa entre os dois psiquismos e à impotência diretora do psiquismo superior.

O *hipnotismo* e os estados conexos são devidos à separação dos dois psiquismos e à ação isolada do psiquismo inferior.

A *sugestão* é devida à emancipação do psiquismo inferior, face a face com o seu psiquismo superior, e à submissão a um psiquismo superior estranho.

O *mediunismo elementar e as alterações da personalidade* sempre se explicam pela separação e pela ação isolada e automática do psiquismo inferior.

71

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

O sistema do Prof. Grasset – que a alta autoridade científica de seu autor impôs à atenção geral – terá possuído o grande mérito de atrair a discussão sobre a idéia tão fecunda dos dois psiquismos, bem como o de mostrar com que luminosa simplicidade essa idéia dá conta das dificuldades psicológicas. Não parece possível, contudo, considerar como definitiva essa doutrina. Ela se choca, sem qualquer modificação, com graves objeções gerais: por exemplo, concebe-se mal como centros cerebrais de mesma essência anatômica podem tão comoda-mente separar-se no seu funcionamento; e não se compreende nem o processo fisiológico, nem o interesse vital dessa separação contínua. Ainda mais, *o sistema só engloba uma fraca porção – a menos importante – dos fatos que, logicamente, não mais do que na prática, se pode separar na teoria*.

Cedo ou tarde, esse vasto e luminoso espírito sintético que é o Prof. Grasset deverá, sob pena de renegar sua obra, decidir-se a dar-lhe toda a extensão que ela comporta. Sua tese atual não passa de transição magistral entre a psicologia de ontem e a de amanhã.

72

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Segunda Parte

Esboço de uma filosofia idealista

baseada sobre as novas noções

73

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Capítulo Primeiro

A filosofia palingenésica

I

A evolução da alma

Duas noções capitais decorrem de nosso estudo do psiquismo anormal e dos fenômenos subconscientes:

• a primeira é relativa à presença, no ser, de princípios dinâmicos e psíquicos independentes do funcionamento do organismo, capazes de se separarem dele durante a vida e devendo, por conseguinte, a ele preexistir e sobreviver;

• a segunda prende-se à dupla evolução, terrestre e extraterrestre, do ser subconsciente.

Dessas duas noções, bem provável é a primeira, se verdadeiros são os fenômenos psíquicos que lhe dão causa. A segunda apenas apresenta presunções a seu favor, as quais podem ser tidas como mais ou menos convincentes, mas que, certamente, são suficientes para merecer toda a atenção dos pensadores.

Em suma, trata-se de uma concepção científica dessa grande doutrina da palingenesia, admitida em todos os tempos por tantos homens de elite, base do budismo, do bramanismo e da doutrina secreta, bem como – parece – da maior parte das religiões da Antigüidade.

Eu não saberia, sem sair dos limites que me impus, expor aqui, ainda que em resumo, tudo o que respeita à doutrina palingenésica, 57 seus fundamentos históricos, os numerosos argumentos que a seu favor pudemos encontrar, até mesmo fora do campo da psicologia.

Contentar-me-ei em fornecer uma rápida pincelada de seus ensinamentos e conseqüências.

Segundo esse sistema, a alma (ou seja, o que há de essencial na consciência individual), potencialmente contida no mineral, foi progressivamente elaborada nos reinos inferiores viventes, com o fim de adquirir seu maior

desenvolvimento na humanidade e nos estados super-humanos que ainda ignoramos. Essa evolução progressiva cumpriu-se em inumeráveis séries de encarnações e desencarnações.

Realizou-se ela pelo jogo normal da vida, fora de qualquer influência sobrenatural: são sensações, emoções, esforços diários, exercício das diversas faculdades, trabalhos, alegrias e dores que se gravam na alma, indestrutivelmente, assim como tantas e todas as novas experiências se traduzem por um aumento no campo da consciência. Não se perdeu nenhuma experiência; seu esquecimento não é mais do que aparente e temporário.

A perda da lembrança das existências anteriores em cada nova encarnação é relativa e momentânea. É necessária, como o é por si mesma a morte, para nos forçar a um trabalho constante, a múltiplas experiências e a um desenvolvimento contínuo nas condições mais diversas e por meio delas. A lembrança reaparece tanto mais extensa quanto mais elevado seja o ser nas fases de desencarnação. Quando conseguirmos alcançar um estado superior, o esquecimento, tornado inútil para o nosso progresso, não mais existirá e o passado tornar-se-nos-á acessível, em toda a sua integridade. A doutrina da palingenesia permite, assim compreendida, *uma admirável explicação do mal*, além da *fundação de uma moral* sobre base inabalável, moral essa assegurada por uma sanção perfeita e natural.

II

Explicação do mal

Inicialmente, é necessário notar que o mal, na filosofia palingenésica, *perde a maior parte de sua pretensa importância*.

Com efeito, ele é sempre reparável e jamais se investe de caráter que não seja relativo e transitório. A verificação do mal, assim atenuada, suscita uma explicação tripla:

• o mal é a medida da inferioridade dos mundos e dos seres;

• é a condição propícia à evolução;

• é a sanção dos atos individuais durante essa evolução.

O mal é a medida da inferioridade dos mundos e dos seres.

Com efeito, o progresso mostra-nos sua incessante diminuição. Na maior parte das dores que nos atingem, nada devemos enxergar além da conseqüência de nossa atual inferioridade; o mesmo acontece em grande parte dos sofrimentos físicos ou morais, no mal que resulta de nossa fraqueza, de nossa impotência, da limitação de nossas forças e faculdades, de nossa ignorância, de nossa sujeição à matéria.

O mal é a condição propícia à evolução.

Com efeito, é o mal que impõe o esforço e o trabalho nas fases inferiores da evolução.

Impede o ser de permanecer imóvel na sua situação presente, constrangendo-o a aspirar e a chegar mais rápido à felicidade futura.

Enfim, o mal confere-lhe o mérito de, aos poucos, adquirir, *por seus esforços próprios*, essa felicidade futura, cujo gozo, *conquistado e compreendido*, será a correta compensação dos sofrimentos suportados.

Como cada progresso adquirido diminui o mal e aumenta a consciência, a liberdade e a capacidade emotiva do ser, a felicidade futura – cuja essência ele não pode suficientemente compreender, devido à sua atual inferioridade – será o resultado natural do *desenvolvimento psíquico coincidente com a diminuição do mal*.

Como a evolução é sempre progressiva, todos os seres, sem exceção, escaparão do mal; todos alcançarão a felicidade; mas, lá chegarão *mais ou menos rápido*, na medida em que mais ou menos se conformem às leis evolutivas, mais adiante abordadas.

Finalmente, o mal é a sanção dos atos individuais.

Com efeito, somos sempre o que de nós mesmos fizemos, por nossos próprios esforços nas existências sucessivas, preparando inconscientemente, em cada encarnação, a seguinte; gozando atualmente os progressos anteriormente adquiridos; utilizando as faculdades que soubemos desenvolver; sofrendo também as más disposições que permitimos que em nós se estabelecessem.

Além disso, nossa passagem às fases evolutivas superiores e, por conseguinte, à felicidade, é precipitada ou retardada pela observância ou pela não observância da lei moral. A sanção é, portanto, perfeita. Pesa consideravelmente sobre os seres chegados a um certo grau de liberdade moral. Quanto mais o ser avançou, mais sua conduta reflexa terá influência sobre seu progresso. Assim, ainda mais, a sanção será assegurada. A importância dessa sanção será sempre proporcional ao grau de liberdade moral.

A confirmação da lei moral é a causa principal das *desigualdades* verificadas nos seres conscientes.

Com efeito, as desigualdades acidentais ou consecutivas às variadas condições de encarnação (organismo mais ou menos defeituoso, influência

do meio e da educação, etc.), aniquilam-se e neutralizam-se numa vasta série de encarnações, de modo que todos os seres passam por uma soma de contingências felizes ou não, sensivelmente iguais. As desigualdades morais ou intelectuais, portanto, provêm sobretudo da observância e da inobservância das leis morais evolutivas (numa série de indivíduos congraçados pelas condições de nascimento e de vida).

III

Conseqüências morais e sociais

Compreendem-se à primeira vista as conseqüências morais de uma tal doutrina que se resumem em algumas prescrições: trabalhar, amar-se, ajudar-se mutuamente. Rejeitar todos os sentimentos baixos e inferiores, como o egoísmo, o ciúme e sobretudo o ódio e o espírito de vingança.

Evitar tudo o que possa ser nocivo a outrem. Não menosprezar ninguém; ver nos imbecis, nos iníquos e nos criminosos *seres inferiores*, quando não sejam de todo doentes; ser, por conseguinte, profundamente indulgente para com as faltas de outrem, e mesmo abster-se de julgá-las, na medida do possível; enfim, estender nossa piedade e nossa ajuda até aos animais, aos quais, o mais possível, evitaremos o sofrimento e aos quais não daremos morte sem absoluta necessidade. As conseqüências sociais da concepção científica da palingenesia não são menos importantes. Quando os homens estiverem certos de sua evolução indefinida nas existências sucessivas e nas mais diversas condições, saberão resignar-se às desigualdades naturais e passageiras, resultado forçado da lei evolutiva; com isso, desprezarão profundamente as desigualdades factícias, as divisões malsãs, provenientes dos prejuízos de castas, de religiões, de raças e de fronteiras, todos pueris e malfazejos. Saberão conciliar os princípios da liberdade individual e da solidariedade social. Compreenderão que têm direito ao livre desenvolvimento, mas que são rigorosamente solidários, nesse seu livre desenvolvimento, não só de seus semelhantes, *mas de tudo o que pensa, de tudo o que vive, de tudo o que é*.

Sustentada por semelhantes idéias e por tais convicções, a humanidade resolverá sem esforço as dificuldades, ainda insuperáveis, os grandes problemas sociais e internacionais. As quimeras de hoje em dia tornar-se-ão a esplêndida realidade de amanhã.

Capítulo Segundo

Induções metafísicas

I

As grandes leis naturais da evolução

Com o auxílio de algumas prováveis noções que sobre o destino do ser adquirimos, podemos elevar-nos à pesquisa de algumas das grandes leis do Universo. Vimos que a evolução é o grande princípio da lei universal. Todas as leis que a regem parecem reduzir-se a três essenciais: *a lei do esforço, a lei da solidariedade, a lei do progresso.*

1º) *A lei do esforço* – Segundo essa lei, todo ser chegado a um rudimento de sensibilidade e de consciência deve contribuir ativamente para o progresso evolutivo. Seu desenvolvimento pede esforços perpétuos inumeráveis, os quais constituem o próprio mérito desse desenvolvimento.

A filosofia naturalista por vezes torceu, numa certa medida, o sentido geral dessa lei, re-duzindo-a, toda ela, à luta pela vida. Em realidade, a luta pela vida não passa de um *modo especial da lei de esforço*, de outro modo vasta e geral. Quanto ao resto, os naturalistas modernos de mais a mais se põem de acordo, no sentido de dar à seleção natural não o papel primordial e indispensável na evolução, mas um simples desempenho favorecedor dessa evolução. De um mundo a outro, a lei do esforço é a causa das grandes diferenças de pormenores e, num mesmo mundo, responde por inumeráveis discrepâncias ali verificadas quanto à forma. É ela – a lei do esforço – o fator essencial das numerosas e consideráveis desigualdades das partes evolucionárias. *Resulta ela na ativação da evolução, criando as variedades e desigualdades*.

2º) *Lei de solidariedade* – Por si, não é nem menos importante nem menos evidente que a lei de esforço, implicando na solidária evolução de todas as partes constituintes de um universo. Essas partes – as mais diversas, como as mais afastadas – só podem evolver umas com as outras e umas pelas outras.

Os efeitos dessa lei podem ser observados por tudo e em tudo: *entre os mundos de um mesmo sistema* (e também, provavelmente, entre os sistemas vizinhos), fixados em volta de um ou de muitos astros centrais, e solidários

pela atração, bem como por certos fenômenos magnéticos ou elétricos, etc.; *entre as porções constituintes de um mesmo mundo*, forçosamente solidários material, intelectual e moralmente; entre os minerais, os vegetais e os animais, inseparáveis uns dos outros, apesar do grau diferente de evolução, pelo só fato das necessidades orgânicas e funcionais. *Entre as porções constituintes de um ser organizado*. Com efeito é sabido que, na realidade, um ser é constituído por um agregado de seres elementares e solidários no conjunto.

Há, além disso, no ser, matéria, força e inteligência, ou seja – na hipótese de se admitirem as teorias monistas –, aparências diversas do princípio único, mas sempre inseparáveis e solidárias no seu progresso.

Agora se compreende o propósito e a necessidade das encarnações, da associação da al-ma e do corpo. Ambos não podem evoluir senão correlativa e simultaneamente.

A lei de solidariedade subdivide-se em leis secundárias: a) *lei de atração* entre os mundos e os átomos;

b) *lei de afinidade* ou *de simpatia*, pela qual a solidariedade entre as partes evolucioná-

rias é tão mais ativa e potente quanto mais aproximadas, por sua fase e seu nível e evolução, o forem essas partes.

Assim, a inteligência é solidária da força, sobretudo, e a força, da matéria, o que faz com que esta seja o intermediário necessário para a ação daquela sobre a matéria. Existe, graças a essa divisão da lei de solidariedade, gradação de solidariedade do animal ao homem; do selvagem ao homem civilizado; deste ao compatriota, aos parentes, *etc.* Tal é a lei de solidariedade plena. E ela apresenta uma conseqüência capital: atenua os deploráveis efeitos da luta pela vida e *restabelece, no conjunto, a igualdade nos pormenores, destruída pela lei do esforço*.

A solidariedade não é um simples princípio de moral, mas uma necessidade absoluta, a mo-la real, a engrenagem essencial da evolução.

É por não haver, às claras, colocado a lei de solidariedade ao lado da luta pela vida que o transformismo pode, tão freqüentemente, ser mal interpretado; e foi por isso que ele provo-cou o estonteante julgamento de uma certa escola: "a natureza é imortal!"

Vimos como as noções novas sobre o destino individual fazem antecipadamente surgir a lei de solidariedade, colocando-a no primeiro plano, na evolução progressiva da natureza e dos seres. Todo ser adiantado possui a consciência, ou ao menos a intuição dessa grande lei:

"Aquele é o melhor – diz Guyau –, o que mais consciência tem de sua solidariedade com os outros seres e com o todo."

3º) *Lei de desenvolvimento indefinido* – Essa lei só pode ser admitida com um caráter de probabilidade e não de certeza.

Parece, de fato, que necessariamente ela resulta das noções que sobre o destino dos mundos e dos seres acabamos de expor. Não se concebe uma possível regressão geral, nem o estancar do processo evolutivo.

Se verdadeira é essa lei, o mundo inteiro deve evoluir, quaisquer que sejam as condições físicas ou químicas exteriores, se bem que sempre conforme a essas condições. O mundo inteiro deve originar manifestações vitais e intelectuais.

II

Modo de aplicação geral das leis evolutivas

Verifica-se que, se se estuda o modo de aplicação geral das leis evolutivas de *Progresso*, de *Esforço* e de *Solidariedade*, esse modo varia conforme as fases da evolução.

No seu início, inapreciável é a inteligência; o mundo criado está inconsciente. Puramente *mecânica* é, portanto, a aplicação das leis evolutivas. O desenvolvimento forçado efetua-se conforme ao meio ambiente. Num certo período da evolução, assim que aparece um rudimento de consciência, não mais somente mecânica é a aplicação das leis; passa a ser *instintiva*. Os seres inferiores a ela submetem-se instintivamente, ao mesmo tempo em que a ela são constrangidos pela necessidade. A aparição desse instinto facilita a aplicação das leis evolutivas, porque a satisfação do instinto já é um prazer.

Em um período mais avançado ainda, a aplicação das leis passa a ser *moral*. Os seres bastante elevados (animais superiores, homens) a ela submetem-se não somente pela necessidade e pelo instinto, mas também pelo dever. **58**

As três leis: de progresso, de esforço e de solidariedade são *a base da moral natural*. Infelizmente, essa base é amiúde desconhecida. O homem não compreende nem a origem nem o verdadeiro propósito do dever nem o próprio dever.

Eis a origem dos desvios da moral, dos enfadonhos prejuízos, das restrições e das obriga-

ções inúteis ou nocivas. A isso se deve uma concepção falseada das punições, bem como a idéia das sanções sobrenaturais (já vimos quais são as verdadeiras sanções).

Numa fase muito avançada da evolução, a aplicação das leis naturais passa a ser *consciente e livre*. Os seres elevados compreenderam sua origem e sua finalidade; sabem e estão livres proporcionalmente ao seu desenvolvimento consciente. Desde então, escapam – em grande parte – à penosa idéia da obrigação, *à concepção relativamente inferior e dolorosa do dever*. É

de modo livre que eles se conformam às leis evolutivas, porque sabem que o progresso, o esforço e a solidariedade são as condições naturais de sua *felicidade*. Para eles, a fase do dever cedeu lugar *à de consciência, ou seja, à de liberdade e de amor*.

Assimilada ao conhecimento, essa concepção de liberdade forçosamente nos conduz à discussão do livre-arbítrio e do determinismo.

Como se pode, num espírito conforme às idéias que expus, divisar a questão?

Inicialmente, se a evolução se faz segundo leis imutáveis, é necessário admitir o *determinismo absoluto no conjunto*.

Se se entende por liberdade a possibilidade de escapar às leis naturais, de alguma coisa aditar ou suprimir à natureza, faz-se de liberdade o sinônimo de faculdade sobrenatural, o que é absurdo.

Se, ao contrário, se assimila ao conhecimento a liberdade, esta é possível: conhecer as leis naturais e seus modos de ação é ser capaz de melhor utilizá-las para o progresso geral e a felicidade individual. quanto mais se estende o conhecimento, mais aumenta a liberdade.

Consciência e liberdade são inseparáveis uma da outra. *Na base da evolução a liberdade é nula, porque a consciência é nula*.

Na fase média de evolução, a liberdade é relativa e proporcional à extensão da consciência.

A velha comparação clássica, aplicada a esta fase, é sempre justa: num certo sentido, o ser é livre, como o pássaro em sua gaiola ou como o prisioneiro

encarcerado. Mais ou menos vasta pode ser a gaiola, a cadeia mais ou menos ampla. O grau de sujeição depende do grau de ignorância.

Na fase superior da evolução, pode-se, idealmente, supor o conhecimento completo, a onisciência. A liberdade seria, desde então, absoluta. Mas, o raciocínio, nesse caso, leva-nos a uma dedução interessante, a de que *a liberdade completa não contradiz o determinismo absoluto*.

Essa opinião, tão paradoxal na aparência, não passa de simples aplicação da teoria dos extremos: liberdade absoluta e determinismo absoluto confundem-se, porque, inegavelmen-te, *um ser onisciente há de sempre determinar-se, e sem hesitação, no sentido do melhor*, o qual, bem entendido, será sempre conforme às leis naturais.

Em resumo, *a aplicação das leis evolutivas de progresso, de esforço e de solidariedade é, primeiramente, mecânica, depois instintiva, depois moral, depois consciente e livre*.

Necessidade, *instinto, dever*: tais são os degraus inferiores da evolução. *Consciência*, com suas dependências, *liberdade, amor, felicidade*, tal o cume que a evolução permite atingir.

79

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

As encarnações e desencarnações sucessivas do ser obedecerão a essas grandes leis. De início inconscientes e forçadas, tornar-se-ão, nas fases superiores, conscientes e livres.

Os seres superiores não mais se reencarnam por necessidade ou por instinto, mas livre-mente, seja por seu próprio progresso, seja pelo de seus irmãos; seja nas humanidades de planetas avançados, seja nas humanidades inferiores, sendo sempre portadores de verdades essenciais, precursores e, freqüentemente, mártires. Podem também, desencarnados, escapando à dor, livres, conscientes, felizes, gozar do progresso alcançado.

III

Adaptação das novas noções à filosofia monista

Podemos, sobre o terreno da metafísica, avançar ainda mais?

É, sem dúvida, fácil e lógico tentar uma adaptação das novas noções à filosofia monista.

A evolução, base da doutrina monista, o é também da palingenesia. Por outro lado, contrariamente à banal e tão propalada opinião, as esperanças de imortalidade individual não são logicamente conciliáveis senão com o panteísmo: porque, segundo o argumento de Schopenhauer, *não se pode conceber como infinito senão o que não teve começo, e como imortal senão o que não foi criado*.

Finalmente, sentimo-nos tanto mais conduzidos ao panteísmo, quanto a hipótese de uma divindade exterior ao Universo nos aparece, na doutrina palingenésica, tão inútil do ponto de vista idealista, quanto do ponto de vista criador.

Podemos, então, adotar logicamente o monismo: mas, sob a condição de que fique claro que nos colocamos no campo das hipóteses e que os sistemas concebidos sobre essa base, guardando inteiramente um caráter racional e verídico, ainda não derivam da filosofia científica propriamente dita. Qualquer tentativa de edificação de um sistema metafísico completo sobre uma base positiva é ainda vã e prematura. É permitido, no máximo, indicar alguns pontos de sinalização, esboçar alguns traços esquemáticos, mas sem se iludir a respeito de seu caráter de insuficiência e de relatividade.

Se partimos da noção de um *princípio único*, origem e fim de tudo, para tentar uma explicação completa do Universo, imediatamente nos encontramos em presença de capital dificuldade: esse princípio único é-nos tão incompreensível nele mesmo quanto o deus criador dos deístas. O infinito, o absoluto não é acessível à inteligência finita.

Também, em realidade, só podemos conceber o absoluto por uma primeira limitação. Nós supomos no absoluto uma *primeira limitação*; depois, séries de limitações secundárias, constituindo a totalidade das coisas manifestadas.

Sob as inumeráveis aparências das coisas, desde então mais não vemos *além de agrega-*

ções de mônadas, ou seja, parcelas individualizadas do princípio único.

É necessário distinguir cuidadosamente a essência imortal e imutável do princípio único *das modalidades transitórias* sob as quais ele nos aparece. Ele não é nem inteligência, nem força, nem matéria; mas, inteligência, força e matéria são-lhe as modalidades essenciais a nós representadas.

Depois do processo de delimitação criador ou de involução, de acordo com uma expressão freqüentemente empregada, essas modalidades estão no princípio único em estado potencial. Realizam-se pela evolução e, terminada esta, permanecem no estado residual no princípio único. Não passarão, então, de lembranças, de indeléveis *estados de consciência*. A

evolução poderá, assim, ser considerada como a fatal transposição de energias potenciais em energias realizadas; *a aquisição da consciência será seu propósito e seu fim.*

Tudo o que, a nossos olhos, constitui o Universo material, dinâmico e intelectual não pas-saria, então, de aparência temporária. *Em realidade, só haveria mônadas imortais e agrega-*

ções transitórias dessas mônadas imortais. Os grupamentos são sempre efêmeros, desagre-gam-se num dado momento, e as mônadas liberadas vão alhures formar novos desses grupamentos. Mas, cada uma conserva – gravadas em sua essência imortal – a lembrança e a experiência realizada em cada grupamento, assim desenvolvendo a consciência.

Os minerais, os vegetais e os animais são grupamentos de mônadas, mais ou menos complexos, em diferentes fases evolutivas.

O homem compreende uma mônada central, muito evolvida, alma ou "eu" real, grupando em sua volta séries de mônadas menos evoluídas.

Os processos de encarnação e de desencarnação não passam de constituição ou ruptura (total ou parcial) de um desses grupamentos complexos e elevados, que representam o ser vivente.

Há, pelo processo de associação ou de encarnação, subdivisão analítica da atividade particular de cada mônada. Cada uma deve subordinar sua atividade própria à atividade geral do grupo, para a evolução solidária.

Pelo processo de desagregação ou de desencarnação, há a concentração sintética da atividade particular de cada mônada e assimilação da experiência adquirida no grupamento.

Assim se desenvolve a consciência particular das mônadas.

Terminada a evolução, desapareceram as modalidades transitórias. O princípio único imortal desenvolveu suas potencialidades e *adquiriu a consciência* que a todos resume.

Ao mesmo tempo em que cessam as modalidades passageiras, perdem as mônadas a aparência de sua separação ilusória e fundem-se na unidade.

Mas, a noção de sua individualidade para tal não se perdeu; a consciência individual realizada durante a evolução faz, naturalmente, parte da consciência total. Apenas, *chegada a seu máximo, cada consciência individual passou a ser a própria consciência total*.

IV

Conclusão

Seja-nos permitido ater-nos a esse esboço metafísico, sem nos iludirmos – ainda uma vez recordo – sobre seu valor científico, e bastante convencidos a respeito do caráter quimérico de que se reveste a busca obstinada das verdades ainda inacessíveis, por parte da consciência humana. Se ao menos guardamos a esperança de chegar, um dia, pelo desenvolvimento ininterrupto da consciência imortal, a conhecer tudo o que há de verdadeiro, de belo e de bem em nosso mundo e no Universo, que importa para tudo nossa atual impotência!?

Ora, nós o vimos; tal esperança não é mais uma quimera; a menos que, conclusivamente, no estudo e na pesquisa dos fenômenos psíquicos nada exista além do erro; a menos que seja pura e simplesmente de mentira e de ilusão o domínio da psicologia anormal! Isso não me parece possível. Como não haver uma larga margem de verdade numa teoria capaz de explicar todos os fatos obscuros de ordem psicológica? Numa doutrina que nos traz a mais satisfatória solução do problema doloroso das desigualdades humanas, dos sofrimentos

imerecidos, de todo o mal do Universo?... Estamos, sem dúvida, bem longe da época em que essa doutrina chegará a dominar os sistemas filosóficos e a substituir os dogmas religiosos.

Mas, o que bem menos afastado se encontra – tenho a firme e absoluta convicção – é o momento em que será definitivamente provada e admitida integralmente a noção elementar, base de todo o meu estudo:

Há no ser vivente princípios dinâmicos e psíquicos de ordem superior, independentes do funcionamento orgânico, preexistindo e sobrevivendo ao

corpo.

Essa certeza será a origem da mais impressionante revolução a ser levada a cabo no domínio da atividade intelectual e moral da humanidade.

Os positivistas serão, então, os primeiros a construir teorias idealistas sobre essa base científica.

Os fiéis das velhas religiões poderão, ainda, guardar emocionante lembrança das crenças ancestrais; mas, enfim, compreenderão que elas viveram seu tempo e desempenharam seu papel; esforçar-se-ão, nesse ínterim, por adaptar suas esperanças à consciência moderna e às verdades demonstradas. Um dos mais geniais fundadores de religião já não proclamara, ele mesmo, há treze séculos, **59** o caráter relativo dos sistemas dogmáticos, no que concerne às épocas e às grandes raças humanas?

O tempo das revelações de aparência sobrenatural agora passou, do mesmo modo que passou o das negações *a priori*.

Os sábios, doravante, serão profetas do porvir, em toda a força do termo. Sozinhos, hão de nos trazer, apoiada sobre provas, a revelação das mais altas verdades.

Apêndice

A partir da publicação da segunda edição desta obra, surgiram interessantes trabalhos a respeito da psicologia anormal; numerosos fatos foram coligidos e citados, bem como novas teorias foram dadas à luz.

Quanto à minha concepção do ser subconsciente, nada – nem esses trabalhos, nem os fatos ou teorias – a modificou.

Seja-me permitido, de modo breve, indicar o porquê. As mesmas objeções podem ser an-tepostas a todas essas teorias.

Algumas constituem verdadeiras petições de princípios, vinculando um fato incompreendido a outro, de igual modo sem explicação (ainda que aquele seja mais familiar); são teorias que se esforçam por explicar, *uns pelos outros*, fenômenos que devem, em realidade, ser esclarecidos *uns com os outros*.

Quando não são petições de princípios, são, essas teorias recentes, nitidamente insuficientes.

Eis as hipóteses incompletas, dirigindo-se tão-somente a fenômenos ou a grupos de fenômenos considerados isoladamente.

Se é julgada racional a argumentação desenvolvida em *O Ser Subconsciente*, imediatamente aparecem essas hipóteses incompletas, pelo simples fato de que possuem caráter fragmentário, só podendo conduzir à ilusão e ao erro, porque falsas em seus princípios.

Algumas dessas teorias, ai de mim!..., as favoráveis, em maior parte, são puramente ver-bais.

Se, por exemplo, consideramos a famosa hipótese da *desintegração do "eu"* , com tanto açodamento acolhida pela maior parte dos atuais psicólogos, servindo à interpretação dos casos de *múltiplas personalidades*, nela imediatamente verificamos o caráter de insuficiência e de relatividade.

Nesses casos estranhos, sem dúvida, existe a desintegração do "eu", ou melhor, a descentralização momentânea e passageira, em consonância com a doutrina do ser subconsciente.

Isso é óbvio; mas, não passa de verificação.

O essencial é o saber-se – *e somente isso* – o como pode haver desintegração passageira, e o como pode existir, por essa pretensa desintegração, manifestação de personalidades autônomas, originais, ignoradas pela consciência normal, e em muito diferindo desta última, às vezes até mesmo a ela superiores, ou ainda, possuindo, em alguns casos, faculdades supranormais.

Não se poderia falar em explicação, quando se não formulasse uma hipótese capaz de se adaptar a todas essas comprovações.

Os numerosos casos de múltiplas personalidades recentemente publicados, tais como os da Srta. Beauchamp, de Mary Reynolds, de Arnold Bourne, *etc.* **60** demonstram que, sem dúvida, a descrição desse fenômeno singular de psicologia anormal deve ser ampliada e menos sistematizada; o seu minucioso estudo, entretanto, em nada infirma, bem ao contrário, aliás, a interpretação geral que a ele emprestei. **61**

Uma outra teoria muito em voga, atualmente, a de Babinski, a respeito da natureza da histeria, é passível das mesmas reprovações aplicadas às suas predecessoras.

83

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Como se sabe, para Babinski a histeria não passa de um estado psicopático especial, oriundo da exaltação ou dos desvios da sugestibilidade. Exata ou não, isso não importa, tal concepção da histeria não traz nenhuma luz nova.

O raciocínio que apliquei à sugestibilidade hipnógena, evidentemente, e sem a menor dificuldade, se aplica à sugestibilidade histerógena. **62**

O caráter nitidamente verbal dessas novas teorias prova uma vez mais que, *fora de uma interpretação geral, não existe filosofia metafísica possível*.

E agora discutirei, ainda que brevemente, algumas objeções feitas ao próprio sistema do *ser subconsciente*. Para tal, devo primeiramente retornar à diferença que me mantém separado do Dr. Maxwell. **63**

Em muitas discussões que tive a honra de sustentar com o autor dos *Fenômenos Metafísicos*, declarou-me ele que considera, sempre, como irrefutável a objeção por ele feita à teoria palingenésica, do mesmo modo que considera insuficientes as minhas razões explicativas.

Como se sabe, a objeção do Dr. Maxwell baseia-se sobre contradições doutrinárias que existiriam entre as comunicações mediúnicas colhidas na Inglaterra, por um lado, e no resto do continente, por outro.

Mantendo integralmente a argumentação que opus àquela do meu eminente confrade, fui levado a examinar bem de perto se a contradição por ele assinalada é tão importante e tão absoluta como se pensa. E tive a grata satisfação de verificar que não o é.

A idéia palingenésica, inicialmente, acha-se afirmada numa série de comunicações recebidas por médiuns ingleses, sendo suficiente a leitura de revistas especializadas para que se fique convencido. **64**

No entanto, o que – sobretudo – comprova o engano do Dr. Maxwell é a leitura atenta do belo livro de Stainton Moses, *Ensinos Espiritualistas*, obra que ele invoca como servindo, precisamente, de apoio à sua opinião. Verifica-se, então, com evidência: 1º) que em parte alguma está dito "que não se reencarna"; 2º) que os ensinamentos recebidos por Stainton Moses afirmam uma *evolução progressiva* da alma, evolução essa indefinida, concebida tal qual o é nas comunicações francesas, com as mesmas conseqüências e, evidentemente, pelos mesmos meios, se bem que a idéia palingenésica não esteja, tal qual é de modo sistemático e exclusivo, exposta, no livro inglês, como fundo daquela doutrina evolutiva; 3º) que a reencarnação, longe de ser negada, acha-se categoricamente afirmada em diversas passagens. **65**

Ser-me-á, de tal modo, permitido juntar à argumentação que ao Dr. Maxwell opusera uma nova e peremptória razão: não é exato pretender, ao menos sem a menor reserva, que "em todos os países do continente os Espíritos afirmam a reencarnação... e que, na Inglaterra, asseveram que não se reencarna". Apresentada desse modo absoluto, a afirmação do Dr.

Maxwell lança raízes sobre um erro material.

Em último lugar, discutirei uma grave objeção à minha teoria dos dois psiquismos e dos dois subconscientes. Tal objeção foi-me apresentada pelo Sr. de Vesme, nos *Annales des Sciences Psychiques*, a excelente revista por ele dirigida com tanta competência e autoridade. **66**

“Se cada vez que um fenômeno mediúnico de ação extracorporal se apresenta – escreve ele –, pudéssemos nele reconhecer a lucidez, a inspiração genial, tal divisão demarcada entre subconsciência superior e subconsciência inferior não formaria, sequer, a sombra de uma

dúvida. Mas, por exemplo, quando são vistas mesas movendo-se sob a influência “extracorporal” ou “extra-orgânica”, conseqüentemente atribuível, segundo o consenso do Dr. Geley, à subconsciência superior, queda-se desconcertado pela verificação das banalidades que a dita mesa declama, por meio de pancadas, banalidades que, freqüentemente, não são menos incoerentes que os “sonhos ordinários”, atribuídos pelo autor à “subconsciência superior”. .

Baseia-se, portanto, a objeção do Sr. de Vesme sobre a mediocridade de certas manifesta-

ções intelectuais associadas às manifestações físicas extracorporais. Assim compreendida, resulta ela de um simples mal-entendido; origina-se do fato de que a expressão subconsciência superior se presta a equívoco. Na realidade, em parte alguma disse eu que o psiquismo superior, tal como o compreendo, provém exclusivamente da lucidez ou do gênio.

Contrariamente, descrevi esse psiquismo como constituído por síntese altamente complexa, compreendendo – além das faculdades transcendentes e supranormais – todas as capacidades e todos os conhecimentos oriundos do psiquismo cerebral ou inferior, penetrando, a seguir, a subconsciência superior e sendo por ela assimilados.

Esta última, portanto, possui integralmente – eu o repito – a soma das faculdades e aquisições psicológicas, aquisições essas de natureza e valor os mais diversos.

Ora: há, na base das manifestações metafísicas, antes de tudo, *descentralização* do ser; separação do psiquismo extracerebral do

psiquismo cerebral, ação isolada da subconsciência inferior, ação isolada da subconsciência superior, ou mesmo de *grupos constitutivos quaisquer* desta última.

Eis a razão pela qual os fenômenos de ordem intelectual, associados ou não aos fenômenos físicos extracorporais, podem apresentar valores os mais variados: acontecerem, na razão direta dos elementos em jogo da subconsciência superior, momentaneamente descen-tralizada, de modo genial, elevado, medíocre ou fraco.

Dos diversos capítulos de meu livro ressaltava, nitidamente, essa explicação; mas, vem ela a lucrar em ser apresentada em bloco, pelo que me encontro reconhecido ao eminente diretor dos *Annales*, por me haver propiciado semelhante ocasião.

FIM

85

Gustave Geley – O Ser Subconsciente

Notas:

1 Berthelot, *Science et Philosophie*.

2 Guyau, *L'Irreligion de L'avenir*, Paris, F. Alcan.

3 *L'Art au point de vue sociologique*, Introdução, Pais, F. Alcan.

4 Médico notável, o eminente autor quis certamente referir-se aos constituintes químicos das células cerebrais, que efetivamente se renovam, e não às células cerebrais em si mesmas, que não se regeneram, nem se reproduzem. (Nota da Editora, em 1990) **5** Entre essas obras, podem citar-se especialmente: Crookes, *Recherches sur les phénomènes du spiritualisme* (*); Aksakof, *Animisme et Spiritisme*; de Rochas, *L'extériorisation de la motricité*; Maxwel , *Les phénomènes psychiques*, Paris, F. Alcan. Entre as revistas: a coleção *Anais das Ciências Psíquicas* e a *Revista de Estudos Psíquicos*.

(*) No Brasil, a tradução dessa obra de Crookes, efetuada por Oscar D'Argonnel e publicada pela FEB, em 1971, recebeu o nome de *Fatos Espíritas*. (Nota da Editora).

6 Julgo inútil insistir sobre esse ponto: conhece-se o fracasso das tentativas realizadas com o fito de estabelecer estreita vinculação entre, de um lado, a inteligência e, de outro, o peso do cérebro, a complexidade das circunvoluções, *etc*.

7 Ver a obra de Pierre Janet, *Automatisme psychologique*, Paris, F. Alcan.

8 Ver *Philosophie de l'Inconscient*.

9 Conhecem-se casos análogos de Arquimedes, Ampère, etc., narrados com muita freqüência.

10 Na primeira edição de *O Ser Subconsciente*, de minha parte imaginava que devia fornecer exemplos de cada um dos fenômenos abordados. Esses exemplos apresentavam a vantagem de tornar atraente a leitura do texto, por um lado; mas, por outro, surgia o grave inconveniente de imperiosamente desviar a atenção do raciocínio. O conhecimento dos fenômenos psíquicos encontra-se de tal modo popularizado que, utilizando a expressão do Prof. Flournoy, somente os ignoram aqueles que voluntariamente não querem enxergar.

Desse modo, raciocinei que, sem inconveniente, poderia suprimir esses exemplos, sacrifi-cando-os a bem da parte explicativa, única meta do meu trabalho.

11 O Prof. Teissier descobriu lesões peculiares a esse mal.

12 Recentemente, foram fornecidas algumas explicações que não passam de simples verifica-

ções, não solvendo a dificuldade. Discuti-las-ei fora da interpretação geral que mais adiante proporei.

13 Ver Azam, *Hipnotisme et double conscience*; Binet, *Altérations de la personnalité*, Paris, F.

Alcan; Berjon, *La grande hystérie chez l'homme*.

14 Exceção feita a uma teoria do Prof. Grasset, que apresenta vinculações íntimas com a que será proposta neste trabalho; mais adiante será discutida.

15 O Dr. Barnheim, ele mesmo, é forçado a reconhecer a evidência, e tira o corpo fora distin-guindo hipnotismo e magnetismo: "O nome magnetismo animal, – diz, no seu livro *Hipnotismo, sugestão e psicoterapia* – em

respeito à sua significação histórica, deve conservar um sentido mais amplo que o do hipnotismo. Compreende, além deste, todos os fenômenos ditos de influência fluídica aproximada ou a distância."

16 Albert de Rochas, *Exteriorização da Sensibilidade*.

17 Examinar, particularmente, a narração das experiências do Dr. Joire nos *Annales des Sciences Psychiques*, 1897 e 1903.

18 Imaginaram-se aparelhos com o fito de demonstrar e de apreciar o valor da irradiação periorgânica. O inventado pelo Dr. Joire, apresentado com o nome de estenômetro, é o mais engenhoso e o melhor. *Annales des Sciences Psychiques*, julho a outubro de 1904.

19 Examinar, especialmente, os estudos de Myers, *A Consciência Subliminal* e *A Personalidade Humana, sobrevivência e manifestações paranormais*, Paris. F. Alcan.

20 Em certos casos, a lucidez traduz-se por símbolos mais ou menos claros, necessitando de interpretação.

21 Examinar, *A Personalidade Humana*, de F. Myers. (N.T.) **22** Consultar, principalmente, *Extériorisation de la motricité*, de Albert de Rochas.

23 Ver, neste particular, a obra *Além do Inconsciente*, de Jayme Cervino, ed. FEB. (N.T.) **24** Ver, em especial, as experiências com a médium Eusápia Paladino, narradas nos *Annales des Sciences Psychiques*, nas obras de Albert de Rochas, *etc.*

25 Ver, em especial, *Les Phénomènes Psychiques*, de Maxwell, Paris, F. Alcan.

26 Ver, principalmente, Aksakof, *Animismo e Espiritismo*; Crookes, *Recherches sur les phénomènes du spiritualisme* (*); Maxwell, *Les phénomènes psychiques*; ainda, muitos frutos dará a consulta à autobiografia da Sra. d'Espérance, *No País das Sombras*.

(*) Esta obra de Crookes foi traduzida em português, sob o título *Fatos Espíritas*. (N.R.) **27** A palavra *teleplastia* origina-se de *teleplasma*, termo utilizado pelo Dr. Albert von Schrenck-Notzing, correspondendo ao *ectoplasma*, de Charles Richet, e ao *substância*, de Maxwell e de *Mme.* Bisson. René Sudre define-o como "argila psíquica modelada por forças desconhecidas". As enciclopédias, de um modo geral, trazem de teleplastia a seguinte definição: "Em Espiritismo, manifestação materializada de uma pessoa, num lugar onde não se encontra".

O *Dictionnaire Encyclopédique Quillet* apõe, com mordacidade: "... e que os espíritas pensam ter feito aparecer". (N.T.)

28 *Mástique* – Resina de aroeira, gênero de árvores americanas, produtoras de madeira de segunda categoria, possibilitando aplicação medicinal; produzem uma resina amarela que toma o nome de almécega. (N.T.)

29 Ver Aksakof, *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium.*

30 Ler a obra clássica do Dr. Ochorowicz: *A Sugestão Mental*. Nela, todas as provas desejáveis serão encontradas.

31 Examinar: *Hallucinations Télépathiques*, tradução abreviada do *Phantasms of the Living*, por Gurney, Myers e Podmore, narrativa de setecentos casos, todos prudentemente escolhidos e controlados. Paris, F. Alcan. Examinar também *O desconhecido e os problemas psíquicos*, de Flammarion. A coleção das *Revistas Psíquicas* e, particularmente, os *Annales des Sciences Psychiques* contêm numerosos casos de telepatia, todos notáveis.

32 Cada dia mais numerosa, a enumeração desses sábios figura na maior parte das obras de documentação espírita. Seria fastidioso renová-la aqui.

33 A escrita e a "fala" *automáticas* são produzidas pelos próprios órgãos do médium. A escrita e a voz ditas *diretas* são produtos que escapam à competência desses órgãos.

34 Examinar as obras *No país das sombras*, de Elizabeth d'Espérance, e *O trabalho dos mortos*, de Nogueira de Faria, edições FEB. (N.T.)

35 Flournoy, *Des indes à la planète Mars*, Paris, F. Alcan.

36 Analisar, principalmente, as pesquisas de Hodgson e de Hyslop com a médium Sra. Piper.

Dessas experiências foi tomado um excelente resumo, segundo o que disse o Sr. Sage. Tem como título: *A Sra. Piper e a sociedade anglo-americana para as pesquisas psíquicas*.

37 Peço ao leitor, a quem a concepção de uma dupla subconsciência parecer inútil e inverossímil, que guarde seu julgamento. Talvez, quando, pela leitura dos capítulos seguintes, houver entrado em contato com a facilidade e a simplicidade com que essa concepção permite a interpretação completa da psicologia normal, anormal e supranormal, venha a pensar diferentemente.

38 Ver os interessantes exemplos que, do fato, apresenta Aksakof.

39 Hartmann, *O Espiritismo*.

40 Na continuação deste estudo, o termo *individualidade* designará sempre o ser subconsciente, por oposição a *personalidade*, que representará o ser consciente normal.

41 F. Myers, *A Personalidade Humana, sobrevivência e manifestações paranormais*, Paris, F.

Alcan.

42 Dr. P. Sol ier, *Genèse et nature de l'hystérie*, Paris, F. Alcan.

43 Ver Branly, *Compte rendu de l'Académie des Sciences*, 22 de novembro de 1890, 12 de janeiro de 1891, 12 de fevereiro de 1894, 27 de dezembro de 1897. Ver também a memória do Dr. Gerest, *Lyon Médico*, 21 de agosto de 1898.

44 Ver, para mais pormenores, o livro de Th. Darel, *A loucura do ponto de vista psíquico*, Paris, F. Alcan.

45 A menos que, bem entendido, o faça como uma personalidade espírita.

46 Ver, sobretudo, os trabalhos de Janet sobre o *Automatismo psicológico*, Paris, F. Alcan.

47 Entre os mais notáveis exemplos de perfeição dos atos automáticos, pode citar-se o caso de coreografia sonambúlica, como o de Line, estudado por de Rochas no seu belo livro: *Os sentimentos, a música e o gesto*; além do ocorrido com Madeleine G..., narrado pelo Prof. Flournoy nos *Arquivos de psicologia*, julho de 1904.

48 Por exemplo, logo que o magnetizador sugere a projeção ao longe, da força-inteligência exteriorizada, com a finalidade da visão a distância.

49 Isso não passa, bem entendido, de uma regra geral. Os seres superiores, que possuem uma vontade muito forte, mas que não têm a temer os desvios de sua sugestibilidade, sabem elevar-se sempre sobre o misoneísmo, restringindo o menos possível sua aptidão para as aquisições novas, ainda as mais distanciadas de suas idéias e hábitos de pensar. Instintivamente, sentem que se lhes poderão assimilar, sem que subvertam sua característica pessoal.

50 Myers, *A consciência subliminal*.

51 Seria fácil demonstrá-lo experimentalmente: é suficiente, para tal, comparar os casos de sucesso por sugestão de hipnose prévia ao ato, ou por sugestão do ato por si só.

52 É claro que se pode fazer intervir, como agente de transmissão das vibrações da força-inteligência exteriorizada, o éter ambiente.

53 Do mesmo modo que a verificação de relâmpagos de lucidez na vida normal.

54 Maxwell, *Les phénomènes psychiques*, Paris, F. Alcan.

55 Ver as observações de Hodgson, de Aksakof, de *Mme*. d'Espérance, *etc*.

56 Prof. Grasset, *Hipnotisme et Sugestion – Le Spiritisme devant la Science*.

57 Consultar especialmente as bibliotecas espírita e teosófica.

58 Aqui observamos claramente a teoria do Dr. Geley, da expansão progressiva do ser do inconsciente ao consciente, tese essa que ele desenvolverá com brilhantismo no livro *Do inconsciente ao consciente*. Essa teoria, de grande profundidade, acha-se plenamente de acordo com os princípios do Espiritismo, contidos em *O Livro dos Espíritos*. Acarreta as res-ponsabilidades morais sempre em gradação maior, quanto maior for o entendimento que o ser possua, em contato consciencial com o universo. (N.T) **59** O Dr. Geley refere-se, provavelmente, a Muhammad Ibn Abdulla Ibn Abd-Al Muttalib ib Nashim, conhecido entre nós como Maomé. A tradição aponta seu nascimento em Meca, no ano de 579 d.C., tendo falecido aos 8 de junho de 632 d.C. No livro básico do Maometismo, o *Corão*, existe, em 2:257, a seguinte máxima: "Em religião não deve haver nada de imposi-

ção." (N.T.)

60 Consultar *A subconsciência*, de J. Jastrow, F. Alcan.

61 Ob. cit., págs. 116 e seguintes.

62 Ob. cit., págs. 43 e 44.

63 Ob. cit., págs 143 e seguintes.

64 Examinar, por exemplo, na *Revue Scientifique et morale du Spiritisme*, número de setembro de 1905, a páginas 179 e 180, a tradução de uma comunicação publicada pelo jornal espírita inglês *Light*. Tal comunicação afirma a reencarnação.

65 Eis aqui alguns exemplos: à página 51 dos *Ensinos Espiritualistas*: Pergunta: "As crianças passam imediatamente para altas esferas?"

Resposta: "Não; não se pode ser assim dispensado da experiência da vida terrestre... amor e ciência ajudam a alma. A criança pode possuir uma dessas coisas, e somente pela educação constantemente adquirida pode obter a outra, seja pela ligação a algum médium, *seja por uma nova vida terrestre*."

À página 287: "a maior parte dos Espíritos encarnados sobre a Terra... se acha na condição corporal que obumbra a visão espiritual e suprime a lembrança da *existência anterior*..."

À página 286: "essas encarnações especiais (as dos Espíritos muito elevados) sobre as quais sereis mais tarde melhor instruídos, até um certo ponto diferem das dos outros homens..."

66 *Annales des Sciences Psychiques*, setembro de 1906.

Document Outline

- Explicação
- Introdução Do método e da evolução da filosofia científica
- Primeira Parte – Estudo dos fatos obscuros de psicologia normal e anormal – Ensaio de síntese explicativa
  - Capítulo Primeiro Fatos obscuros de psicologia normal
    - I É possível reduzir toda a psicologia ao funcionamento dos centros nervosos?
    - II Dificuldades de interpretação fisiológica no campo da psicologia normal
  - Capítulo Segundo Fatos obscuros de psicologia anormal 9F
    - I As neuroses
    - II As manifestações de personalidades duplas ou múltiplas no mesmo indivíduo (além dos estados hipnóticos ou mediúnicos) 12F
    - III O hipnotismo
    - IV A exteriorização da sensibilidade
    - V Lucidez 18F
    - VI Exteriorização da motricidade e sua ação a distância 21F
    - VII Ação a distância sobre a matéria por uma faculdade organizadora ou desorganizadora 25F
    - VIII Ações de pensamento a pensamento
      - Explicação das ações de pensamento a pensamento
    - IX O mediunismo
      - Explicação do mediunismo
    - X Resumo das verificações e hipóteses relativas aos fatos obscuros de psicologia normal e anormal
  - Capítulo Terceiro Interpretação das hipóteses novas: exteriorização, subconsciência superior
    - I Relações da hipótese “exteriorização” e da hipótese “subconsciência superior”
      - Interpretação da subconsciência exteriorizável
    - II Origem do ser subconsciente exteriorizável

        - III O ser subconsciente exteriorizável é o produto sintético de uma série de consciências sucessivas que nele se embasam e que pouco a pouco o constituíram
    - Capítulo Quarto Teoria sintética da psicologia segundo as novas noções
        - I Concepção geral dos fenômenos psicológicos. Os dois psiquismos, sua natureza e seu papel
        - II Interpretação das dificuldades na psicologia normal
        - III Explicação das neuroses
        - IV Interpretação dos casos de personalidades múltiplas e, de um modo geral, das alterações da personalidade
        - V Interpretação dos sonos
        - VI Interpretação do hipnotismo
        - VII Explicação das ações a distância e das ações de pensamento a pensamento
        - VIII Explicação da telepatia
        - IX Explicação de casos de lucidez
        - X Explicação do mediunismo
        - XI Conclusão e resumo
    - Capítulo Quinto Objeções e teorias opostas
        - Uma teoria de transição (O sistema do Prof. Grasset) 55F
- Segunda Parte Esboço de uma filosofia idealista baseada sobre as novas noções
    - Capítulo Primeiro A filosofia palingenésica
        - I A evolução da alma
        - II Explicação do mal
        - III Conseqüências morais e sociais
    - Capítulo Segundo Induções metafísicas
        - I As grandes leis naturais da evolução
        - II Modo de aplicação geral das leis evolutivas
        - III Adaptação das novas noções à filosofia monista
        - IV Conclusão
- Apêndice